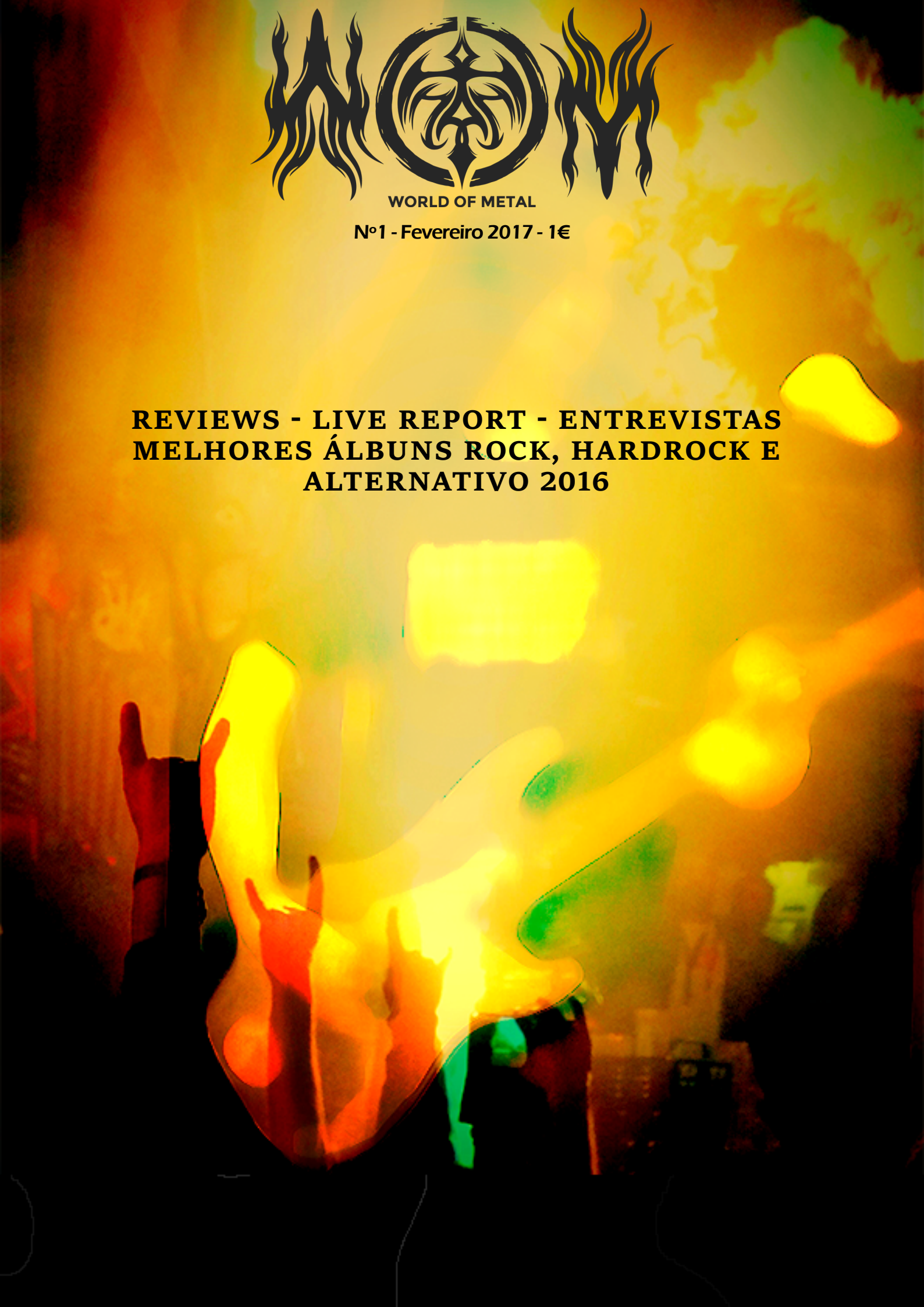
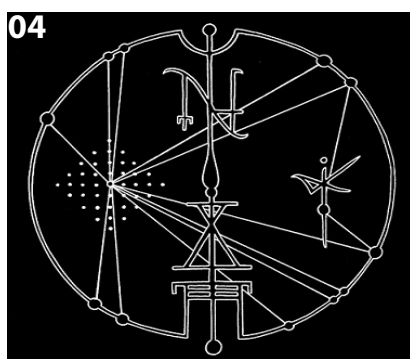
Nº1 - Fevereiro 2017 - 1€

REVIEWS - LIVE REPORT - ENTREVISTAS
MELHORES ÁLBUNS ROCK, HARDROCK E ALTERNATIVO 2016

ENTREVISTA

TOP 20 2016

ARTWORK INSIGHTS

REVIEWS

LIVE REPORT

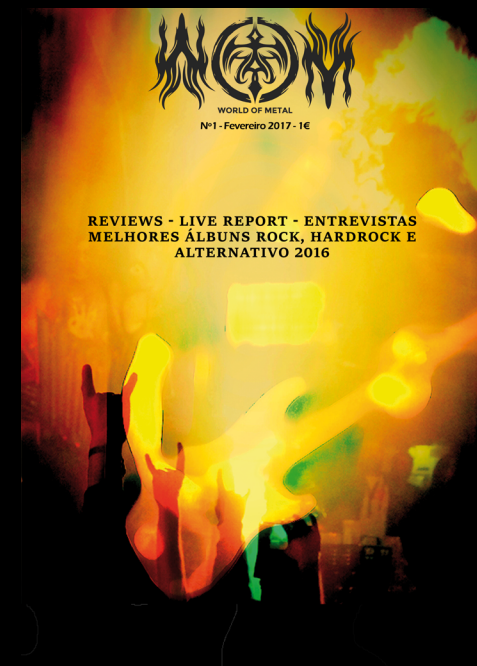
Editorial

E aqui estamos. 2016 já lá vai e agora é tempo de avançar para esta nova aventura. Foi um ano terrível para a arte em geral e a música em particular. Desde estrelas de pop como David Bowie, Prince e George Michael até à lenda Leonard Cohen, foi uma colheira terrível. E nem o rock/metal escapouco com os desaparecimentos de Keith Emerson, Jimmy Bain, Paul Kantner entre ouros. Mas não é isso que queremos guardar de 2016. Queremos celebrar a música. Celebrar a excelente música que nos foi ofertada nos doze meses de 2016. E foi um grande ano. Aliás, foi mesmo um excelente ano.

Em Dezembro de 2015, quando o deus do metal Lemmy Kilmister faleceu, tivemos a real e triste percepção que talvez os nossos ídolos não são imortais, não da forma como julgávamos, mas não existe qualquer dúvida que a sua música o é. Todo este projecto não é só dedicado a essas lendas caídas como à música em si. Música, a linguagem universal onde (mais que nunca) temos trabalhos de todos os cantos do mundo, da India até à Nova Zelândia, da China à África do Sul. Um verdadeiro mundo do metal. E o ano de 2016 trouxe-nos a mais bonita e intensa música, provando que apesar do mundo estar a mudar rapidamente (e a enlouquecer ao mesmo ritmo), a única boa constante é mesmo a música.

Então decidimos fazer algo completamente louco. Decidimos que iríamos reunir numa só uma revista os melhores álbuns de 2016. Claro que estando ainda com o staff particularmente reduzido, essa tarefa revelou-se completamente impossível - a previsão seria que estaria pronta lá para Dezembro de 2017. Sendo assim, mudámos de ideia e vamos fazer antes uma revista mensal com as reviews, entrevistas, reportagens, os concorrentes a melhor álbuns do mês e o respectivo vencendor. E claro, os 20 melhores álbuns de Rock, Alternativo e Hard Rock de 2016, sendo esta as nossas três primeiras escolhas. Cada mês vamos revelando aos poucos a tão ansiada lista de melhores álbuns de 2016, estilo por estilo. O objectivo é tentar e trazer-vos o melhor dos melhores em cada género e subgénero, do rock ao grindcore. Provavelmente, e digo já em primeira mão, que nos vamos esquecer de algum disco que acham essencial e por isso pedimos desculpa. Também vamos colocar alguns que poderão achar que não lembram o diabo e por isso... não pedimos desculpa. Estou a escrever reviews desde 2005 e digo-vos, uma das minhas maiores frustrações é sentir que houve música que por, alguma razão desconhecida, me passou ao lado. Vamos tentar evitar isso, mas é algo muito difícil, senão mesmo impossível de atingir.

Vamos crescer aos poucos, com novas ideias, com novos álbuns e sempre com boa música a servir de boa sonora. Prontos? Aqui vamos nós.

Fernando Ferreira 2017

World Of Metal #1
Fevereiro 2017

Website
http://radiowomblogspot.pt

Editor
Fernando Ferreira
dungeons.records@gmail.com

Fotos
Sónia Ferreira

Interessados em participar neste projecto poderão enviar as suas candidaturas para:
dungeons.recordsgmail.com

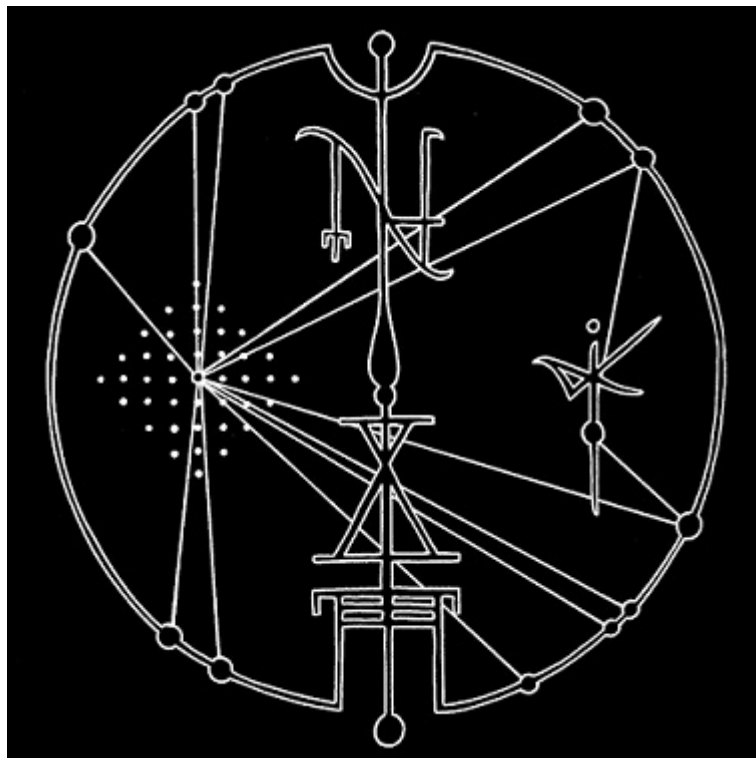
ENTREVISTA NÉVOA

Os Névoa são um dos grandes novos valores do metal extremo nacional que lançaram um dos grandes álbuns deste ano - caso existam dúvidas, podem conferir a nossa opinião aqui - que já estão a fazer furor lá fora e a justificar a aposta da Avantgarde Music. Fomos falar com o duo portuense nas vésperas da sua actuação no Reverence Valada 2016 :

HTTPS://NEVOAOFFICIAL.BANDCAMP.COM/

WOM - *Antes de mais parabéns pelo vosso segundo álbum "Re Un" que, pelo que sei, está a ter uma excelente repercussão um pouco por toda a parte (quinto no nosso top 20 para o álbum do mês de Agosto). Como é que está a ser, está a corresponder às vossas expectativas?*

Névoa - Ficamos contentes de ver que as pessoas estão a gostar do disco. Permitiu-nos dar o concerto no Amplifest e por sua vez criar esta nova ligação com a Amplificasom.

WOM - Há uma mudança de sonoridade (embora na nossa opinião, a identidade permaneça lá), ela surgiu naturalmente ou era um caminho que já queriam seguir depois do lançamento de "Below The Celestial Abyss"? É-vos indiferente pertencerem ou não ao rótulo/prateleira black metal?

Névoa - Referes-te ao single ou ao primeiro álbum "The Absence of Void"? De qualquer forma, sim, temos consciência de que há grandes mudanças neste disco em relação ao que fazíamos antes. Esta evolução foi natural para nós e relaciona-se com a nosso desenvolvimento como pessoas e músicos. Termo-nos afastado do género black metal por causa dessa evolução é-nos indiferente, assim como o é estar ligado a qualquer outro género em específico, neste momento.

WOM - Uma das referências que apontamos em "Re Un" são os Process Of Guilt. É um nome que vos faz sentido como influência? Que outras têm?

Névoa - Temos bastante respeito pelos Process of Guilt mas não foram de todo um influência para o "Re Un", no sentido em que nenhum de nós conhece o trabalho deles a fundo. No entanto, serviram de inspiração para este disco bandas como Wardruna, Dark Buddha Rising, Swans, Amenra ou Oranssi Pazuzu.

WOM - A vossa música vive de intensidade e, como é sabido, ao vivo essa intensidade tende a acrescer. É complicado passar essa mesma intensidade para cima do palco ou é algo que para vocês é natural, mesmo tendo que usar músicos exteriores aos Névoa para conseguirem interpretar a vossa música?

Névoa - Não, diríamos que é até mais natural. Aliás, para nós, a "verdadeira" versão do disco e aquela que consegue mais facilmente transmitir o que pretendemos é a que interpretamos em concerto, com o ambiente certo entre nós e o público. No que toca ao Ivo e ao Miguel, não só são obviamente essenciais para tocarmos ao vivo como contribuem para a tal atmosfera de que falamos.

WOM - Têm 2 anos de actividade, um single, dois álbuns, a presença numa editora como a Avantgarde Music, uma editora que garante qualidade, a participação num evento como o Reverence... quando é que vão abrandar? (não que nos estejamos a queixar)

Névoa - Desde o início que sempre tivemos objectivos definidos e ambiciosos para Névoa, por isso é uma grande motivação ver que continuamos a cumpri-los e que as pessoas notam isso. Enquanto tivermos inspiração e vontade de criar música, vamos continuar ao ritmo que temos tido até agora.

WOM - Como é para vós tocar ter a oportunidade num festival como o Reverence Valada? Ok, ainda não tocaram mas na iminência de o fazerem... qual é o sentimento dominante?

Névoa - Estamos bastante entusiasmados com o concerto e vamos dar o nosso melhor! É uma grande oportunidade e vai ser uma experiência nova tocar num ambiente um pouco diferente do que estamos habituados.

WOM - Faz parte das vossas ambições tocar ao vivo cada vez mais e em festivais (onde terão a possibilidade de chegar a outras pessoas que não os conhecem e conquistá-las) ou preferem os clubes e recintos mais pequenos?

Névoa - Pessoalmente e enquanto espectadores, preferimos salas fechadas mas sendo este o nosso primeiro concerto num festival "ao ar livre", ainda não podemos ter uma opinião concreta. O material deste novo disco resulta muito bem ao vivo, cria-se uma dinâmica especial entre os músicos, algo que não acontecia nos concertos anteriores e por isso, tocar para pessoas que não ainda não ouviram o "Re Un" ou não nos conhecem é sempre um desafio maior mas precisamente por isso, mais motivante para nós.

WOM - Então... e para o ano, temos outro álbum? Agora a sério... planos para o futuro, passa por apostar em levar mais "Re Un" para a estrada e tentar levar inclusive lá fora?

Névoa - Sim, neste momento o nosso grande objectivo é cobrir mais umas datas em Portugal e depois levar o disco a palcos internacionais. Em relação a um futuro álbum, já temos algumas ideias e conceito, mais ainda é cedo para se falar nisso.

WOM - *Obrigado pela entrevista, mais algumas palavras que queiram deixar?*

Névoa - Obrigado nós! Tocamos no palco Indiegente às 19:20 de dia 10. Apareçam!

ENTREVISTA

"Insanity", dos Sixty Miles Ahead foi um álbum que nos impressionou pelo seu poder rock, algo que julgávamos estar em extinção - poderão conferir a review neste mesmo artigo. O impacto foi de tal forma que tivemos que ter uma conversa com a banda italiana, tendo como interlocutor o simpático baterista Luca Caserini, que nos revelou como é o actual momento vivido pela banda e respondeu a mais umas curiosidades que tínhamos a respeito dos Sixty Miles Ahead.

HTTP://SIXTYMILESAHEAD.COM/MAIN/

WOM - Olá Luca! Antes de mais, obrigado por esta entrevista. Deixa-nos dar os parabéns por este grande álbum que é "Insanity". Presumo que estejam todos satisfeitos com o mesmo, certo?

Luca - Olá e obrigado! E sim, estamos muito satisfeitos com "Insanity" tanto em termos de composição como de produção. Tivemos controlo absoluto em cada aspecto do álbum e tomámos alguns riscos com isso também, mas valeu bem a pena!

WOM - Uma das coisas que mais gostei em "Insanity" é que soa moderbo mas ao mesmo tem um feeling de rock clássico das década de setenta e oitenta sem necessariamente soar retro. Quais foram as vossas intenções em relação ao som como um todo? Tiveram algum plano definido ou apenas deixaram fluir?

Luca - Fico feliz que tenhas reparado! Em termos de composição, surgiu tudo muito naturalmente porque todos na banda temos diferentes influências. Adoramos rock e metal de todas as épocas! Não é fácil mas tentamos sempre reinventar os clássicos do hard rock e do heavy metal à nossa maneira. Em relação ao som, foi planeado de alguma forma. Queriamos soar modernos por ter um som grande, poderoso e acrescentar alguns sintetizadores e elementos electrónicos em algumas canções, mas queriamos que tanto a voz como os instrumentos soassem reais e dínamicos. Também gravámos parte das músicas no nosso próprio estúdio, onde as músicas foram escritas e tocadas pela primeira vez sem adicionar muitos efeitos ou fazer edições no processo de mistura.

WOM - Que influências vos são mais queridas e que influenciaram não só "Insanity" mas também o iniciar a carreira dos Sixty Miles Ahead?

Luca - Sempre gostámos de bandas que tentar criar o seu próprio caminho na cena de rock/metal moderno. Bandas como Alter Bridge, Avenged Sevenfold, Shinedown, Stone Sour e Black Stone Cherry.

WOM - Não sei como é em Itália, mas aqui em Portugal, o rock, hard rock e o metal são underground, sem praticamente expressão nos media mainstream... aí é igual?

Luca - Sim, infelizmente, aqui é igual. Quer dizer, existem muitos ouvintes de rock/metal em Itália, mas o interesse vai na grande maioria para bandas estrangeiras e grandes festivais ou concertos. Há uma falta de interesse para as bandas locais quer por parte do público quer por parte do negócio da música em si, mas estamos a dar o nosso melhor para mudar isso e assinar com a Eclipse Records dos E.U.A. fez uma grande diferença!

WOM - E tocar ao vivo? Existe um bom circuito para concertos em Itália? Existem planos de digressões pela Europa, passar por Portugal, talvez?

Luca - Acreditamos muito que os concertos são o sítio correcto para que a nossa música seja aproveitada no seu melhor. Nos últimos cinco anos temos tocado muito. E estamos prestes a fazer um concerto de lançamento do álbum em Milão e posteriormente serão anunciados mais espectáculos. Digressão pela Europa é o nosso grande objectivo, pelo que esperamos ter boas notícias em breve.

WOM - Como banda, quais são os vossos objectivos? O que esperam atingir?

Luca - Penso que todos os músicos sonham em tocar em estádios cheios mas o principal é chegar ao coração das pessoas e saber que a tua música significa algo para alguém! Neste momento, o objectivo é chegar a quantos mais ouvintes possível, de todas as formas que estejam à disposição e dar a conhecer o nosso novo álbum. No futuro seria óptimo partilhar uma digressão com as bandas que já citei anteriormente.

WOM - Como é que vês o futuro na música ou na música pesada em particular? Alguns maus pressentimentos em

relação ao lado dos negócios ou pensas que estas mudanças são inevitáveis?

Luca - As mudanças são inevitáveis mas, sabes, elas estão a acontecer a uma velocidade nunca antes vista, por isso é difícil acompanhar... na minha opinião muito pessoal, existem demasiadas bandas que soem todas ao memso e tenho a sensação que é algo que o negócio da música apoiou nos últimos anos. Também é difícil encontrar algo interessante, mas temos mais poder para escolher do que alguma vez tivemos, por isso é também a questão de não se ser preguiçoso e procurar aquilo que é bom para nós enquanto ouvintes.

WOM - Da nossa parte, esperamos que tenham todo o sucesso possível porque este álbum é mesmo muito bom! Para terminar a entrevista, pedia apenas para deixar uma última palavra sobre os vossos planos para o futuro mais próximo.

Luca - Obrigado! Realmente significa muito para nós! Mal podemos esperar para lançar "Insanity" e tocar ao vivo as novas músicas, elas vão mudar o nosso espectáculo ao vivo por completo. Temos mais algumas grandes surpresas a preparar neste momento, mas ainda é cedo para falar nisso! Mantenham-se atentos ao nosso site em www.sixtymilesahead.com e acompanhem a banda nas redes sociais para se manterem actualizados. Obrigado!

01. Lost In My Mind
02. Every Time I Try
03. Sign For Tomorrow
04. Insanity
05. Dirt And Lust
06. Let Go
07. Dead Space
08. Neverending Fight
09. All My Fears
10. No One Else
11. Absence Of Light
12. Used To Believe

Duração 43:50

2016 Eclipse Records

SIXTY MILES AHEAD - "INSANITY" 8.5/10

Para quem achava que o rock estava morto, os últimos tempos têm sido férteis em apresentar propostas valorosas no género, e os italianos Sixty Miles Ahead trazem-nos mais uma, o seu novo álbum "Insanity" que rocka como gente grande. É um trabalho que é moderno mas não deixar de piscar o olho ao passado, às regras de bom tom, tais como riffs e solos de guitarra. Parece algo parvo de se dizer mas é o sinal dos tempos: falar de uma banda de rock e festejar quando a mesma apresenta bons riffs e solos de guitarra - e que grandes solos temos por aqui.

Independentemente de ser um produto dos dias em que vivemos, este "Insanity" seria sempre um bom álbum, não interessa a época em que é lançado, não se mantendo refém de nenhuma época em específico e focando todas as suas atenções nas músicas que são realmente muito boas, nunca fugindo ao rock mas também não ficando refém dos seus lugares comuns - nem será preciso relembrar que este é um estilo com pelo menos sessenta anos. Malhas como "Lost In My Mind", "Dirt And Lust" e "Dead Space" podem não assumir-se como clássicos do rock mas definitivamente são grandes malhas.

Com a força do metal, a finesse clássica do hard rock e a melodia e bom gosto do rock, "Insanity" é uma lição de como fazer bom rock nos dias de hoje sem soar retro nem adulterar com elementos estranhos (e obviamente que nem o heavy metal, nem o hard rock são elementos estranhos ao rock) nem adulterações para que passe na rádio graças a colaborações com um rapper ou com uma cantora de hip-hop. Mas não falemos de coisas tristes, falemos antes de rock e dessa grande banda italiana que são os Sixty Miles Ahead. Talvez não se tornem conhecidos internacionalmente como alguns dos artistas atrás mencionados... mas têm valor para isso.

ENTREVISTAS ESTAPAFÚRDIAS

A nossa primeira entrevista estapafúrdia é com um dos grandes nomes do nosso underground nacional, Pedro Pedra. Com participação activa naquela que é, por mérito próprio, a verdadeira instituição de grind nacional, os Grog e os recentes, também grinders, Di.Soul.Ved, entre outros projectos, Pedra é uma referência incontornável da música extrema e encheu-nos de honra para este primeira rúbrica.

WOM - A nossa rádio tem uma porrada de programas diários. A Hora da Morte que foca o death metal e grindcore ou gore, A Hora do Chifrudo que foca o black metal, A Hora Delicatessen que move-se nos meandros do gótico e sinfónico, A Hora do Monólito que é no doom, A Hora do Heavy Mental que foca heavy/power e a Hora do Rasganço que foca o thrash. A nossa primeira questão desta entrevista estpafúrdia é... qual o programa que escolherias?

PP - Epá, eu movo-me pelo Death, Black, Grind. Diariamente, essa é a minha praia, se bem que depois tenha algumas cerejas pelo meio para quebrar a monotonia

WOM - E se tivesses escolher entre a morte e o chifrudo?

PP - Há quem diga que um é o outro... mas, escolheria a vida, aliás a morte.

WOM - Então para ti, 5 grupos que seriam fundamentais passarem no programa a Hora da Morte, ou por outras palavras, da mortandade, 5 pesos pesados que não dispensas.

PP - Actualmente, não tenho dúvidas de identificar os seguintes pesos: Autopsy, Suffocation, Immolation, Cannibal Corpse (Chris Barnes era) e Broken Hope (Joe Ptacek era).

WOM - Também temos quatro programas mensais. O primeiro é Heróis do Mar, que é, como o nome pode indicar, sobre a malta cá do reino. No mesmo espírito, 5 nomes fundamentais para ti, em termos de gosto pessoal, claro.

PP - Decayed, Simbiose, Concealment, Filii Nigrantium Infernalium e Bleeding Display são nomes que pela sua carreira e musicalidade reuném a minha preferência.

WOM - Outro programa mensal é o do Entulho, ou seja onde passamos tudo o que seja à margem dos 6 géneros atrás mencionados. Se tivesses que escolher uma banda ou artista para o entulho, qual seria?

PP - Actualmente ando colado a uma senhora que se chama Emma Ruth Rundle.

WOM - Outro programa é a Hora do Prog. É um estilo ao qual vais à bola com algum nome ou passa-te completamente ao lado?

PP - Progressivo, para mim é sinónimo de Atheist e/ou Cynic. Fora disso, não me cativa como os restantes estilos já mencionados.

WOM - Cynic actual, vais à bola ou é mais o "Focus"?

PP - Ainda admiro Cynic actual!

WOM - Estamos quase a acabar os programas mensais. Temos a Máquina do Tempo, onde revisitamos o passado. Imagina que entras num fiat 600, tentas atingir os 140 km/hora mas o motor explode antes disso e a explosão envia-te para o passado. Qual seria o álbum onde seria preferível cair?

PP - Algum de Led Zepellin seria uma viagem ainda mais agradável e ambientalmente mais sustentável.

WOM - Parece ser um destino agradável. E o último programa, pelo menos até agora, é o álbum do mês, onde fazemos uma balanço, dentro das nossas humildes capacidades, daquilo que nos passou pelos ouvidos no último mês. Dentro desse espírito, qual seria a tua escolha?

PP - O disco do mês pode muito bem ser o "Scent Of The Buried" dos suecos Interment.

WOM - E para terminar... a música. Se tivesses que escolher uma música, a do topo qual seria?

PP - E porque falei atrás de Led Zeppelin, há uma trilogia de músicas deles que são cirúrgicas...

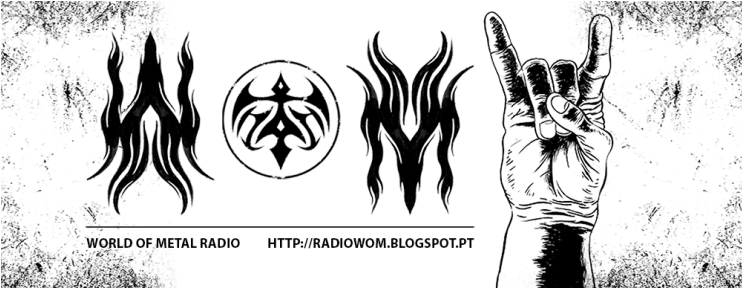
WOM - Hum... Quais?

PP - ..."Friends", "Whole Lotta Love" e "Stairway to Heaven"...

WOM - Seria um três em 1 que escolherias para A música?

PP - É difícl escolher A Música, como sabes, amanhã, com a mesma pergunta poder-te-ia responder a "Suffer", "Dead" e "The Kill" dos Napalm Death

WOM - Sofremos do mesmo mal. Como hoje é hoje, será essa escolha então.

Agradecemos profundamente a Pedro Pedra pela sua infinita paciência nesta primeira edição histórica das Entrevistas Estapafúrdias.

Programação World Of Metal Radio

Segunda-Feira
16:00h às 18:00h - Reposição Programas WOM na Warfare Radio entre 2010 e 2012
21:00h às 23:00h - A Hora da Morte - Programa dedicado ao Death, Goregrind e Grindcore
Terça-Feira
16:00h às 18:00h - Reposição Programas WOM na Warfare Radio entre 2010 e 2012
21:00h às 23:00h - A Hora do Chifrudo - Programa dedicado ao Black Metal
Quarta-Feira
16:00h às 18:00h - Reposição Programas WOM na Warfare Radio entre 2010 e 2012
21:00h às 23:00h - A Hora Delicatessen - Programa dedicado ao Gothic, Symphonic e Folk Metal
Quinta-Feira
16:00h às 18:00h - Reposição Programas WOM na Warfare Radio entre 2010 e 2012
21:00h às 23:00h - A Hora do Monolito - Programa dedicado ao Stoner e Doom Metal
Sexta-Feira
16:00h às 18:00h - Reposição Programas WOM na Warfare Radio entre 2010 e 2012
21:00h às 23:00h - A Hora do Heavy Mental - Programa dedicado ao Hard Rock, Heavy e Power Metal
Sábado
16:00h às 18:00h - Reposição Programas WOM na Warfare Radio entre 2010 e 2012
21:00h às 23:00h - A Hora do Rasganço - Programa dedicado ao Thrash Metal
Domingo
16:00h às 18:00h - Reposição Programas WOM na Warfare Radio entre 2010 e 2012
21:00h às 23:00h - Programas Mensais
Primeira semana - Heróis do Mar - Dedicado à Música Portuguesa
Segunda semana - A Hora do Entulho - Dedicado ao Rock, Punk, Hardcore, Metalcore, Deathcore e música experimental
Terceira semana - A Hora do Prog - Dedicado ao Rock e Metal Progressivo
Quarta Semana - A Máquina do Tempo - Dedicado aos clássicos do rock'n'roll
23:00h à 01:00h - Álbum do Mês - os 20 melhores álbuns
Para os interessados em participar contactar dungeons.records@gmail.com

TOP 20 ROCK 2016

Esta lista é aquilo que achamos como uma boa representação de álbuns rock lançados em 2016. Alguns clássicos, alguns com um toque de blues e outros modernos, com muito groove em cima.

E vamos começar onde tudo começou: Com o Rock. Eu sei, eu sei, o rock já não é o que costumava ser e provavelmente dizer que tudo começou com o rock não é de todo o mais correcto. Como diria o Jack, o Estripador, vamos por partes. Sabemos que se quisermos ir ao início que teríamos que ir mais além do rock mas isso já seria dispersar-nos em demasia e não acabaríamos este livro antes de 2018. E também sabemos que o rock que temos hoje em dia é bastante diferente daqueles dias em que colocávamos bandas como os *The Rolling Stones*, *Creedance Clearwater Revival*, *The Eagles*, *The Doors* e tantas outras bandas clássicas. A questão é que actualmente é muito difícil ter uma percepção clara o que é e o que não é rock. O estilo evolui, tornou-se alternativo, tornou-se moderno, pelo que teremos que evoluir também com ele e tentar sermos o mais abertos possível. Claro que, tal como foi dito anteriormente, poderão haver inclusões aqui que não faram sentido, que poderiam estar noutra lista. Digam-nos o que acham ou como seriam as vossas listas, estamos muito interessados na vossa opinião. Mas... divago. Onde é que íamos mesmo? Ah, no rock. Esta lista é aquilo que achamos como uma boa representação de álbuns rock lançados em 2016. Alguns clássicos, alguns com um toque de blues e outros modernos, com muito groove em cima. É aqui que a nossa viagem começa, com o rock em 2016.

THE TEMPERANCE MOVEMENT – "WHITE BEAR" - EARACHE

Ao segundo álbum, a banda britânica The Temperance Movement mostram realmente aquilo do qual são feitos. Claro que seu álbum de estreia auto-intitulado foi um grande trabalho dentro do campo do blues rock, mas este "White Bear" leva as coisas a um nível superior. E apesar de ser bastante tradicional, soa fresco e poderoso como se fosse a primeira vez que estamos a ouvir rock movido a blues. Actualmente temos uma tonelada de bandas retro que estão focadas em capturar o som (e o ambiente) do passado, mas com "White Bear", aquilo com que ficamos é um álbum que soa realmente fresco, tal como se fossemos transportados no tempo para uma era onde tudo era novidade. Talvez algumas pessoas achem que temos que olhar para a frente, que este hábito de olhar para trás é simplesmente uma perda de tempo e um sinal de falta de criatividade. Apesar de podermos compreender este tipo de crítica e pensamento, estamos contentes para que, não importando o tempo que passe, haja sempre alguém que consegue ir buscar todos aqueles sons que entusiasmaram multidões e influenciaram toda uma geração de músicos que começaram tudo. Claro que aqui temos aquele toque de modernidade que não nos faz esquecer o ano em que estamos - não se trata de um álbum retro, apesar de toda esta conversa. É, sem tirar nem pôr, o que temos aqui.

"não se trata de um álbum retro."

Podemos dizer que os The Virginmarys têm uma espécie de feeling punk mas sem dúvida que o punk tem um peso determinante no seu som geral. "Divides" é o seu segundo álbum e cumpre todas as promessas feitas em "King Of Conflict", a sua estreia lançada em 2013. Tem raixa, energia, melodia e algum daquele som clássico da britpop que resulta muito bem. Quando se fala no futuro do rock, é com trabalhos como "Divides" que mostram-nos que não temos nada a temer. Num mundo justo, isto seria o tipo de som a dominar as playlists das rádios e tops mainstream por esse mundo fora. haja sempre alguém que consegue ir buscar todos aqueles sons que entusiasmaram multidões e influenciaram toda uma geração de músicos que começaram tudo. Claro que aqui temos aquele toque de modernidade que não nos faz esquecer o ano em que estamos - não se trata de um álbum retro, apesar de toda esta conversa. É, sem tirar nem pôr, o que temos aqui.

THE VIRGINMARYS – "DIVIDES" - COOKING VINYL / WIND-UP RECORDS

RED HOT CHILI PEPPERS – "THE GETAWAY" - WARNER BROS

Estive tentado a pôr este álbum na lista do alternativo, mas penso que faz mais sentido colocá-los aqui. Apesar de todo o sabor funk, de vez em quando punk e até pop, já são uma banda clássica e o rock sempre foi a maior da sua expressão. Talvez por reconhecimento do seu trabalho, ou apenas por gosto pessoal, sempre achei que os Red Hot sempre tiveram um som único capaz de deitar abaixo as barreiras comerciais bem definidas. Sempre o fizeram com classe e no seu décimo primeiro trabalho de estúdio da sua carreira, depois de cinco anos de silêncio de originais, "The Getaway" mostra-os mais sólidos que nunca, apesar dos problemas encontrados na fase de composição.

A banda tinha cerca de trinta músicas e estava pronta para ir para o estúdio quando Flea partiu o seu braço quando estava a praticar snowboarding, atrasando todo o processo de gravação em cerca de oito meses. Isso deixou os Red Hot com a necessidade de repensar tudo. Escolheram Brian Burton (também conhecido como Danger Mouse), deixaram de lado todas as canções que tinham escrito antes do acidente e decidiram gravar novo material que escreveram no estúdio.

Podemos dizer por tudo isto que "The Gateway" é um prova de fogo: novo produtor (depois de cerca de vinte e cinco anos a trabalhar com Rick Rubin); cinco anos de ausência e o segundo álbum desde que John Frusciante saiu da banda pela segunda vez. O resultado foi um grande álbum que nos mostrou a faceta clássica dos Red Hot Chili Peppers mas também apontar para umas quantas novas direcções, mantendo-se sempre verdadeiros ao seu som. E podemos dizer que Josh Klinghoffer está bem sólido na sua posição (ele que até chegou a tocar baixo numa música, "The Hunter"). Um esmagador êxito comercial e acima de tudo, e bem mais importante, um grande álbum rock.

"Um esmagador êxito comercial e acima de tudo, e bem mais importante, um grande álbum rock.

Outro segundo álbum e outro grande álbum. Este fizemos a review ainda quando estávamos na Metal Imperium. Os Purson têm um som clássico, apesar de podermos dizer que o rock psicadélico ou até mesmo progressivo têm uma grande papel nisso. Abrem com a faixa título e apresentam-se logo com um sabor pouco usual de som psicadélico da década de sesenta que hipnotiza o ouvinte sem grandes dificuldades. Ok, admitimos que a voz de Rosie Cunningham tem grandes responsabilidades neste processo. Podem não ter vendido milhares de cópias por todo o mundo e pode realmente soar algo obscuro ou até retro, mas chiça, que grande álbum que é "Desire's Magic Theatre". Pensem nuns Beatles experimentais misturados com o "Electric Ladyland" de Jimi Hendrix e podem ficar perto do que podemos ouvir aqui.

PURSON - "DESIRE'S MAGIC THEATRE" - SPINEFARM RECORDS

"Podem não ter vendido milhares de cópias por todo o mundo e pode realmente soar algo obscuro ou até retro, mas chiça, que grande álbum que é "Desire's Magic Theatre".

ZAKK WYLDE – "BOOK OF SHADOWS II" - EONE/SPINEFARM

Zakk Wylde é, sem dúvida alguma, um dos grandes guitarristas vivos. Com assumida influência do deus da guitarra Randy Rhoads (R.I.P.), Wylde começou a sua caminhada para o sucesso com outro deus da música pesada, Ozzy Osbourne e ficou como seu guitarrista e compositor por um período que abrange qual duas d´cadas. Ele também foi o fundador da banda de heavy metal, Black Label Socitey. Zakk lançou em 1994 o seu projecto a solo "Pride And Glory" com uma abordagem mais próxima do rock sulista e dois anos mais tarde lançou aquele que viria a permanecer por duas décadas como o seu único álbum a solo.

"Book Of Shadows" é basicamente um álbum de folk rock sulista e permaneceu como um lançamento clássico entre os fãs do guitarrista. Vinte anos mais tarde, Wylde entrega o segundo capítulo e é excelente. Estivemos tentados a colocar este trabalho na lista do folk, mas a influência de rock clássico está sem dúvida nenhuma bem presente, com grandes solos de guitarra, cheios de feeling, com o orgão hammond no fundo e, claro, a voz rouca de Zakk, cheia de alma. Músicas clássicas de rock sulista desde a primeira audição, com muita emoção fruto da critividade de um dos grandes guitarristas do nosso tempo.

"Zakk Wylde é, sem dúvida alguma, um dos grandes guitarristas vivos.

Blood Ceremony é um dos grandes grupos de rock que surgiu do Canadá nos últimos anos. Provavelmente eles serão desconhecidos para grande parte dos aficionados do género e talvez isso seja devido ao seu som psicadélico bem clássico. Têm uma forte ligação com aquele som típico que entendemos como estando na origem do doom metal tal como o conhecemos hoje, com riffs cheios de fuzz e letras cheias de referências ao oculto. E aquela flauta... toca mesmo no ponto certo para causar uma excelente impressão. "Lord Of Misrule" é o seu quarto álbum (já?!) e mantem intacta todas as suas características demonstradas anteriormente. E é por isso que o adoramos. Mais clássico que isto, não deverá ser mesmo possível.

BLOOD CEREMONY – "LORD OF MISRULE" - RISE ABOVE RECORDS

IGGY POP – "POST POP DEPRESSION" - CAROLINE INTERNATIONAL / LOMA

Iggy Pop é, sem sombra de dúvida, uma das lendas vivas do rock'n'roll, representando aquele espírito rebelde que associamos ao rock. O seu trabalho com os Stooges e a solo influenciaram uma grande parte da música moderna e popular e como tal não é uma surpresa do outro mundo ver que "Post Pop Depression" é uma colaboração com Josh Homme (que também produziu o álbum) e Dean Fertita dos Queens Of The Stone Age e ainda Matt Helders dos Arctic Monkeys. Não podemos dizer que é um daqueles álbuns que ouvimos e que ficamos imediatamente agarrados. No entanto é um trabalho que cresce definitivamente e que tem montes de nuances. Um testemunho do talento de Pop e do seu trabalho como músico e, claro, um dos álbuns top no que ao rock diz respeito.

Os 3 Doors Down começaram a sua carreira com o êxito estrondoso do single "Kriptonite". "The Better Life" foi o álbum de onde foi retirado e deu vida a mais dois singles bem sucedidos ("Loser" e "Duck and Run"). Era o rock do novo milénio, símbolo das mudanças que o nu-metal trouxe, com bandas como Paparoach e Linkin Park a fazer um grande sucesso entre as gerações mais novas. Apesar de não ter actualmente o mesmo nível de sucesso que nesses tempos iniciais, a banda foi capaz de manter a sua carreira viva, tanto em termos comerciais como em termos criativos.

"Us And The Night" mostra-nos precisamente isso. A sua fórmula de rock vai para além dos primórdios de carreira da banda. Tem todos os ingredientes clássicos para atrair os ouvintes. Sem refrães da moda repetidos até à exaustão para conquistar os favores das rádios mainstream por esse mundo fora. É um bom álbum rock, sem fillers e que não vemos qualquer problema em pegar nele de tempos a tempos.

3 DOORS DOWN – "US AND THE NIGHT" - REPUBLIC RECORDS

"É um bom álbum rock, sem fillers e que não vemos qualquer problema em pegar nele de tempos a tempos."

COLD TRUTH - "GRINDSTONE" - BLUE ROSE RECORDS

Isto é o que podemos chamar de rock clássico. É precisamente o que pensamos quando ouvimos "Grindstone", o terceiro álbum de Cold Truth. Pensem em filmes de motoqueiros, pensem em Steppenwolf, em bares bafientes com pouca luz e bandas de blues rock a fazer jamms num qualquer palco. É esse tipo de imagem que temos e capturamos quando passamos por estas doze músicas e é uma viagem daquelas. É este tipo de sensação que tenho quando o assunto é rock. É esta a sua essência. Com aquele travo a rock sulista e claro, sem poder deixar de fazer a menção a AC/DC que é a espinha dorsal do hard rock e heavy metal. Ou pelo menos parte dela.

SCREAM OF THE SOUL - "CHILDREN OF YESTERDAY" - ED. AUTOR

Os Scream Of The Soul são uma banda nacional, provavelmente desconhecida para o caro leitor (esperamos que não) mas sem dúvida uma grande revelação para nós. "Children Of Yesterday" é uma grande mistura de tudo aquilo que amamos. Temos algum hard rock e até algum poder heavy metal mas o foco principal é mesmo o rock clássico. Flui realmente muito bem e é bastante diverso e dinâmico. O único problema que encontramos é mesmo a frustração que provoca por ser bastante curto mas até nisso é clássico. Quantos álbuns clássicos de rock têm uma duração semelhante? E isso não fez com que ficassem esquecidos no tempo. Um grande álbum e uma grande banda que devemos manter debaixo de olho. E ouvidos também.

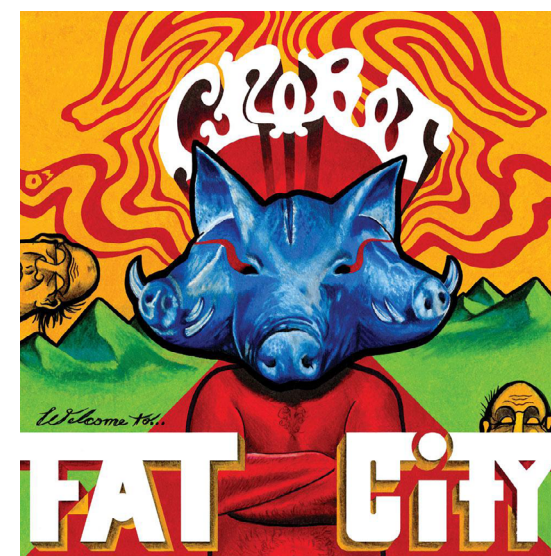
JEFF BECK – "LOUD HAILER" - ATCO

Jeff Beck é o primeiro dos nomes clássicos nesta lista. A diferença de Beck com a concorrência é que este "Loud Hailer" tem uma abordagem bem mais moderna e poderosa. Em termos de produção. É modernaço de tal forma que contrasta com a guitarra de Beck, sendo este contraste o grande atractivo deste trabalho. Alguma destas malhas até chegam a soar a industrial (ouçam a instrumental "Pull it" para ter uma ideia). Depois também temos a voz de Rosie Bones que dá um travo de soul sulista e ajuda a elevar a qualidade destas músicas ainda mais. Talvez não seja o álbum mais clássico da carreira do guitarrista mas não temos dúvida que este álbum é um dos melhores que 2016 teve para apresentar quanto ao rock.

BLUES PILLS - "LADY IN GOLD" - NUCLEAR BLAST

Já perdemos a conta ao número de vezes que elogiámos os Blues Pills no passado. Mesmo antes do álbum de estreia, ficámos enamorados com esta abordagem clássica ao blues rock. "Lady In Gold" traz-nos de volta a Elin Larsson e à sua fantástica voz (alguém se lembra da Janis Joplin?). Aqui a abordagem da banda foca-se mais na soul mas o poder rock dos Blues Pills continua intacto. Foi um dos álbuns mais viciantes que ouvimos em 2016 e apostamos que é uma tendência que se irá manter nas próximas décadas. A questão é... "Lady In Gold" não é uma mero reflexo de glórias passadas e sim um excelente álbum com nova música, que soa fresca que tem apenas a particularidade de assentar numa fórmula clássica.. Mais clássico que isto não é possível.

WHISKEY MYERS - "MUD" - SPINEFARM RECORDS

E aqui vamos nós. Sou o primeiro a admitir o grande fraquinho pelo rock sulista norte-americano. Sempre na senda para procurar e conhecer novas bandas dentro deste género. Apesar dos Whiskey Meyers não serem propriamente uma banda nova ("Mud" é o quarto álbum da banda), nunca tinhamos ouvido falar deles. Não é questão para nos envergonharmos, acabámos por chegar aqui, mais vale tarde que nunca. "Mud" traz-nos algum daquele boogie rock, com o rock sulista à mistura sem esquecer o feeling e alma da coisa. A voz de Cody Cannon faz lembrar um pouco o timbre de Steven Tyler dos Aerosmith o que até é adequado. Uma grande banda rock e um grande álbum.

CROBOT - "WELCOME TO FAT CITY" - NUCLEAR BLAST

Não tenho qualquer dúvida que a moda retro irá desaparecer por exaustão e que existem muitas bandas que não têm a qualidade desejada mas não consigo fartar-me de álbuns como este "Welcome To Fat City". Tem rock clássico escrito por todo o lado (e por esta altura já devem estar fartos de ler o termo "rock clássico") e simplesmente não nos consigmos fartar dele. É o segundo álbum dos Crobot e traz-nos exactamente aquilo que queremos (e que prometeram na sua estreia, o álbum auto-intitulado de 2014): um grande álbum de rock vintage com grande poder.

Os Wolfmother podem não ser unânimes hoje em dia. Os dias de aclamação do seu álbum de estreia já lá vão e todo aquele frenesim com esse trabalho que acabou por motivar ainda mais a cena retro. Apesar do apelo comercial poder ter desvanecido um pouco, não podemos dizer que os rapazes australianos tenham se esquecido como fazer música excelente e intemporal. "Victorious" traz-nos de volta todas aquelas qualidades que nos fizeram amar a sua estreia de 2005 apesar de não ser capaz de recriar todo aquele entusiasmo. Não interessa, é clássico, tem poder, groove e rock como tudo!

WOLFMOTHER – "VICTORIOUS" - UME

RAVENEYE - "NOVA" - FRONTIERS RECORDS

A Frontiers Records tem sido uma grande fonte para rock, hard rock e até heavy metal. Colocando o foco em grandes nomes e em novas propostas como esta dos RavenEye, o seu nível de qualidade é bastante elevado. "Nova" é uma excelente representação dessa qualidade além de ser a introdução ideal para qualquer carreira discográfica. Revela energia contagiante que a banda britânica consegue distibuir com a sua música. Apesar de sentirmos aqui e ali um certo sabor alternativo (a voz de Oli Brown parece-se bastante com a de Chris Cornell dos Soundgarden), existe sem dombra de dúvida um espírito

DAVID BOWIE – "BLACKSTAR" - ISSO / RCA / COLUMBIA / SONY

É sempre difícil manter a distância e a objectividade quando deixamos que as emoções se metam no cmainho mas afinal somos apenas humanos. Compreendemos que colocar "Blackstar" nesta lista possa não ser consensual. Podemos ficar tentados até dizer que só acontece porque David Bowie faleceu e admitimos que "Blackstar" pudesse não estar aqui não fosse o seu desaparecimento. Não é por ser um mau álbum. É apenas porque não é imediato. Vai contra a moda e o que é popular. Não deixa de ser irónico pensar que o álbum mais desafiante dos últimos anos da carreira do camaleão do rock pudesse passar despercebido não fosse o seu falecimento. "Blackstar" é como título sugere, uma estrela negra que brilha. Mais que negro, é sinistro, quase como uma despedida. Tal como o "Innuendo" dos Queen, há um tom sinistro em cima, assim como a intensidade de alguém que sabe que é a sua última hipótese de deixar uma marca na música que sempre amou. É o vigésimo-quinto álbum da carreira de David Bowie e totalmente apropriado para fechar a porta da sua discografia.

KING DUDE – "SEX" - NJRM / VAN RECORDS

Sejamos sinceros, King Dude é um grande nome para um projecto musical. Mas melhor que o nome, é a música. Até agora não temos sido indiferentes ao que este entidade nos tem trasidos mas é inegável a evolução que King Dude tem tido com a passagem dos anos e a sucessão dos trabalhos. Existe por aqui um sentimento geral de melancolia e até de nostalgia, transportando-nos para a década de oitenta. Há um feeling palpável de pós-punk/new wave que demonstra que até hoje em dia o rock tem capacidades de demonstrar diferentes faces.

ERIC CLAPTON – "I STILL DO" - BUSHBRANCH / SURFDOG

A propósito da participação de Eric Clapton no álbum dos Stones (ver abaixo), não poderíamos deixar de falar do seu próprio álbum, o vigésimo segundo da sua carreira a solo, o que não deixa de ser um número impressionante. Tal como os Stones, Clapton também tem aqui um tributo às suas raízes musicais, o blues, misturando com algum material novo, resultando num álbum de blues rock bem sólido. Muitas vezes posso ter dito no passado que o talento de Clapton era sobrevalorizado - não propriamente relacionado com o seu talento como guitarrista mas principalmente devido ao seu talento como compositor na sua carreira a solo, raramente demonstrando a sua mestria na guitarra.

Assim que o homem começa a tocar o blues... poucos conseguem batê-lo. É por isso que este é um dos seus melhores álbuns dos últimos anos.

THE ROLLING STONES - "BLUE & LONESOME" - POLYDOR

Apesar de "Blue & Lonesome" ser um álbum de covers, não pudemos de deixar de falar dele aqui. Quando falamos de rock, é impossível ignorar os The Rolling Stones. Com uma carreira que remonta aos anos sessenta, os Stones continuam activos e ainda a fazer música contra todas as probabilidades. Não sabemos quanto tempo é que vão continuar activos por isso a oportunidade de ter uma das grandes bandas de rock clássico a prestar homenagem às suas influências blues, é algo que não podemos deixar passar em branco. Com mais de cinquenta anos de rock, como o poderíamos fazer? Temos covers de Howlin' Wolf, Willie Diexon, Little Walter, Buddy Johnson entre outros e ainda a participação de Eric Clapton em duas faixas e a colaboração de Jim Keltner que trabalhou com nomes como Bob Dylan e Nash & Young. Para aqueles que gostam de investigar as raízes do rock, aqui é uma boa forma de começar.

"

toda a cena alternativa poderá estar na raíz desse pensamento, afinal o grunge veio a alterar a face do rock para sempre. Que diabos, até teve impacto no metal, não só no momento em que apareceu como no futuro. "

TOP 20 ALTERNATIVO 2016

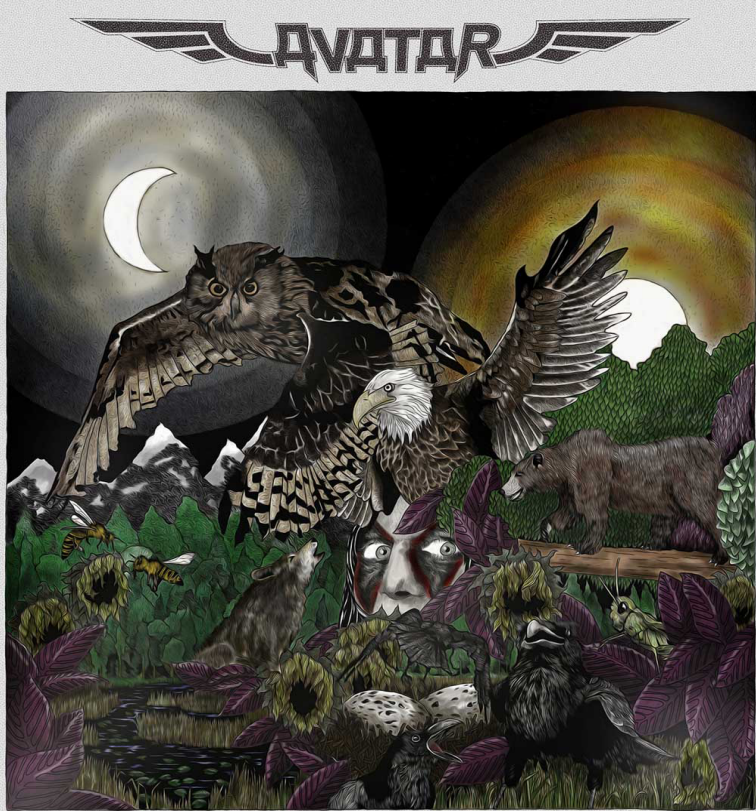
Vinte escolhas de rock já estão. Parece mentira, não é? E a pensar que ainda há quem diga que o rock está morto. Bem, toda a cena alternativa poderá estar na raíz desse pensamento, afinal o grunge veio a alterar a face do rock para sempre. Que diabos, até teve impacto no metal, não só no momento em que apareceu como no futuro. Como não achamos sentido no termo grunge e porque as propostas eram todas bastante diferentes - e até as podemos encontrar antes do aparecimento dos Nirvana - o termo alternativo é bastante mais verdadeiro para descrever toda uma série de artistas e bandas que sempre se pautaram pela sua maneira diferente de viver e explorar a música. Talvez os álbuns que escolhemos para esta lista poderiam estar no rock, no hard rock ou noutras listas deste mesmo livro. Talvez... a música é das únicas linguagens conhecidas em que a sua mensagem poderá ser entendida de forma diferente por cada um. Cada pessoa, cada ouvinte tem a sua própria sensibilidade e gostos pelo que aceitamos (e até encorajamos, como já foi dito atrás) visões diferentes.

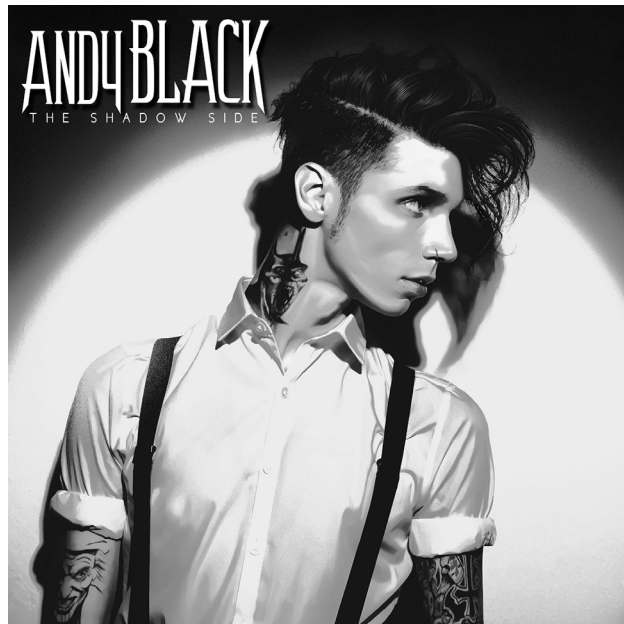
Sendo muito difícil dizer o que é que é hard rock ou o que é metal (ou mesmo o que é rock alternativo ou metal alternativo, também conhecido como nu metal) esta lista será bastante abrangente com alguns álbuns bem pesadões e negros - o que não será de estranhar a inclusão aqui de bandas como Korn e Deftones, dois exemplos da forma alternativa de ver o rock e o metal que acabaram por se tornar duas instituições da música pesada em mais de vinte anos de carreira, indo para além das modas onde se virão envolvidos - e da qual beneficiaram tanto. Vamos então passar os olhos para a nossa selecção do melhor que a música alternativa nos apresentou em 2016.

SWANS – "THE GLOWING MAN" - YOUNG GOD / MUTE

Existe alguma banda com maior influência na música experimental que os Swans? Claro que existirão sempre muitos pretendentes ao trono e é sempre uma daquelas questões retóricas mas o que queremos salientar é que se passarmos em revista do rock ao grindcore, o nome "Swans" surge com mais frequência do que aquela que seria esperado quando o assunto é influências. Não quer isto dizer que são um grupo acessível. Muito pelo contrário. Para além de toda a experimentação, existe todo um conceito de peso - talvez demasiado até para estar nesa lista. Peso sonoro, peso lírico, até a atmosfera é pesada. E mesmo que essa intensidade não se reflicta da forma mais comum e banal de distorção e feedback, há sempre aquela aura, aquela presença que enche o ar, deixando-o denso como uma parede de tijolos. Agora imaginem isso em dois cds, ao longo de duas horas. É o que temos em "The Glowing Man". Pura e simplesmente.

CHEVELLE - "THE NORTH CORRIDOR" - EPIC

Os Chevelle são uma banda de rock norte-americana que apesar de todo o seu sucesso, não podemos dizer que seja sobejamente conhecida. Em dezassete anos de carreira lançaram oito álbuns e este "The North Corridor" mostra como a banda amadureceu muito bem para lá das garras do nu metal e da influência dos Tool, entregando-nos um dos seus álbuns mais pesado de sempre. Como sempre, o peso não é o objectivo. Existem muitas camadas de paisagens sonoras que nos mostram a profundidade que este power trio consegue entregar.

AVATAR – "FEATHERS & FLESH" - ENTERTAINMENT ONE

Os Avatar são um caso estranho. Começaram como uma banda de death metal melódico quando o mesmo não era popular e depois mudaram para o nu metal quando este não era popular. Modas aparte, este trabalho é mesmo bom. Tenho que ser sincero. Desde a evolução lenta dos In Flames que perdi a fé em bandas que largaram as suas raízes death metal para algo bem mais acessível. Em defesa dos Avatar e depois de ouvir este "Feathers & Fles", o que temos aqui é uma obra de arte poderosa que nos entretem por mais de uma hora e faz-nos esquecer o género em que se insere. É excelente e para nós isso chega.

ANDY BLACK – "THE SHADOW SIDE" - UNIVERSAL

Andy Black é a designação do trabalho a solo de Andy Biersack, vocalista dos Black Veil Brides. Mesmo que a música da sua banda não seja daquela que mais nos impressiona, não podemos negar que "Shadow Side" evidencia um músico mais maduro. É catchy, é moderadamente pesado e é o mais próximo ao pop que nos vamos aproximar - ou não, estamos sempre a ser surpreendidos com as coisas que apreciamos. Um lançamento forte que pode até distrair-nos da sua banda principal, mesmo para aqueles que não suportam os Black Veil Brides. Como nós.

TREMONTI – "DUST" -FRET12

Falar de Tremonti é falar de Mark Tremonti, o talentoso (muitas vezes um pouco subvalorizado) guitarrista que conhecemos dos Creed e dos Alter Bridge. Quem diria que o homem responsável por músicas "Higher" pudesse entregar malhões poderosos como "Another Heart" or "You Waste Your Time". Este é o terceiro álbum da banda que conta também com o filho de Eddie Van Halen no baixo (ele que é baixista nos próprios Van Halen). Depois de ouvirmos este trabalho, podemos ficar tentado a incluí-lo a colocá-lo na lista de heavy metal ou pelo menos na de hard rock. Bem, em nossa defesa, a voz de Mark (sim, ele não se limita a brilhar na guitarra, também canta com alma) tem um tom alternativo que estabelece o tom para o álbum. E não é a última vez que vemos o Mark como poderão ver mais à frente.

"Quem diria que o homem responsável por músicas "Higher" pudesse entregar malhões poderosos - como "Another Heart" or "You Waste Your Time".

ALTER BRIDGE – "THE LAST HERO" - NAPALM RECORDS

Não só Mark Tremonti deu-nos um grande álbum da sua banda solo como a sua banda principal lança um grande trabalho. Enorme! Ambos têm um sabor metal acentuado (especialmente "Dust") e ambos têm aquele feeling alternativo. Mais uma vez, tal como com Tremonti, não podemos deixar de nos questionar porque é que só agora fomos atraídos para esta banda, já que eles rockam como tudo. Grandes músicas, grandes riffs e solos de guitarras, ritmo solo e ganchos suficientes para nos agarrar num instante. Foi um grande ano para Tremonti e um grande ano para os fãs de boa música.

DEFTONES – "GORE" - REPRISE

Se há alguma banda a colocar desafios ao termo nu metal, essa banda é sem dúvida os Deftones. Desde os seus primórdios que demonstram um certo desconforto acerca de serem chamados de uma banda de nu metal e apesar de algumas características em comum, eles realmente não eram como os seus restantes pares. Mais aventureiros, mais melancólicos, mais profundos. Mais tudo. Bem, "Gore" mostrou ao mundo que eles ainda poderiam ir um pouco mais além na categoria "mais", trazendo-nos aquele que é, provavelmente, o seu trabalho mais poderoso desde o início do século. Pesado, emocional, viajante e simplesmente brilhante, "Gore" deverá figurar em qualquer top de álbuns.

LACEY STURM – "LIFE SCREAMS" - FOLLOWSPOT

Que grande álbum! "Life screams" é a estreia para Lacey Sturm e dá-nos uma grande proposta de rock alternativo com a voz de Lacey a soar suave e doce mas ao mesmo tempo, muito forte e poderosa. Além disso, temos um álbum que mistura como um pro rock alternativo e uma espécie de feeling pop que combina muito bem com a voz dela. E às vezes as coisas até chegam a ficar pesadas, quase metal. Uma excelente surpresa.

NOTHING - "TIRED OF TOMORROW" - RELAPSE

O segundo álbum dos Nothing é uma obra de arte. Depois de algumas complicações com a editora Collect Records, regressaram à Relapse Records e lançaram um trabalho que assenta sobretudo na emoção para entregar a sua mensagem. "Tire Of Tomorrow é mais do que um simples álbum shoegaze. Está aliás acima de toda e qualquer classificação. É apenas excelente música. "Apenas".

THE PRETTY RECKLESS – "WHO YOU SELLING FOR" - RAZOR & TIE

Vamos já admitir: temos um fraquinho pela Taylor Momsen. Pensamos que a rapariga tem estilo e não é uma questão de aspecto, é mesmo de atitude. Desde o início dos The Pretty Reckless que ela provou não só ser uma grande frontwoman como também é capaz de rockar. Ok, por vezes a imagem é capaz de se sobrepôr à música mas faz parte do espírito da coisa. Neste terceiro álbum temos uma evolução e o som está mais maduro, mais sóbrio assim como as próprias composições. A voz de Momsen e a atitude continuam intactas e as músicas mesmo não sendo tão imediatas, mostram-se capazes de resistir ao testo do tempo. Intenso e mais negro, este é um álbum que demonstra que há muito mais nos The Pretty Reckless do que apenas os dotes de ícone da miss Momsen.

MOTHER FEATHER - "MOTHER FEATHER" -METAL BLADE

Esta escolha é capaz de não ser unânime mas fomos realmente surpreendidos pela qualidade deste álbum de estreia, apesar da imagem estranha (aberrante?) das suas duas vocalistas. Com um som que tem tanto de rock alternativo como à new wave / pós-punk da década de oitenta, o que temos é uma grande colecção de músicaas que ficam coladas na cabeça. Não é o tipo de banda que poderíamos esperar no catálogo da banda mas se a banda é boa, o que interessa isso?

INSCH - "SAFE HAVEN" - FAROL

E agora é tempo de mais música portuguesa. O álbum de estreia dos Insch é uma poderosa lição em rock alternativo, misturando perfeitamente emoção e peso. O resultado é uma boa colecção de músicas que explicam-nos o porquê da banda ter feito tanto sucesso na Balcony TV. Em caso de dúvida, ouvir os malhões como "Komorebi" ou "WYCMN" e verão do que estamos agora a falar.

"Vamos já admitir: temos um fraquinho pela Taylor Momsen. Pensamos que a rapariga tem estilo e não é uma questão de aspecto, é mesmo de atitude."

SKILLET – "UNLEASHED" - ATLANTIC

Os Skillet tornaram-se uma das grandes sensções rock que veio dos E.U.A. e "Unleashed" não parece pôr essa posição em perigo. Aqui podemos ouvir a banda a apostar forte na electrónica mas isso não significa que deixam de trazer à luz do dia grandes temas rock. Os velhos fãs vão continuar a gostar e até são capazes de atrair outros novos com este álbum sólido.

THRICE - "TO BE EVERYWHERE IS TO BE NOWHERE" - VAGRANT

Depois de quatro anos de silêncio, aqui estão eles outra vez. Os Thrice trouxeram-nos o seu nono álbum em forma com "To Be Everywhere Is To Be Nowhere" e talvez seja um dos seus melhores. Vocalizações intensas e emocionais por parte de Dustin Kensrue são o ponto principal mas não conseguimos esquecer tudo o resto. A música dos Thrice sempre foi acerca dos pormenores, aqueles que normalmente se perdem nas outras bandas mas que aqui saltam para primeiro

Não é a primeira vez que temos "regresso às raízes" que acabam em desilusões monumentais, principalmente quando as fãs anseiam por esse regresso como pão para a boca. Então estávamos cépticos quando ouvimos que este "Serenity Of Suffering" foi apontado quer por fãs, quer por não fãs, quer pela crítica como o regresso dos Korn à boa forma. E fomos agradavelmente surpreendidos. Apesar de Korn não estarem entre as nossas bandas favoritas de nu metal, sempre apreciámos alguma da sua música principalmente pela entrega vocal amalucada de Jonathan Davies. E temos isso tudo aqui - o homem até grunhe! Outro dos elementos que se salientou neste trabalho foi o ambiente. É algo estranho de se dizer de um álbum dos Korn, mas existe aqui um sabor clássico sem que soe forçado. Tudo soa orgânico. Mesmo com alguns arranjos orgânicos que se consegue ouvir. Tudo resulta de forma perfeita. Podem ter andado um pouco perdidos durante alguns anos mas voltam com tudo com "Serenity Of Suffering".

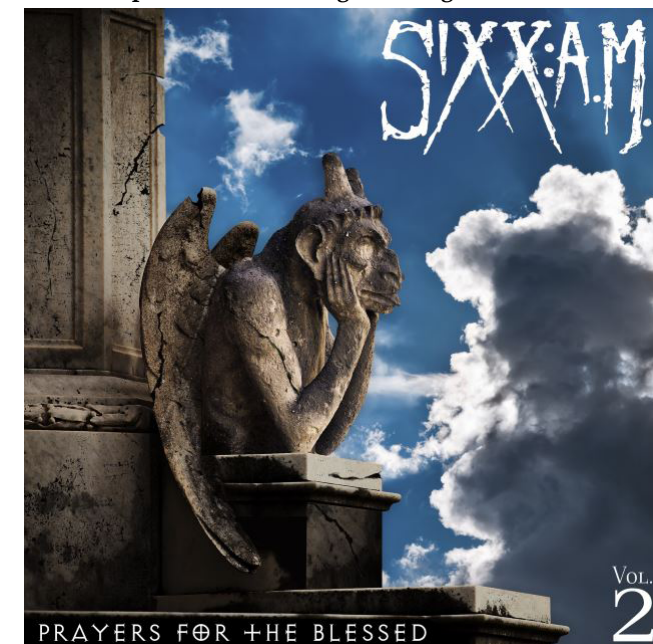
KORN – "THE SERENITY OF SUFFERING" - ROADRUNNER

TOP 20
HARD ROCK 2016

Um dos máis clássicos subgéneros que temos, depois do rock, claro está. Hard rock é onde as coisas começaram a evoluir e resultaram em heavy metal. Led Zeppelin, Deep Purple, AC/DC, Aerosmith e centenas de outras bandas clássicas. Podemos dizer que o hard rock não é o que era antes do aparecimento do grunge ou rock alternativo, mas um padrão que temos reparado ultimamente é que temos tido bandas lendárias a regressar enquanto outras continuam a lançar trabalhos depois de décadas de actividade. Também não podemos esquecer todos os novatos (e têm sido muitos, principalmente em 2016) que além de mostrar coisas novas num estilo que já se julgava esgotado, não deixam de prestar o devido tributo às coisas que já foram feitas no passado. Aqui temos de tudo, por isso, apertai os vossos cintos, porque vamos viajar pelos melhores álbuns de hard rock de 2016.

> *"Aqui temos de tudo, por isso, apertai os vossos cintos, porque vamos viajar pelos melhores álbuns de hard rock de 2016."*

SIXX: A.M. – "PRAYERS FOR THE DAMNED, VOL. 1"- ESM

Depois dos Mötley Crüe terem acabado oficialmente e Ashba ter deixado os Guns 'N' Roses, era tempo de concentrar esforços nos Sixx: A.M.. E em grande, com dois álbuns em menos de um ano. Prayers For The Damned foi o primeiro. O projecto outrora centrado no exorcizar de demónios de Nikki Sixx é agora uma banda a sério, algo que pode ser sentido neste álbum. Não só isso mas também sentimos que a banda está verdadeiramente coesa e particularmente inspirada para escrever grandes músicas. Para quem sentiu que os últimos álbuns não estavam à altura da qualidade demonstrada na estreia, então podem ficar descansados que o que temos aqui é um regresso a esse ponto. Não uma cópia disto ou daquilo mas apenas um álbum sólido do bom e velho hard rock, sem esquecer que já estamos no século 21. Não é perfeito mas é um grande regresso.

SIXX: A.M. – "PRAYERS FOR THE BLESSED, VOL. 2"-ESM

O Volume 2 ainda é melhor que o Volume 1 e só prova que Sixx: A.M. é realmente uma força a ter em conta no reino do hard rock. E como disse antes, este álbum mostra a coesão da banda mas quem fica nas luzes da ribalta é mesmo o vocalista James Michael. Se o seu talento alguma vez esteve em dúvida, este álbum serve como real prova daquilo que ele consegue fazer. Um grande trabalho que não está (nem deve ficar) muito longe do anterior."

GREENLEAF – "RISE ABOVE THE MEADOW" - NAPALM RECORDS

Os Greenleaf lançaram cinco álbuns abaixo do nosso radar mas assinar com a Napalm Records estragou-lhes a camuflagem e "Rise Above The Meadow" simplesmente não pôde ser ignorado. Um verdadeiro clássico de feeling hard rock e que adiciona uns pózitos de stoner aqui, uns pózitos de boogie ali e o resultado é um grande álbum com sabor a clássico. Mesmo que este género esteja um pouco sobrepovoado, de maneira nenhuma que este conjunto de músicas é sentido como sendo apenas "mais um".

WITCHCRAFT – "NUCLEUS" - NUCLEAR BLAST

Tal como aconteceu com os Grenleaf e o seu "Rise Above The Meadow", temos "Nucleus" dos Witchcraft, apesar deste último estar mais próximo daquilo dos Black Sabbath tal como quando se apresentaram com o seu álbum de estreia auto-intitulado em 2004. Assim podemos dizer que a banda fez um duplo regresso às raízes, regressou às suas e às do próprio estilo em geral embora mantenham alguns dos elementos dos trabalhos mais recentes. Também é um álbum que marca uma alteração no alinhamento da banda, onde ela agora se apresenta como um power-trio.

LIGHTNING STRIKES – "LIGHTNING STRIKES" - PURE STEEL RECORDS

Hard rock clássico vindo dos E.U.A. parece-nos algo só possível com acesso a uma máquina do tempo mas lá por não termos a passar nas rádios ou nas capas das revistas não quer dizer que não exista. O álbum de estreia dos Lightning Strikes chega após de trinta anos de carreira mas mais vale tarde que nunca. Um bom som hard rock, de acordo com a tradição criada pelos Deep Purple, é o resultado. No entanto nem só disso depende da banda, que evidencia uma identidade musical muito própria. Como se não bastasse temos aqui como convidados Derek Sherinian e Tony Martin.

A malta gosta de AC/DC, é um facto e não o vamos negar. Nem o queremos fazer. Talvez seja um mau começo dizer isso especialmente quando estamos a falar do novo álbum dos Airbourne. Não é pela banda ser também australiana. Para ser sincero, esse será o factor de menor importância no que diz respeito à semelhança entre as duas bandas. Os riffs simples, os refrães que se colam à cabeça como se fossem pastilha elástica colada em banco de cinema e aquela fórmula especial que resulta sempre - escrever músicas viciantes e que rockam muito. Não falha nunca. Portanto é o que temos aqui. Grandes riffs, grandes solos e grandes músicas... o que é que precisamos mais?

AIRBOURNE – "BREAKIN' OUTTA HELL" - SPINEFARM RECORDS

GLENN HUGHES – "RESONATE" - FRONTIERS

Depois da repentina (e surpreendente) extinção dos California Breed, Glenn Hughes apresenta o seu álbum mais intenso e pesado de toda a sua carreira. Não é dizer que a voz de ouro está a tocar heavy metal mas anda lá perto, com um hard rock bem pesado, mesmo contando com os seus dias nos Deep Purple. "Resonate" é um grande álbum ao qual é fácil ficar-se bem viciado e não seria nenhuma surpresa apontá-lo como um dos melhores álbuns do ano de 2016.

Frontiers Records é, sem sombra de dúvida, a editora de referência quando o assunto é hard rock. Algumas vezes AOR/Rock FM, outras, power metal mas a média é sempre pelo hard rock. E do bom. E é precisamente o que temos com este projecto de Nathan James (da Trans-Siberian Orchestra), os Inglorious. O vocalista comanda a banda destemidamente pelo hard rock com um forte feeling blues (ouvir a "Holy Water), num álbum que não falha nunca.rock que é bem sólido.

INGLORIOUS – "INGLORIOUS" - FRONTIERS RECORDS

Não é por acaso que temos tantos álbuns da italiana Frontiers Records neste top vinte da lista dos álbuns de hard rock. Eles sabem mesmo o que andam a fazer e estão bem atentos. King Company é outro exemplo perfeito onde temos hard rock que faz lembrar Deep Purple que nos é trazido pelos rapazes finlandeses. Para quem espera outro tipo de som vindo da terra dos mil lagos, esta é uma boa forma de variar, já que "One For The Road" é um excelente álbum. Pasi Ratanen tem uma grande voz que lembra-nos uma espécie de fusão entre Joe Lynn Turner e David Coverdale enquanto as músicas em si, além de terem a já citada influência Purple, também têm um travo a Rainbow da década de oitenta.

> *A malta gosta de AC/DC, é um facto e não o vamos negar."*

KING COMPANY – "ONE FOR THE ROAD" - FRON-

AVANTASIA – "GHOSTLIGHTS" - NUCLEAR BLAST

Avantasia regresa com"Ghostlights" que começa onde "The Mystery Of Time (A Rock Epic)" terminou, no que diz respeito à história que envolve os dois discos. Claro que estamos a falar de mais uma metal opera por parte do nosso amigo Tobias Sammet. Nesta segunda parte e musicalmente falando, temos um trabalho mais maduro e completo. Até poderemos dizer que o que temos aqui é power metal sinfónico mas o hard rock é o que está realmente na base tudo (desde o terceiro álbum, inclusive, que assim é) especialmente tendo em conta as melodias vocais. Uma das propostas mais sólidas dos últimos anos, "Ghostlights" é um álbum que recupera o brilho do projecto conhecido como Avantasia.

KEE MARCELLO - "SCALING UP" - FRONTIERS RECORDS

Kee Mracello é um grande guitarrista, algo que não nos foi totalmente óbvio durante o tempo que esteve nos Europe. Esses dias já lá vão e agora oferece-nos com este álbum a solo a possibilidade de verificar o seu talento, não só como guitarrista mas também como cantor. "Scallin Up" é um álbum de hard rock melódico bem clássico e que nos oferece um dos grandes trabalhos do género em 2016. E não, não é parecido com Europe.

KVELERTAK – "NATTESFERD" - ROADRUNNER

Esta é capaz de causar alguma controvérsia. Os rapazes noruegueses conhecidos como Kvelertak podem ter alguns elementos metal extremo no seu som mas ninguém poderá negar que o hard rock clássico tem um papel muito importante no seu som. Grandes solos, grandes riffs e até alguns blastbeats resultam num grande álbum cujo título poderá confundí-los por alguma banda de black metal épico. Deixem-se de preconceitos e mergulhem no mundo dos poderosos Kvelertak.

THE TREATMENT - "GENERATION ME" - FRONTIERS

Outra grande banda que nos é trazida pela Frontiers. Os The Treatment vieram do Reino Unido para nos agitar com a sua energia contagiante e o seu hard rock viciante. É o seu terceiro álbum mas o primeiro com vocalista Mitchel Elms e o novo guitarrista, Tao Grey. O impacto é o semelhante àquele que tivemos quando ouvimos os AC/DC pela primeira vez. Os irmãos Young são uma influência óbvia mas também podemos apontar outros, como os Tesla. O hard rock é bem tratado aqui.

JOY - "RIDE ALONG" - TEE PEE RECORDS

O rock clássico tem sido uma constante nos últimos anos e 2016 não foi excepção como já devem ter reparado pela lista das melhores propostas rock. Os Joy poderia ter ficado lá mas o seu som mais pesado faz com que seja mais apropriado a lista de hard rock sem grandes problemas. Temos uma versão dos ZZ Top e originais que deixam um sorriso na face se o amor pelo som da guitarra blues for profundo, sem esquecer um travozinho psicadélico. Se não for o seu tipo de coisa, então o problema está definitivamente desse lado!

MOTOROWL - "OM GENERATOR" - CENTURY MEDIA

Praticamente vindos do nenhures, os Motorowl são agarrados pela toda-poderosa Century Media Records. Enquanto se pode ficar tentado a duvidar as razões desta escolha, devemos ouvir com calma "Om Generator". É um dos grandes álbuns de estreia de 2016, tendo em conta todos os géneros. É cru mas poderoso (cortesia de uma produção com a garantia de qualidade do senhor Dan Swäno), forte, pesado mas ainda cheio de melodias. Temos aqui uma grande banda, não hajam dúvidas.

Os Treat estiveram adormecidos desde que lançaram o excelente "Coup De Grace" seis anos antes mas eles não poderiam ter acordado numa melhor altura. Hard rock clássico com um sabor nostálgico sem entrar na onda retro - e o pesso dos Treat estavam lá quando tudo aconteceu portanto toda a questão retro não faz qualquer sentido ser aplicada aqui. É como termos actualmente o melhor da década de oitenta mas sem sentirmos que estamos a ouvir algo datado. Um conjunto de músicas viciantes que deveriam estar nas playlists das chamadas rádios "rock" mainstream por esse mundo fora. Nós aqui na World Of Metal passámos (e ainda passamos) a maior parte das músicas deste álbum.

> *Nesta segunda parte e musicalmente falando, temos um trabalho mais maduro e completo."*

TREAT - "GHOST OF GRACELAND" - FRONTIERS

Os Spiritual Beggars sempre foram uma banda à parte. Talvez por ser um projecto de Michael Ammott dos Arch Enemy (um projecto bastante diferente da sonoridade de death metal melódico que ele sempre nos habituou) ou talvez por terem um som retro antes de ser cool dizer que se toca um som retro. Seja como for, sempre esperámos bom hard rock de qualidade por parte dos Spiritual Beggars e inevitavelmente foi isso que tivemos com este "Sunrise To Sundown" onde a banda demonstra que qualquer filão é inesgotável desde que se tenha talento e criatividade para o alimentar.

SPIRITUAL BEGGARS – "SUNRISE TO SUNDOWN" - INSIDEOUT

BLACKFOOT – "SOUTHERN NATIVE" - LOUD & PROUD

Parece que não mas os Blackfoot já são uma banda clássica com uma história com mais de quarenta anos. Com a sua origem a remontar ao final da década de sessenta, a banda norte-americana já não lançava um álbum à mais de vinte anos sendo o último trabalho sido lançado em 1994. Apesar da banda não ter nenhum dos seus membros originais entre as suas fileiras, sem dúvida que o elemento clássico do bom e velho hard rock sulista pode ser encontrado ao longo destas dez malhas.

BLACK STONE CHERRY - "KENTUCKY" - MASCOT

Mesmo sem atingir níveis estratoféricos de fama e sucesso, os norte-americanos Black Stone Cherry distinguiram-se pelo seu amor e devoção ao hard rock de tendências sulistas. Ao quinto álbum a banda volta às raízes (Kentucky é o estado norte-americano de origem) e o seu hard rock está mais explosivo que nunca. Com um sentido de peso bem moderno e o sentido de melodia tradicional do rock sulista, esta mistura explosiva é letal e faz com que este álbum seja um dos mais explosivos da carreira dos Black Stone Cherry

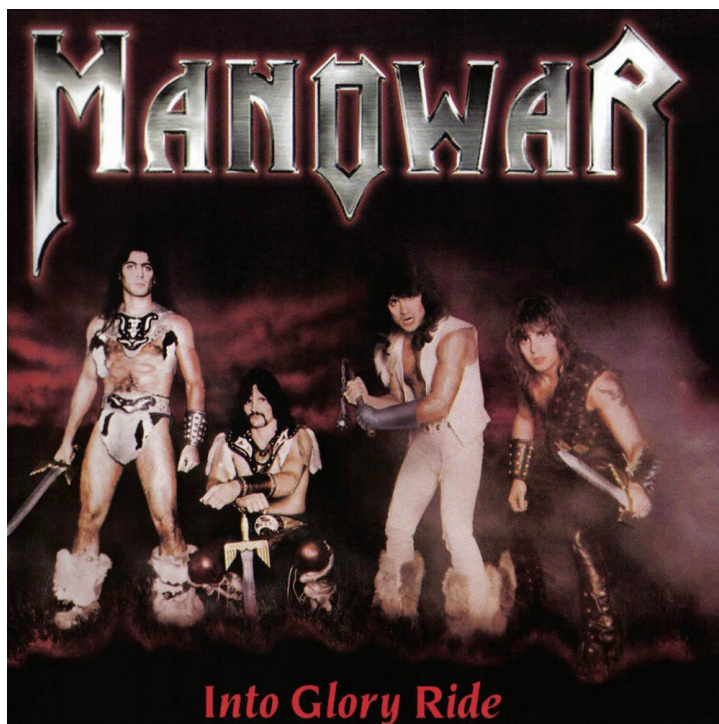
THE CULT HIDDEN CITY

Como foi possível os The Cult lançarem o seu décimo álbum de originais e nós não termos dado por isso?! Nem nós, nem muito boa gente. Aqui estamos nós para tentar redimir-nos da nossa falha e reconhecendo que foi um dos grandes álbuns de hard rock do ano de 2016. Melodia, peso, a voz carismática de Ian Astbury garantem que seja o ou um dos melhores álbuns da banda no presente século. Diverso, moderno mas ao mesmo tempo incorporando todas as fases anteriores, é um trabalho de congregação ao qual os fãs só têm coisas positivas a retirar.

THE CULT - "HIDDEN CITY" - COOKING VINYL

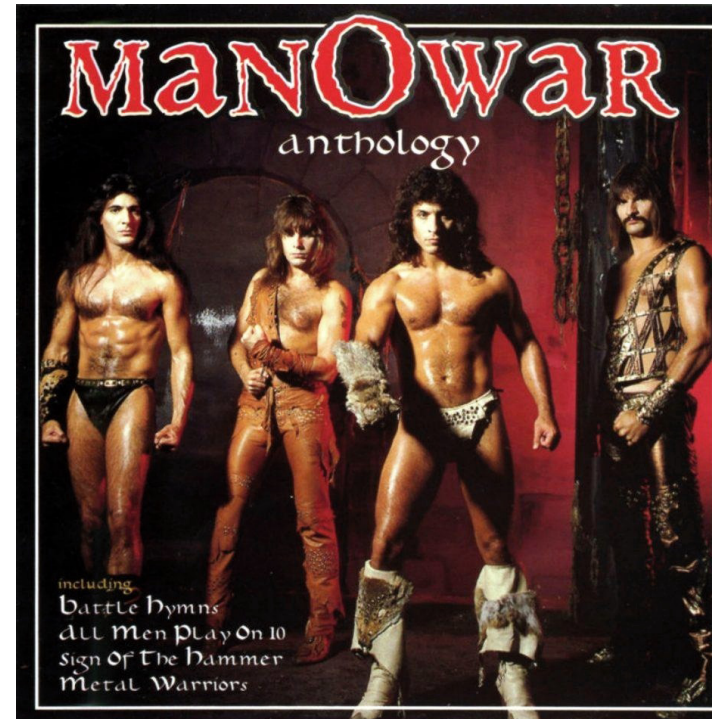
ARTWORK INSIGHTS

O MARAVILHOSO MUNDO DA ARTE NA MÚSICA E ARREDORES

Esta rúbrica visa salientar algumas capas que nos marcaram, pela positiva ou pela negativa. Capas lendárias outras mais obscuras. Capas bem conseguidas por serem complexas ou por serem simples. Também falaremos de outras características dos artworks, afinal a imagem, mais que nunca, vende. No caso da música e se recuarmos a um tempo que começa a ficar longínquo onde não havia internet nem computadores, as capas eram o único contacto que se previa ter com as nossas bandas favoritas. Era também onde estavam marcadas detalhes que só os fãs compreenderiam. Os letterings, os logos, as mascotes. Se pensarmos então na altura do vinil, o impacto era ainda maior, com capas que eram verdadeiras obras de arte e para onde ficávamos a admirar tempos e tempos, maravilhados.

Nesta primeira incursão, vamos então pegar numa capa que admiramos e uma outra que... não vou dizer abominamos porque é um termo muito forte mas que... nos faz doer a vista. Por um lado temos os Queen com o seu "The Miracle". Um álbum que não é dos seus melhores, mas considerando que estamos a falar da década de oitenta, até nem é mau de todo. A capa, por outro lado, é fantástica. Enigmática e intrigante, obriga-nos a olhar para ela para deslindar a sua ilusão e tentar descobrir que olhos pertencem a quem. Simplicidade disfarçada de genialidade. Não conhecendo o mundo da fotografia e partindo do princípio que não foi feito por computador - estamos a falar de 1989 - também houve para aqui um certo engenho na forma como a montagem resultou tão bem.

Da década de oitenta também temos uma outra capa, desta feita dos Manowar. "Into Glory Ride" foi o seu segundo álbum e aquele que cimentou e solidificou a imagem da banda como guerreiros de heavy metal. Apesar de algumas músicas boas na sua estreia, a verdade é que o que tínhamos era um som que parecia mais hard rock do que propriamente heavy metal. Aqui, esse som foi endurecido, com a ajuda de uma produção bastante crua e com temas pesadões como a "Hatred", a excelente "Gloves Of Metal" e a power ballad "Valhalla" são exemplos da boa qualidade embrionária dos auto-intitulados Kings Of Metal.

Só há uma questão... a capa. A capa é daquelas coisas que nos remete para um cenário Spinal Tap. Somos tão fãs do Conan e da Era Hiboriana como qualquer um mas esta coisa de ter quatro carinhas de fome a empunhar armas que aparentam ser de plástico na capa - e se não forem de plástico, mais uma prova que a fotografia não resulta porque elas PARECEM MESMO ser de plástico - simplesmente não resultam. Recordo-me que quando comecei a ouvir Manowar, não tinha acesso à sua imagem a não ser pelos CDs. Este é o único CD oficial que tem uma foto da banda na capa (a não ser pelo álbum ao vivo de 1997, "Hell On Wheels"), o que até se compreende. Tendo em conta o resultado final, se tivesse aparecido numa capa nestes preparos também só quereria aparecer novamente catorze anos depois. E se calhar até mais tarde. Ou nunca. Hesito.

Como surpresa, talvez desagradável, temos uma capa que foge à regra do interregno dos catorze anos mencionados atrás, temos a capa de uma compilação que apesar de ser oficial, não é considerada como tal pela banda. Olhando para a capa, não é difícil de perceber porquê. São os malefícios da música e da sua indústria. Uma pessoa tira umas fotos de cuecas com os seus amigos e quando dá conta já está na capa de um CD. Pelo lado positivo, vê-se que aqui já comeram mais proteína e já deram mais no ferro. Conan estaria orgulhoso. Se bem que parece-nos que existe por ali óleo Johnson em demasia. Os guerreiros da Era Hiboriana só usavam o belo do suor ou em alternativa banha de porco. O resto é para meninas.

"Tendo em conta o resultado final, se tivesse aparecido numa capa nestes preparos também só quereria aparecer novamente catorze anos depois. E se calhar até mais tarde. Ou nunca."

REVIEWS

GUERRA TOTAL / METALUCIFER - "GUERRA TOTAL / METALUCIFER" - FORGOTTEN WISDOM 8/10

Ora aqui está algo que não se vê todos os dias. Um split que junta os colombianos Guerra Total, coqueluche do black/death/thrash metal javardo e os japoneses Metalucifer que tocam um heavy metal podre bem clássico e que tem mais álbuns ao vivo do que álbuns de estúdio - raios, até têm mais compilações que álbuns de estúdio. Poderá parecer uma junção algo estranha mas resulta. Resulta bem. Ambas vão buscar o sentimento mais primitivo do metal, os Guerra Total numa vertente bem extrema e os Metalucifer, numa vertente mais clássica que pode haver. Não temos propriamente nada de novo, no entanto. No caso dos Guerra Total, todos os temas foram regravados, tendo as suas versões originais sido lançadas em álbuns anteriores. Quanto aos Metalucifer, os temas aqui contidos já tinham sido disponibilizados anteriormente no EP "Heavy Metal Hunter" e na compilação "Heavy Metal Hunting". Apesar disso, é um lançamento recomendado já que os lançamentos em causa também não são propriamente fáceis de encontrar.

FORTÍÐ - "THE DEMO SESSIONS" - SYMBOL OF DOMINATION PROD. / BLACK PLAGUE RECORDS 9/10

A Islândia é mesmo um tesouro no que à música em geral e na música extrema em particular diz respeito. Os Fortíð são uma das representações dessa mesma qualidade. Começando como uma one-man-band, o projecto evolui até se tornar numa banda a sério lançando cinco álbuns de qualidade acima da média. Como o próprio nome indica, o que temos aqui é o passado da banda reunido numa só rodela, o que normalmente costuma ser coisa apenas para coleccionadores fanáticos. No entanto, aquilo que esta compilação oferece é um pouco mais especial, já que a banda não tem nenhuma demo oficialmente lançada, portanto, o material aqui contido é totalmente inédito, mesmo que encontremos versões em bruto de temas que apareceram nos últimos três álbuns de originais, além de termos uma cover de Enslaved "Lifandi Lífi Undir Hamri". Mesmo com flutuações de volume, esta é uma compilação obrigatória para todos os fãs de black metal pagão.

CHINE - "IMMANENT" - EDIÇÃO DE AUTOR 6/10

Terceiro álbum de originais dos suecos Chine, donos de um som de death metal moderno. Por estas palavras já poderão pensar que se trata de algo próximo do metalcore. Não necessariamente. Lembram-se daquela vertente que começou a ficar popular na virada do milénio, antes sequer do metalcore ser uma teoria? É o que temos aqui. Nada de errado com isso, mas o problema com esta fórmula específica é que em pouco tempo torna-se aborrecida. Sem solos, sem grandes dinâmicas, as músicas acabam por não colar. Apesar de não encontrarmos nada de propriamente errado, também não temos nada que nos faça querer ouvir "Immanent" repetidamente.

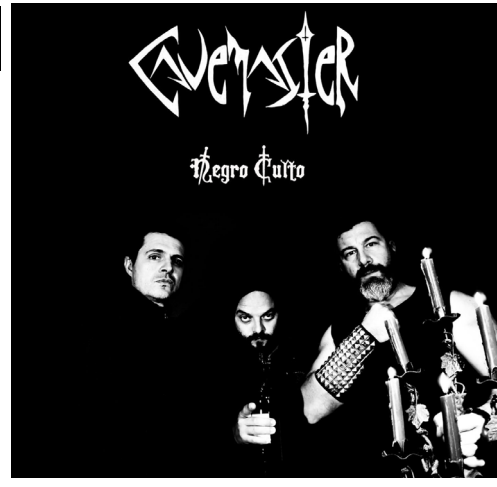
GROTESQUE CEREMONIUM - "DEMONIC INQUISITION" - SATANATH RECORDS 8/10

Álbum de estreia do projecto turco Grotesque Ceremonium. É uma one-man-band de death metal cru que tem como principal influência nomes de death metal blasfemo como Incantation (de quem fazem inclusive uma cover a finalizar o álbum) ou Immolation, nos seus primórdios. Apesar de ser um género que não exige grandes exibições técnicas, a produção também não ajuda a que existam dinâmicas, o que faz com que se sinta que já se ouviu tudo deste álbum logo na segunda música. Caso tivesse uma outra produção, definitivamente teria um impacto diferente. Ainda assim, para quem anda de uma proposta mais simples de death metal, poderá encontrar aqui uma boa alternativa.

MOMENT OF DETONATION - "RE-BLANK THE CANVAS" - SONICSCARS RECORDS 8.5/10

Quando temos um press-release que nos diz que este álbum "Re-Blank The Canvas", o primeiro trabalho de uma banda, os Moment Of Detonation, que tem como influências death metal, deathcore e thrash metal moderno (groove metal), sem esquecer o progressivo, qual é a primeira reacção? Medo? Desconfiança? Aquilo que assusta os outros é o que nos dá curiosidade, por isso, tivemos que vançar logo sem medos. Talvez as coisas não surjam assim como o press-release parece fazer crer, mas efectivamente temos uma série de elementos diferentes que se conjugam bem entre si. Por vezes lá parece que ficam reféns de lugares-comuns que não nos dizem tanto, mas estes momentos são muito raros. Uma excelente surpresa e um nome a reter.

CAVEMASTER - "NEGRO CULTO" - EDIÇÃO DE AUTOR 8.5/10

Os Cavemaster são um novo projecto de black metal nacional. Com membros de Bruma Obscura, Revage, Karbonsoul, Entropia, Legacy Of Cynthia e Logon, o que podemos esperar é uma abordagem crua ainda assim melódica e com grandes dinâmicas. Este EP traz-nos quatro temas, iniciando-se com "Negro Culto", um tema com uma cadência hipnótica e com melodias de teclados a fazer lembrar os primórdios dos Ulver. Com um som poderoso e límpido, mas sem perder o ambiente - que é tudo neste género - os quatro temas dão indicação de que esta fórmula aplicada num álbum teria grandes resultados. Sem dúvida que uma das grandes surpresas do final do ano passado.

BLACK ANVIL - "AS WAS" - RELAPSE RECORDS 9/10

Confesso que chegámos tardiamente aos Black Anvil. Foi só com o seu terceiro álbum que despertámos para todo o seu black metal ligeiramente melódico, clássico de acordo com aquilo que o género nos trouxe nos finais da década de noventa. Ficámos fãs, pelo que a notícia deste "As Was" obviamente que nos cativou. O que poderá levar a valentes desilusões. Neste tipo de coisa já não nos protegemos. Ouvimos tanta coisa diferente que é difícil encontrarmos entusiasmo inocente e ingénuo como este. Ainda bem, porque tudo aquilo que antecipávamos que "As Was" fosse... "As Was" é!.

Um grande álbum de black metal. E comecemos já por aqui. Sim, apesar o facto de chamarmos algo de black metal melódico, black metal, poder pôr os cabelos em pé dos mais trve, os elementos do género estão bem presentes e muito bem entrados. Temos vocalizações limpas a puxar ao género mais épico/pagão, algumas passagens sem distorção, mas o poderio está todo lá. Como o nosso lado mais ingénuo esperava que estivesse. Ainda assim é possível encontrar uma evolução - aliás, ela é bem óbvia. Temos muito mais que simples pormenores aqui e ali que demonstram que esta banda está mais apostada em evoluir do que propriamente a explorar uma fórmula segura - até porque esta fórmula em específico já deixou de ser seguram há já algum tempo.

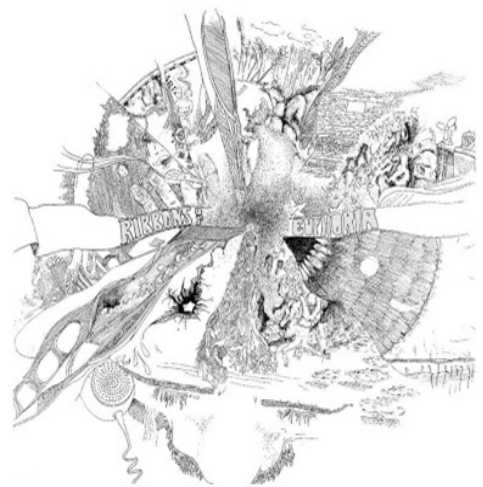
Este poderá ser um aspecto que certamente deixará muitos fãs apreensivos. Afinal quantas bandas se perderam em teorias de evolução que mais parece o homem a evoluir para o macaco em vez do inverso? Mesmo que muitas das vezes a realidade nos mostre também isso, aqui o que sentimos é que temos uma faceta da banda, mais complexa, mais melódica e até mais tradicional a vir ao de cimo. E resulta, resulta na perfeição. Para que não fiquem a pensar que se trata do nosso lado mais ingénuo que não quer dar o braço a torcer, vejam (ouçam!) por vós próprios e digam de vossa justiça.

1. On Forgotten Ways
2. May Her Wrath Be Just
3. As Was
4. Nothing
5. As an Elder Learned Anew
6. Two Keys: Here's the Lock
7. The Way of All Flesh
8. Ultra

Duração 51:06

REVIEWS

LIGHTNING STRIKES - "LIGHTNING STRIKES" - PURE LEGEND RECORDS 8.7/10

Um fenómeno quase tão comum como o movimento retro (qualquer que seja a época que tenha como alvo) é o fenómeno das reuniões. Bandas conhecidas, bandas desconhecidas, é um fartote. Os Lightning Strikes pertecem ao segundo grupo. Lançaram um single trinta anos atrás e acabaram. Não é muito animador pois não? Pois bem, ainda bem que o preconceito não manda aqui porque de outra forma teríamos perdido um grande álbum de heavy metal tradicional. Na verdade, esta reunião soa mais a uma re-actividação, já que temos como vocalista Tony Martin (ex-Black Sabbath) e teclista Derek Sherinian (ex-Dream Theater). E o resultado é fenomenal. Grande álbum que qualquer fã de Deep Purple (de quem temos aqui uma cover do tema obscuro "Our Lady"), Black Sabbath e Dio não conseguirá ficar indiferente.

RIBBONS OF EUPHORIA - "RIBBONS OF EUPHORIA" - SYMBOL OF DOMINATION 7.8/10

Talvez a Grécia seja um sítio inesperado para termos uma proposta de hard rock/blues, mas isso não impede de termos uma surpresa com os Ribbons Of Euphoria. Não sendo a banda mais comum de encontrarmos no catálogo da Symbol Of Domination Productions, é mais uma razão para termos a nossa curiosidade bem aguçada. É um álbum em que somos transportados para a década de setenta (ou talvez para a transição da sessenta para a setenta) e onde nomes como Jethro Tull (aquela "A Jester And The Queen" não engana ninguém) e estilos como o jazz de fusão e blues fazem todo o sentido. Não é imediato de todo, mas é um belo som para se ir descobrindo aos poucos.

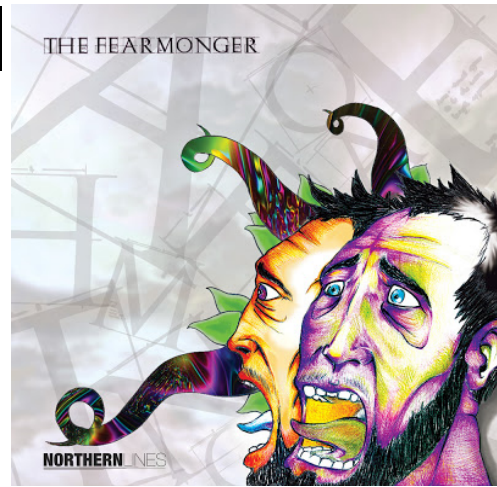
CÓNDOR - "SANGREAL" - GOMORRAH RECORDS 6/10

Cóndor é um nome engraçado. Apropriado para uma proposta de death/doom metal. "Sangreal" é o terceiro álbum da carreira desta jovem banda colombiana, mas não o encaramos como definitivo. Se ao terceiro álbum é suposto termos uma declaração quase definitiva acerca da banda em questão, com este trabalho não conseguimos chegar a ela. A produção demonstra o nível bastante artesanal em que os Cóndor se situam, com uma distorção de guitarra que é típica das nossas expectativas em relação a um qualquer trabalho registado no underground nacional nos inícios da década de noventa. Boas ideias também não faltam mas raramente se mostram totalmente eficazes. Será necessário ainda mais algum caminho para chegarmos ao porto que pretendemos.

ISGÄRDE - "JAG ENSLIG SKALL GÅ" - SYMBOL OF DOMINATION 7/10

Mais uma estreia no mundo do black metal. Isgärde é uma one-man-band que tem como centro Somath, alguém que nos é totalmente desconhecido. Nestas coisas, a identidade por vezes também é sobrevalorizada. Em momentos, sobrepõe-se à própria música. Aqui, a música é mesmo o centro. A intro "Isgärde" poderá indicar algo mais melódico, mas o prato forte de "Jag Enslig Skall Gå" é mesmo elemento épico que junta a agressividade do black metal pagão com algumas passagens melódicas mais inesperadas, como no final da "Battle of Borgholm". Não é das melhores propostas que já ouvimos nestes últimos tempos mas tem os seus próprios argumentos que poderá agradar a quem acha que a melodia não deve significar acessibilidade.

NORTHERN LINES - "THE FEARMONGER" - EDIÇÃO DE AUTOR 8/10

Já aqui dissemos (aqui e noutros sítios) mas temos que dizer outra vez: adoramos música instrumental. Assim que ouvimos falar destes Northern Lines, ficámos logo com vontade de ouvir a sua música. Além de ser instrumental, tem tendência a colocar no mesmo tacho coisas díspares, como passagens ambientais com guitarradas progressivas, seguidos de momentos acústicos bucólicopastorais. Nem tanto, mas é o que por vezes parece. Este tipo de coisa tem obviamente o risco de nem sempre soar bem ou coeso. Felizmente não é o caso. Apesar das inúmeras passagens estilísticas, este é um álbum que se ouve muito bem e que só não entra imediatamente porque nem sempre conseguimos apanhar os seus ganchos.

UNGOD - "BEWITCHED BY SINS AND LUST" - FINAL GATE RECORDS 7.9/10

Ungod, um dos nomes históricos do black metal alemão, com mais de vinte anos de carreira regressa para o seu terceiro álbum de originais, mais de vinte anos após a estreia. Impressionante, não? Apesar da paragem de carreira entre 2002 e 2008, a banda até se tem mantido activa no underground entre o lançamento do segundo álbum em 2011 e uma série de splits. A expectativa que se tinha para esta proposta era de black metal directo, sem grandes contemplações e é precisamente isso que temos. Por vezes parece-nos que falta um pouco mais de ambiência, mas isso não belisca em nada a potência deste "Bewitched By Sins And Lust", até porque é bastante dinâmico. Para quem não os conhecia, está aqui uma boa desculpa para se inteirarem daquilo que são feitos os Ungod.

PESTILENCE - "PRESENCE OF THE PEST" - VIC RECORDS 6/10

Apesar do último álbum de originais das lendas do death metal técnico Pestilence datar de 2013, já é a segunda vez este ano que analisamos um lançamento da banda. Depois de "Reflections Of The Mind", a Vic Records volta ao baú para ir buscar este "Presence Of The Pest". A piscadela de olho ao lançamento do álbum ao vivo lançado no ano passado "Presence Of The Past" não é coincidência, já que estas treze faixas fazem parte do dito lançamento de 2015. O que nos leva a esta questão... porque raio reeditar um álbum ao vivo lançado o ano passado, registado originalmente em 92? Principalmente quando esse dito álbum ainda trazia músicas de outro som. A qualidade não é má, tendo em conta a época, mas também não deslumbra. Ignorando a questão da reedição para trás, recomendamos este álbum apenas aos fanáticos da banda que não têm na sua colecção "Presence Of The Past".

PURLING HISS - "HIGH BIAS" - DRAG CITY 7/10

Ora aqui está um som bem clássico. Purling Hiss é a expressão a solo de Mike Polizze que depressa se tornou o seu principal foco. Agora quando falámos ali atrás de "clássico" provavelmente estarão a pensar em algo mais convencional. Não é o que vão encontrar aqui. Apesar dos muitos pontos em comum com o rock mais tradicional, grande parte de "High Bias" acenta no espírito alternativo da década de oitenta e noventa e noutras vezes até recua ainda mais, à cena psicadélica da década de sessenta. Também temos toques aqui e ali de punk. Daquilo que conhecemos da banda, o foco sempre esteve noutras épocas que não a actual, no entanto arriscamos a dizer que o rock nunca esteve tanto no centro das atenções como aqui. Para os que gostam de sonoridades mais alternativas, este é um álbum obrigatório.

REVIEWS

PENTACLE - "ANCIENT DEATH" - VIC RECORDS 7.5/10

A primeira vez que ouvi Pentacle foi quase vinte anos atrás. Aquilo que me impressionou mais foi a voz, por se aproximar do registo (um dos mais singulares do death metal) de Donald Tardy dos Obituary e ao mesmo tempo ter um tom próprio. Este EP foi editado originalmente 2001 e teve honras de reedição pelos nossos amigos da Vic Records, que continuam a vasculhar pelo underground holandês. Para quem aprecia death metal old school esta é uma boa oportunidade para ficar a conhecer uma das melhores (e mais subestimadas) bandas da Holanda, aqui com um tema regravado da sua demo e duas covers (uma de Mantas e outra de Death, a encarnação posterior dos Mantas). Som podre mas qualidade inequívoca. Para coleccionadores e não só.

DARIO MOLLO'S CROSSBONES - "ROCK THE CRADLE" - FRONTIERS 8/10

Então vamos lá a uma pequena lição de história. Dario Mollo é um guitarrista com uma carreira com mais de trinta anos seja com estes Crossbones, seja a solo (com colaborações com Tony Martin e Glenn Hughes, seja com os Voodoo Hill. Crossbones foi a sua primeira banda e foi onde regressa agora, com um novo alinhamento e com muita energia. O que temos aqui é hard'n'heavy de grande e surpreendente inspiração. Ao contrário de alguns projectos do género, o que temos aqui é música que não cheira a mofo e com grande feeling rockeiro. Claro que o destaque vai mesmo para o trabalho de guitarra de Mollo que sem grandes exibições gratuitas brilha com grandes solos e riffs. Boa surpresa, recomendado.

PERPETUAL DEMISE - "ARCTIC" - VIC RECORDS 7.8/10

Apesar de nem sempre acertarem no alvo, há que louvar a iniciativa da independente holandesa em vasculhar pelos arquivos da música extrema do seu país. De vez em quando lá nos surgem boas propostas como estes Perpetual Demise, uma banda de death/doom clássico que terminou pouco tempo depois desta estreia ter sido lançada. Apesar desta proposta soar bastante datada (até na época soaria um pouco assim, tendo em conta que 1996 foi um ano revolucionário no metal) tem um certo enquanto que não conseguimos discernir donde vem ao certo. Remasterizado e com uma série de temas bónus (a demo "When Fear Becomes..." de 1993) este é uma boa prenda para todos os nostálgicos.

END BEGINS - "END BEGINS" - END HITS RECORDS 7.5/10

Os End Begins são uma nova banda que nasceu após o fim dos Atlas Losing Grip e Anchor. Se os dois atrás citados projectos eram na onda do punk/hardcore, o que temos aqui é um bom rock, forte o suficiente para se sentir o cheiro do metal - principalmente naqueles leads de bom gosto - e rebelde o suficiente para não negar as suas raízes punk. É uma interessante estreia, indo mais além do que a simples soma dos estilos já indicados. Sentimos que três temas é pouco para chegar a uma conclusão definitiva mas definitivamente que queremos ouvir mais deles.

RED SUN RISING - "POLYESTER ZEAL" - RAZOR AND TIE 8/10

Cóndor é um nome engraçado. Apropriado para uma proposta de death/doom metal. "Sangreal" é o terceiro álbum da carreira desta jovem banda colombiana, mas não o encaramos como definitivo. Se ao terceiro álbum é suposto termos uma declaração quase definitiva acerca da banda em questão, com este trabalho não conseguimos chegar a ela. A produção demonstra o nível bastante artesanal em que os Cóndor se situam, com uma distorção de guitarra que é típica das nossas expectativas em relação a um qualquer trabalho registado no underground nacional nos inícios da década de noventa. Boas ideias também não faltam mas raramente se mostram totalmente eficazes. Será necessário ainda mais algum caminho para chegarmos ao porto que pretendemos.

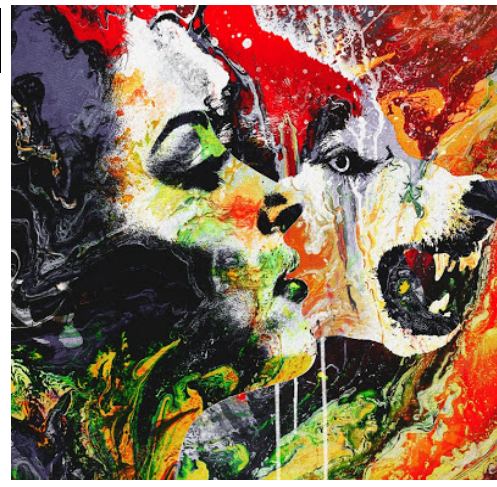
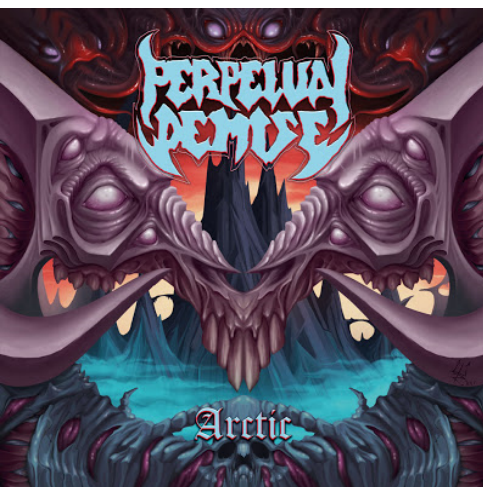
SATARIAL - "BLESSED BRIGIT" - SYMBOL OF DOMINATION 7/10

E agora para algo completamente... estranho? Os Satarial tocam uma espécie de black metal avantgarde desde 1993. Ou simplesmente esquisito. Se por um lado temos repentes de um feeling mais industrial, por outro surgem umas flautas e umas melodias que puxam mais ao folk. É uma mistura peculiar que mesmo após algumas audições não temos a certeza se resulta. Mas que chama a atenção, isso é um facto inegável. E aos poucos vai contagiando. Nem sempre resulta mas o impacto de estraneza é tão grande que temos que repetir a audição mais umas contas vezes. E isso não é garantia que fiquemos a perceber o que raio se passa aqui. Comprovem por vós próprios.

BATTERY - "MARTIAL LAW" - PUNISHMENT 18 8.4/10

Battery é um grande nome para uma banda. Assim que se ouve ou lê, pensa-se apenas numa coisa: THRAAAAAAAAAAAAAAAAASH! Que é precisamente o que temos aqui neste segundo álbum de originais da banda dinamarquesa. O foco é na violência uptempo, sem tréguas e sem misericórdia. Em pouco mais de meia hora, temos dez bofetadas (ou murros ou pontapés) nos ouvidos que nos dão muito prazer auditivo. Poderá pensar-se que é uma proposta unidimensional e sem grandes dinâmicas e de certa forma, até é. No entanto, como é um álbum tão curto, não cansa e obriga a mais posteriores audições. Thrash metal violento e bem clássico a convidar ao exercício favorito de todos os metaleiros que se prezem: headbanging!

DIATONIC - "I AM THE ONE" - EDIÇÃO DE AUTOR 8.5/10

Temos um certo fraquinho por one-man-band, mesmo sabendo que os resultados não são garantidos neste formato, antes pelo contrário. No caso dos Diatonic, que tem como centro criativo Joakim Antman dos Overture, o resultados são bem positivos. Lançado de forma independente e sendo já o segundo álbum, o que temos aqui é uma declaração inequívoca de talento. Aquilo que nos parece e relembra "I Am The One" é um death metal melódico bastante popular no final da década de noventa e que teve tendência a desaparecer. Não propriamente preso a fórmulas e sem lembrar nenhuma banda em específico, este é um trabalho que acaba por soar bastante refrescante e que vai crescendo cá dentro com o passar das audições.

REVIEWS

HEVIDENCE - "NOBODY'S FAULT" - FRONTIERS RECORDS 8.5/10

Diego Reali é o grande mastermind por trás destes Hevidence. Para quem não está a reconhecer o nome do talentoso músico, temos que relembrar que o mesmo é o guitarrista da excelente banda de metal progressivo DGM. Hevidence é a nova fase do projecto a solo do guitarrista que tinha a designação de Evidence e que é bastante diverso, mostrando que a sua razão de ser é mesmo como espape criativo para Reali. Assim vamos ter uma alternância na orientação das músicas. Se "Dig In The Night" apresenta um heavy metal neoclássico de impor respeito, o tema-título já é um hard rock mais suave mas ainda assim valoroso. É por entre estes dois campos que vamos passeando em "Nobody's Fault". Não é preciso grande perspicácia para calcular que é nos momentos mais neoclássicos que ficamos contagiados pelo entusiasmo, mas no geral as duas facetas servem para que se tenha um álbum equilibrado e dinâmico. Recomendado portanto.

AGNOSTIC FRONT - "WARRIORS / MY LIFE, MY WAY" - NUCLEAR BLAST 8/10

Reedição dos dois álbuns anteriores a "The American Dream Died" lançados pela Nuclear Blast, originalmente editados em 2007 ("Warriors") e 2011 ("My Life / My Way"). É uma boa forma de ter por um preço mais reduzido dois bons álbuns de hardcore tipicamente norte-americano. Se a primeira proposta é uma bujarda poderosa de hardcore, já a segunda é mais crua e próxima das raízes da banda, embora possua também um poder metálico considerável. Curiosamente este último foi registado em Flórida e foi misturado por Erik Rutan, dos Hate Eternal. É uma boa oportunidade para recuperar o passado recente de uma das mais emblemáticas bandas do hardcore norte-americano, que já andam nisto há mais de trinta anos.

GOTTHARD - "LIPSERVICE / DOMINO EFFECT" - NUCLEAR BLAST 8.5/10

Os Gotthard são uma das grandes bandas de hard rock suiça, senão a maior mesmo. Para quem não os conhece (blasfémia) temos aqui este simpático pacote cortesia da Nuclear Blast que disponibiliza no mesmo pacote os álbuns "Lipservice" (de 2005) e "Domino Effect" (de 2007) no mesmo pacote. Estes são dos últimos trabalhos registados com Steve Lee na voz, antes de falecer tragicamente num acidente de mota em 2010. Os Gotthard sempre foram uma das propostas mais honestas e batalhadoras, sendo um dos poucos projectos a ter sucesso, quando o grunge arrasou tudo e manteve o nível até o hard rock ganhar mais interesse. Claro que o sucesso não foi esmagador e mundial, mas o suficiente para manter o género vivo. Sendo assim temos dois álbuns de qualidade superior representativos daquilo que a banda melhor faz: hard rock clássico. Temos ainda faixas bónus em cada um dos discos, caso ainda existissem pessoas com dúvidas em relação ao valor desta proposta.

GOTTHARD - "NEED TO BELIEVE / FIREBIRTH" - NUCLEAR BLAST 8.5/10

Tal como falámos anteriormente, a propósito da reedição dos álbuns "Lipservice" e "Domino Effect", temos aqui dois álbuns reeditados da banda de hard rock suiça, Gotthard. É uma oportunidade única de ter por um preço mais reduzido dois bons álbuns de uma das maiores bandas europeias de hard rock. Para este pacote temos os dois álbuns seguintes "Need To Believe" de 2009 e "Firebirth" de 2012. "Need To Believe" é o último álbum com Steve Lee na voz antes deste falecer no ano seguinte ao seu lançamento e só por isso é especial. "Firebirth" é um novo começo para a banda e tal como o nome indica, é a prova de fogo para o novo vocalista Nic Maeder. Afinal não é fácil suceder a alguém que era a cara da banda. Essa prova foi superada, já que "Firebirth" é um grande álbum de hard rock e a voz de Nic, mesmo não fazendo esquecer Steve Lee, consegue manter o espírito da banda. Aqui também temos faixas bónus para ajudar a tornar o pacote mais atractivo. Como se isso fosse mesmo necessário - mas mesmo assim agradecemos.

ULTAR - "KADATH" - TEMPLE OF TORTUROUS 9/10

Que bujardona. Para quem diz, pensa, acha que o chamado pós-black metal não traz nada de bom ao género, então é porque ainda não ouviram esta estreia dos russos Ultar. "Kadath" inicia a discografia da banda de forma brilhante. Ok, de forma a conter o entusiasmo teremos que dizer que obviamente quem gosta do seu black metal bruto, que não gostará do que temos aqui. No entanto se o black metal atmosférico já for algo a que se tenha um fraquinho, então estas seis faixas vão cair mesmo no goto. Alternando as tapeçarias ambientais com alguns elementos mais extremos, "Kadath" é um excelente álbum de metal melódico e intenso. Altamente recomendado.

XOTH - "INVASION OF THE TENTACUBE"- EDIÇÃO DE AUTOR 9.2/10

Não existem dúvidas que a música independente está muito forte. Caso nos tenhamos esquecido, temos sempre estreias de bandas como estes Xoth. "Invasion Of The Tentacube" é o álbum de estreia dos norte-americanos que apresentam aqui uma mistura muito forte (e muito boa) de death metal técnico com thrash e até pitadas black. Uma mistura que não é inédita mas que resulta mesmo muito bem. Nada aqui é gratuito (a não ser mesmo a qualidade) e tudo flui de forma surpreendentemente harmoniosa. Com tanta qualidade, custa-nos a crer que a banda se mantenha sem editora por muito mais tempo. Este é o tipo de música que deve, obrigatoriamente, chegar a mais pessoas.

BURN DAMAGE - "AGE OF VULTURES" - RAGING PLANET RECORDS 8/10

Burn Damage é uma das novas bandas (novas como quem diz já têm quase dez anos de carreira) nacionais que tem vindo a dar que falar, principalmente pelas suas prestações ao vivo. E quem já os viu ao vivo retem principalmente a sua energia e potência. Como se sabe, a maior questão com bandas que têm graus de energia elevado em cima do palco é essa mesma energia não se verificar nos seus lançamentos de estúdio. No caso deste álbum de estreia dos Burn Damage tal não se verifica, de todo.

"Age Of Vultures" é porrada no lombo que nem gente grande do início ao fim. E a urgência frenética desta violência sonora só faz com que o trabalho, curto, se sinta aindamais curto. Também duvidamos se teria o mesmo impacto caso tivesse cinquenta minutos. Produção poderosa onde a bateria e as guitarras especialmente arrasadoras, onde o baixo está nítido e a voz acaba por ser o centro das atenções.

Talvez seja um lugar comum destacar a voz quando estamos a falar de uma banda agressiva com uma frontwoman mas, clichê ou não, Inês Freitas tem um vozeirão daqueles capazes de deitar um prédio abaixo, mesmo não sendo o registo mais variado. No entanto, quando se tem uma proposta unidimensional de death/thrash metal bruto, é a voz que encaixa na perfeição e eleva tudo o resto a um patamar mais elevado. Uma estreia promissora de uma banda que poderá ter demorado muito tempo a editar o seu primeiro trabalho mas que definitivamente faz com que este passo seja seguro e indicador de um futuro bem sucedido.

1. Age of Vultures
2. My Own Game
3. Seventh Seal
4. 4 Little Pigs
5. Refugee
6. Slaughterhouse of Cowards
7. Acid Rain
8. Beyond Good and Evil

Duração 32:10

REVIEWS

POWERWOLF - "BLESSED & POSSESSED TOUR EDITION" - NAPALM RECORDS 9.5/10

"Blessed & Possessed" dos Powerwolf foi um dos grandes álbuns de heavy/power metal de 2015. Uma forma de fazer essa qualidade inquestionável render é mesmo através deste tour edition que além do já citado álbum nos traz um concerto registado no festival Summer Breeze em 2015. São catorze temas que apresentam os alemães em topo de forma para uma multidão ávida de power metal. Para quem deixou escapar (por loucura, provavelmente) terá agora uma oportunidade de apanhar "Blessed & Possessed" com este extra apetitoso. Provavelmente os mais fanáticos até serão capazes de comprar o álbum novamente apenas para ficarem com o segundo disco. Ao preço que é vendido, até que não será uma extravagância muito grande. Mesmo que tenhamos o excelente "The Metal Mass - Live" lançado escassos meses atrás.

CRIMSON MOON - "ONEIRONAUT" - DARK ADVERSARY PRODUCTIONS 9/10

Para os mais distraídos, os Crimson Moon não são uma nova banda. Têm até mais de vinte anos de carreira e movem-se pelo black metal mais melódico, não querendo isto que são propriamente acessíveis. Apesar da banda não ter tido interrupções oficiais na sua carreira, este terceiro álbum surge onze anos depois do segundo e dezanove anos depois da estreia. O que nos leva a supor que tenha havido alguma evolução ou mudanças no seu som. Inevitavelmente, no entanto, não será no caminho dos mais pessimistas. A maturidade surge na forma como conciliam temas longos (o tema título tem quase vinte minutos) e ideias complexas que resultam, em conjunto, num álbum que prende o interesse à primeira, mesmo que não entre propriamente à primeira.

TWINESUNS - "THE EMPIRE NEVER ENDED" - PELAGIC RECORDS 9/10

Já aqui dissemos muitas vezes que gostamos de coisas esquisitas, não dissemos? E também julgo que falámos qualquer coisa de música instrumental... portanto, quando temos um projecto que é esquisito e instrumental, estamos no céu. Embora tenhamos que admitir que este tipo de música que podemos ouvir por parte de Twinesuns não é propriamente fácil. Afinal o drone não é dos géneros mais atractivos para o comum dos mortais. Felizmente, é por isso mesmo que gostamos de propostas do género e felizmente é das principais razões de gostarmos deste épico sonoro. Sem dúvida um dos grandes álbuns drone de 2016 e logo uma estreia.

MINDSCAR - "WHAT'S BEYOND THE LIGHT" - EDIÇÃO DE AUTOR 8/10

Há já algum tempo que não ouvíamos um disco assim zangado. E sim, não deixámos de ouvir música extrema. No entanto, existem álbuns e/ou bandas que nos conseguem transmitir uma real sensação de raiva ou fúria sem ser propriamente o topo da cadeia alimentar no que diz respeito a porrada sonora. É o caso dos Mindscar, banda que já teve nas suas fileiras Matt Heafy e que colapsou alguns anos após a sua formação. Heafy criou os Trivium e os Mindscar voltaram à carga no ano passado com um bom álbum e estão de volta para o segundo álbum. O resultado é um álbum onde o hardcore é metalizado mas não é metalcore. Temos solos, temos melodias estranhas e berraria a rodos. E resulta, resulta mesmo bem.

UFORIA - "FIGHT OR FLIGHT" - EDIÇÃO DE AUTOR 7.5/10

Grande rockão, é a prenda de Natal que os Uforia nos deram. Mesmo com algum tempo de atraso (somos assim, temos tantas prendas para abrir que demoramos meses a chegar a todas) o impacto é sem dúvida positivo. Este é um EP que nos mostra tanto do hard rock tradicional como do estilo alternativo que depois lhe viria a colocar uma lápide em cima da cabeça na década de noventa. E o melhor é que nem conseguimos dizer com toda a certeza que pertence a um ou a outro. Nem interessa. O importante é o rock e aqui temos com fartura e de qualidade. Apesar de se tratar apenas de cinco temas. Mas os rapazes estão prontos para mais. Pelo menos nós estamos.

FALSE GODS - "WASTELAND" - EDIÇÃO DE AUTOR 7/10

Lembram-se da chinfrineira que os Crowbar nos traziam no início da carreira? É um pouco isso que cheira este primeiro lançamento dos False Gods, embora a diferença seja que aqui temos muito mais de doom e menos de hardcore. Ainda assim, a sensação de arrastamento do sludge está omnipresente. Esta mistura não é certamente nova mas é sempre muito bem vinda, principalmente para quem tem um fraquinho pelos eternos Black Sabbath. Lama é tudo aquilo que nos vem á cabeça, desde a voz de Mike Stack até ao cadenciamento arrastado dos riffs de temas como "Worship As Intellectual Tyranny" ou até mesmo a violência bruta de "Grant Me Revenge".

DREAMARCHER - "DREAMARCHER" - INDIE RECORDINGS 8.5/10

Quantos àlbuns de estreia tivemos em 2016? Quantos álbuns de estreia de qualidade ímpar tivemos em 2016? Numa altura que ainda estamos a esvaziar o saco de álbuns do ano passado surgem-nos surpresas como este trabalho de estreia auto-intitulado dos Dreamarcher que nos chega da Noruega. Quando estamos a ouvir uma banda pela primeira vez, temos tendência a ir aos extremos em pouco tempo - fruto da nossa ocupação de apreciadores profissionais de música. Se por um lado não os conhecemos, vamos em branco e com curiosidade, mas assim que soam as primeiras notas, temos tendência a marcar logo rótulos definitivos. Foi o que nos acontecer ao ouvir a música que abre o álbum, a "Beat Them Hollow" que aponta na direcção de um doom metal negro e pesado. E na nossa cabeça dissemos logo, "ok, é doom". Depois chega o segundo tema (até mesmo antes, quando ouvimos a segunda metade do tema inicial, ouve-se bem que o rótulo é bastante redutor) que nos aponta numa direcção completamente diferente. Algo mais próximo do shoegaze. " Impending Doom", apesar do seu título, mostra muitas semelhanças com aquilo que o pós-punk, new wave, shoegaze, rock alternativo já nos apresentou, com as vocalizações a soarem completamente diferente. Confessamos que foi uma mudança que nos deixou perplexos (como se tivessemos a diferença de um "Icon" para "One Second" dos Paradise Lost), mas não desanimamos. Na realidade só serviu para ficarmos mais curiosos.

O peso doom talvez não tenha voltado tão forte como nos primeiros momentos da "Beat Them Hollow", mas conforme o álbum vai desenrolando, é fácil perceber que cada uma destas faixas, apesar de diferentes entre si, têm o mesmo sentimento que as une e acaba por ir ao encontro da essência do seu conceito, já que é um trabalho que reflecte os contrastes emocionais de cada um dos membros da banda e das suas vivências na altura. Sentem-se esses contrastes, sentem-se esses altos e baixos. É uma viagem que se sente como sendo uma experiência pessoal que o ouvinte acaba por se identificar, mais cedo ou mais tarde.

1. Beat Them Hollow
2. Impending Doom
3. Burning The Remains
4. Close Your Eyes
5. Shadows

Duração 33:13

REVIEWS

ALGOL - "MIND FR@MES"- PUNISHMENT 18 RECORDS 8/10

Provavelmente será um lugar comum dizer que já não se faz death metal melódico como antigamente, principalmente quando é dito antes de mostrar algo que mostra um cheirinho desses velhos tempos. Os Algol chegam ao terceiro álbum com "Mind Fr@mes" depois de quatro anos de silêncio e o que mostram é death metal melódico sem seguir propriamente as regras à risca mas a soar, mesmo assim, a clássico. Temos peso, melodia e nenhuma infecção de algo mais moderno a espalhar-se. E mesmo que tivesse, desde que não faltassem os leads e os solos que temos aqui, por nós estava tudo bem. Um álbum que mesmo que não chame a atenção à primeira, definitivamente vai cativar quem gosta do género.

DELIRIUM X TREMENS - "TROI" - PUNISHMENT 18 RECORDS 6.5/10

Estamos habituados a ter por parte da Punishment 18 Records thrash metal de qualidade, mas ultimamente temos tido boas surpresas. Os Algol foram a mais recente. No caso destes Delirium X Tremens, não temos um foco tão grande na melodia. Não pelo menos da forma mais tradicionalmente associada ao death metal melódico. O início é bruto mas conforme o álbum vai avançando, vamos notando que se perde um pouco de gás e é onde o folk ganha mais predominância. Ao quarto tema, "The Voice Of The Holy River", começamos a ter toques mais folk que os primeiros temas não fariam supor. "Owl" é compassado e a puxar ao folk épico e é quase o que temos até ao final do disco, onde nesta versão digipak se inclui a versão da "Song To Hall Up High" dos Bathory. É um bom álbum mas falta-lhe alguma consistência para fazer a diferença.

ENUFF ZNUFF - "CLOWNS LOUNGE" - FRONTIERS RECORDS 7/10

Os Enuff Znuff foram uma das bandas que se viram engolidas pela revolução grunge embora não se possa dizer que pertençam propriamente ao mesmo grupo de bandas hard rock glam que foram a principal causa do declínio e da procura por algo alternativo. A banda não chegou a pendurar as chuteiras mas sem dúvida que andou low profile durante a década de noventa, apesar dos sete álbuns editados entre 1991 e 1999. "Clowns Lounge" não é o novo álbum da banda, apesar de termos apenas músicas inéditas. Passamos a explicar. "Clowns Lounge" é uma colecção de temas gravados antes do primeiro álbum, originalmente editado em 1989. Os fãs poderão ter o atractivo de terem mais um brinde de recordação por parte de Derek Frigo, guitarrista fundador da banda que entretanto faleceu em 2004. O único problema que podemos encontrar aqui é que algumas destas músicas soam um pouco datadas mas o resultado final é sem dúvida memorável para quem tem o hard rock no coração. Resta ainda referir que "Clowns Lounge" era o nome da casa de strip onde a banda ia nos intervalos das gravações dos temas aqui contidos.

ONI - "IRONSHORE" - METAL BLADE RECORDS 7/10

A Metal Blade de vez em quando tira uns coelhos da cartola um pouco inesperados. É o caso destes Oni e do seu death metal modernaço que tem todos aqueles trejeitos que o metalcore e que os Meshuggah nos trouxeram (não vamos dizer djent porque... porque não gostamos do rótulo e acabou!). E com isto dito, já poderíamos fugir à vontade mas como é costume, a nossa curiosidade é sempre superior ao nosso preconceito. "Ironshore" é o álbum de estreia dos canadianos Oni e é uma obra desconcertante e demasiado aberta para o seu próprio bem. Tem um carácter que os fãs de progressivo não vão deixar passar em branco, pela sonoridade do xylosynth (seja lá o que isso for), acabamos por ter algo invulgar e que resulta muito bem. É este factor de estranheza que faz com que se olhe para os Oni com um outro olhar do que aquele que habitualmente daríamos. Boa estreia, vejamos o que vem depois.

THE MIST - "PHANTASMAGORIA" - VOICE MUSIC 9/10

Os The Mist são um dos nomes clássicos do underground brasileiro. Chamaram a atenção internacionalmente por terem nas suas fileiros o ex-guitarrista solo dos Sepultura, Jairo Guedz (ou Jairo T.) e também pela qualidade do seu primeiro álbum, este "Phantasmagoria" que é agora reeditado vinte e sete anos após o seu lançamento. O que temos é thrash metal agressivo à boa maneira da década de oitenta. Poderão pensar que é apenas um exercício fútil de nostalgia mas este é um álbum que recomendamos, principalmente para se ter uma noção daquilo que a banda fez em 1989 continua ser feito hoje em dia e soar fresco. Bandas como The Haunted acabam por surgir em mente inevitavelmente. Uma reedição de um pedaço de história não só do metal brasileiro como metal. Clássico e obrigatório.

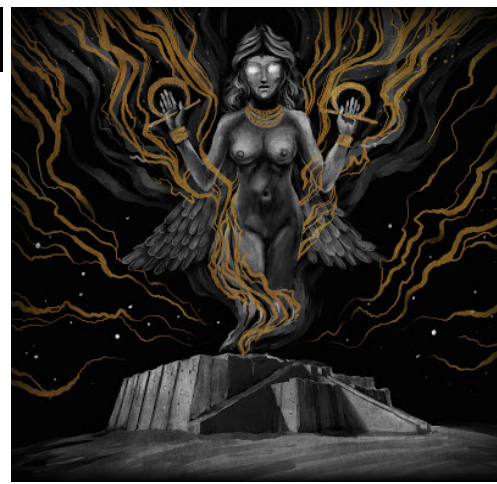
BUZZARD CANYON - "HELLFIRE & WHISKEY"- SALT OF THE EARTH 7.5/10

Rock groovy on! É o que os Buzzard Canyon nos sugerem com este "Hellfire & Whiskey". Temos a alma do rock sulista de bandas como Lynyrd Skynyrd misturada com o groove da nova geração de bandas stoner. Soa, cheira e sabe a clássico por todos os cantos e esquinas. Para quem já está farto de coisas retro e de sentir que está sempre a ouvir atalhos para aquilo que se fez anos atrás, só temos a dizer que o que é bom, realmente bom, é bom em qualquer momento. Portanto, rock sujo e melodias intemporais além daquele feeling inconfundível do rock sulista é o que esperamos e o que queremos ouvir. OsBuzzard Canyon são a paragem ideal.

PRAY FOR SOUND - "EVERYTHING IS BEAUTIFUL" - DUNK!RECORDS 7/10

Terceiro álbum dos Pray For Sound, um nome que não é desconhecido de todo para todos os apreciadores de pós-rock. Para quem o género significa uma fórmula pré-estabelecida com alguns pontos, lugares-comuns, que não mudam, provavelmente isto não é algo entusiasmante. Para quem gosta e aprecia a identidade própria dos Pray For Sound sabe que o seu forte não é propriamente estes lugares-comuns e sim a força das melodias e dos contrastes (não muitos, já que o peso não é predominante) que fazem com que este álbum seja uma autêntica viagem do início ao fim. Não é possível destacar nenhuma faixa em específico porque este é um trabalho que deve ser apreciado sem qualquer paragem ou interrupção. Sem dúvida que os Pray For Sound estão a chegar a um ponto em que se tornam referências do género.

ABYSMAL GROWLS OF DESPAIR - "WORST PUTRID TONGUE" - SYMBOL OF DOMINATION PROD. 8.5/10

O funeral doom não é dos géneros mais populares e nem é daqueles que nos apresenta mais propostas, por isso quando ouvimos estes Abysmal Growls Of Despair, ficámos logo interessados em ouvir mais e melhor. Trata-se de uma one-man-band francesa, com Hangsvart no centro das atenções e que com este "Worst Putrid Tongue" chega à simpática marca de seis álbuns lançados em três anos de actividade. Boa média, não é? O que nos leva a suspeitar se o ritmo de trabalho de Hangsvart não será algo excessivo - tendo também em conta que mantém em simultâneo mais outros cinco projectos, quase todos dentro do mesmo espectro sonoro. Como não conhecemos o seu restante trabalho, não sabemos dizer se é pernitente este álbum perante o restante trabalho do músico. O que podemos dizer é que apesar do início entusiasmante, este álbum torna-se algo aborrecido - um dos muitos perigos do funeral doom. Não é uma perda total e ficámos sem dúvida com curiosidade por ouvir mais por parte de Hangsvart, mas este trabalho não se revela muito memorável.

REVIEWS

THE SEVEN MILE JOURNEY - "TEMPLATES FOR MIMESIS" - DUNK!RECORDS 8.6/10

Recentemente falámos do pós-rock e dos seus lugares comuns, a propósito do álbum dos Pray For Sound e nem de propósito surgem-nos os The Seven Mile Journey. A banda dinamarquesa regressa após cinco anos de ausência para nos mostrar uma obra de pós-rock instrumental que podemos dizer que acaba por fugir um pouco ao que estamos habituados. É uma proposta bem mais crua e sem tanta ambiência (que embora seja algo que se tem sempre, é uma característica que apreciamos muito) mas que acaba por envolver-nos, muito graças à sua capacidade de dotar as suas músicas com grande capacidade de progressão - principalmente em temas épicos de vinte minutos, como é o caso de "The Axiom Anomaly" e "Tutorials". Uma obra que hipnotiza e vai envolvendo com as sucessivas audições. Não é à primeira nem à segunda que entra. Mas entra.

MORASS SKOFFIN - "BLINDFOLD" - REBIRTH THE METAL PRODUCTIONS 8.8/10

Temos que ser sinceros: a capa deste EP é horrível. Não ao ponto caricato de algumas das capas que se tornaram clássicas de tão más que são, mas lá perto. Independentemente disso, os Morass Skoffin tocam death metal de bom gosto. Extremo bom gosto. Tão bom gosto que até nos custa a crer como raio se lembraram de lançar algo com uma capa destas. "Blindfold" inaugura a carreira da banda alemã da melhor forma, com um death metal que tem tanto de clássico como dá umas piscadelas valentes a certos pormenores mais modernos (ou que pelo menos soavam modernos na década de noventa). Relembra-nos como o estilo é simples e como o amamos por ser altamente eficaz. Excelente estreia, venha o álbum!

HARM - "THE EVIL" - FINAL GATE RECORDS 7/10

Death metal como manda a lei germânica (e em parte sueca) e quando é assim, quem somos nós para dizer o contrário? Segundo álbum dos Harm que estiveram ausentes dois anos mas que em boa hora voltam para nos lembrar o que é e como se faz death metal clássico. O início de "Vlad The Impaler" talvez não seja dos mais energéticos mas é uma boa apresentação do som da banda alemã: Arrastado, pesadão e para lá de intenso. Tudo se conjuga na perfeição excepção seja feita por um pequeno pormenor. A bateria. Com um som que alterna entre o digital e o estar a ser registado num fundo de um poço (com a banda a tocar cá em cima), a bateria acaba por ser o que impede deste som de levantar verdadeiramente vôo. Não fosse este pormenor e estaria aqui um álbum de culto. Assim... ficamos com o desejo de se atingir esse ponto para o próximo trabalho.

BLACK OATH - "LITANIES IN THE DARK" - TERROR FROM HELL RECORDS 8.9/10

E que grande som têm estes italianos Black Oath! Doom metal clássico mas que o é também por juntar muitas pitadas de heavy metal nas suas composições e na sua identidade. Com três álbuns editados, "Litanies In The Dark" surge como uma forma de apresentação ao trabalho da banda e no que nos diz respeito, resulta na perfeição. Temos quatro temas que mostram não só devoção ao estilo (e devoção com qualidade) mas também uma dinâmica inesperada e que faz com que se fique com curiosidade redobrada em relação aos álbuns de originais dos Black Oath. Só peca mesmo por ser curtíssimo.

VILES VITAE - "IV" - CAVERNA ABISMAL PRODUCTIONS 8.8/10

Temos um underground riquíssimo em termos de valores, quer seja no death metal, quer seja no grindcore, quer seja no black metal. Os Viles Vitae insere-se neste último grupo, sendo que o seu black metal tanto tem um cariz de clássico (ouvir a "Source Life Extinction" que nos mostra o melhor que o black metal da segunda vaga nos trouxe e ainda assim ainda mete lá pelo meio umas cavalgadas potentes à heavy metal) como a abordagem mais atmosférica e até ritualista. Esta mistura resulta num trabalho muitíssimo interessante e que nos faz ouvir muitas mais vezes no futuro. Não só "IV" como qualquer trabalho por parte dos Viles Vitae.

AS IT IS - "OKAY." - FEARLESS RECORDS 5/10

Os As It Is são tudo aquilo que nos fizeram fartar do chamado punkeka (punk rock altamente melódico). Todos os seus elementos remetem-nos para aqueles filmes de adolecesntes norte-americanos que tiveram enorme sucesso na passagem do milénio, "American Pie" incluído. Sim, sabemos, é puro preconceito. Como já sabem, e estamos fartos de referir, o preconceito é um bicho que tentamos sempre superar. Apesar disso, não podemos dizer que "Okay." seja um álbum que nos surpreenda. A nós e ao nosso preconceito. Não sendo horrível, longe disso, é um trabalho que se enquadra perfeitamente no estima de rock leve, com um certo espírito rebelde e com ganchos pop que se instalam facilmente e desaparecem ainda mais depressa. Não nos entusiasma, sinceramente, mas acreditamos que quem goste deste tipo de coisa, tenha aqui um álbum para consumir sem receios.

THE DRIP - "THE HAUNTING FEAR OF INEVITABILITY" - RELAPSE 8.5/10

Nada como começar o ano com uma porrada valente de grindcore, cortesia dos norte-americanos The Drip. Sabemos que hoje em dia é complicado triunfar no mundo da música, por uma série de razões. Porque já vimos e ouvimos muita coisa, porque o grindcore (neste caso específico) já está mais que visto e batido, porque temos acesso a quase tudo, o que nos dá a arrogância de pensar e sentir que já vimos e ouvimos tudos. Arrogância que não passa de uma simples ilusão e raramente corresponde à verdade. Já sabemos o suficiente para não cairmos nessa esparrela.

Ter um álbum de estreia passado dez anos desde a sua formação poderá ser um indicador de que algo diferente se poderá passar aqui. Normalmente não quer dizer nada mas é o suficiente para nos despertar a curiosidade acerca desta estreia. Curiosidade essa que não é atraiçoada pelo que podemos ouvir em pouco mais de meia hora e que nos garante um excelente álbum do género, sem se presumir que vêm revolucionar o género. Ainda assim, temos abertura suficiente que nos permite assistir a algumas piscadelos a campos mais acessíveis do death metal.

É um trabalho mesmo que não ascenda a culto ou a clássico, servirá para apresentar a banda a um público maior para além daquele que os seus três EPs lançados entre 2011 e 2014 conquistaram. Consistente, dinâmico, violento e viciante. Estes são os adjectivos que caem que nem uma lua a temas como "Anathema", "Covered In Red" e "Consigned To Fate" e são apenas exemplos da qualidade desta estreia. Recomendado.

1. Greatest Evocation
2. Anathema
3. Gruesome Poetics
4. Dead Inside
5. Covered in Red
6. Terror War Industry
7. Painted Ram
8. Wretches
9. In Atrophy
10. The Answer
11. Exile
12. Consigned to Fate
13. Bone Chapel

Duração 31:39

REVIEWS

<CODE> - "LOST SIGNAL" - AGONIA RECORDS 8/10

Regresso dos Code, uma das bandas que aos poucos tem vindo a crescer e a ganhar as atenções no mundo da música. Não será alheia a esta atenção a forma como mudou aos poucos ou como foi evoluindo ao longo de quinze anos de carreira. Os britânicos lançaram quatro álbuns com aclamação por parte da crítica e dos fãs e não é de espantar que exista expectativas em relação a nova música. É aí que se insere este "Lost Signal". E podemos dizer que não desilude, seguindo na linha de "Mut" onde temos no mesmo nível o progressivo e o avantgarde e indo um pouco mais além, andando pelo passado e reinvetando-o. Temos então três faixas ("On Blinding Larks", "Cocoon" e "Affliction") do já mencionado "Mut" reinterpretadas de uma forma menos intensa, mais experimental mas ainda intensa. Depois temos uma faixa de cada um dos álbuns anteriores e também devidamente tratadas da mesma forma. De "Resplendent Grotesque" temos "The Rattle of Black Teeth", de "Augur Nox" temos "The Lazarus Cord" e de "Noveau Gloaming", "Brass Dogs" e o resultado final é bastante uniforme e interessante. É na realidade uma experiência interessante já que nos responde àquela pergunta de "e se?". É um EP para fãs e para quem saber que som os Code tocam.

WITCHUNTER - "BACK ON THE HUNT" - BLASPHEMOUS ART PRODUCTIONS 9.2/10

Somos muito suspeitos para afirmar isto, é certo, mas há algo no heavy metal que desafia toda a explicação. Quando tempos um género que teve a sua génese na década de setenta e ainda assim, mais de quarenta anos depois, continua a trazer-nos obras de qualidade inquestionável, é porque é realmente especial! Os Witchunter são italianos e regressam com o segundo álbum com este "Back On The Hunt", seis anos após a estreia. Os mal intencionados poderão dizer que não trazem nada de novo, que até poderão ser chamados de retro, mas não vemos nem sentimos as coisas assim. Está aqui um álbum de heavy metal clássico que embora nos remeta para a primeira metade da década de oitenta, consegue fazer com que vibremos. Aquele efeito que apenas o verdadeiro heavy metal consegue, tal como os clássicos. Este é um dos nossos vícios mais recentes. Para quem é da velha guarda e para quem gostava de ser, recomendamos "Back On The Hunt". E nem é preciso referir as duas excelente covers, uma de Led Zeppelin e outra de Thin Lizzy.

ASHENSPIRE - "SPEAK NOT OF THE LAUDANUM QUANDARY" - CODE666 7/10

Os Ashenspire são uma nova banda britânica que nos traz algo bastante familiar. Um som desafiante com o metal presente mas com toda uma aura doom e gloom que nos remete para um universo próprio de uns Bethlehem em início de carreira e menos depressivos, desesperantes e agrestes. Também temos aquele violino e aqueles riffs arraçados de Primordial que não nos dão alternativa a não ser ficarmos completamente viciados. Esta influência da banda irlandesa poderá permanecer durante algum tempo, no entanto depressa começamos a sentir os Ashenspire como um projecto com uma identidade própria. Sem dúvida que uma grande estreia e mais uma prova que não há ninguém como os britânicos (neste caso escoceses) para nos trazerem doom de qualidade.

STARSET - "VESSELS" - SPINEFARM RECORDS 5.5/10

Segundo álbum dos Starset que nos surge três anos após a estreia. Para quem não apanhou essa estreia, poderemos dizer que o seu som é a soma do peso do metalcore, uma sensibilidade forte alternativa e pop e que é precisamente isso que apresentam aqui. Para os fãs do som mais tradicional, poderá não ser uma descrição muito entusiasmante, mas até que "Vessels" não é um desperdício de tempo e espaço. Talvez o que irrite mais será o som maquinal e algo plástico, mas é algo que faz parte do próprio conceito da banda. Apesar disto tudo temos algumas músicas cativantes mas que não deixa de nos parecer por algo passageiro incapaz de perdurar. Correndo o risco de estarmos a ser injustos, vamos aguardar pela posição do tempo para saber se daqui a cinco anos nos lembramos de "Vessels". Desconfiamos que não.

ABSCENDENT - "DECAYING HUMAN CONDITION" - REVALVE RECORDS 9/10

O álbum de estreia dos italianos Abscendent traz-nos um death/thrash metal bem contagiante. Aquilo que nos chama logo à atenção é o seu instrumental (e a produção), com as guitarras bem fortes e a secção rítmica bem segura e sólida. Dá ideia de que tem a solidez de um bunker. A voz também é forte mas fica a sensação de que reserva poucas surpresas e seja o ponto mais limitado dos Abscendent. Ainda assim, enquadra-se perfeitamente no que podemos ouvir. Este trabalho tem ainda a particularidade de ser composto apenas por cinco músicas, no entanto, todas ultrapassam a duração dos seis minutos. Isto é inesperado principalmente num género como o death/thrash metal mas ainda assim, não existem momentos mortos nem sentimos que tenhamos aqui excesso de gorduras. A qualidade técnica dos executantes até nos fazem crer (e querer) que podem enveredar por caminhos mais técnicos e progressivos. Vamos esperar para ver mas por enquanto, grande estreia!

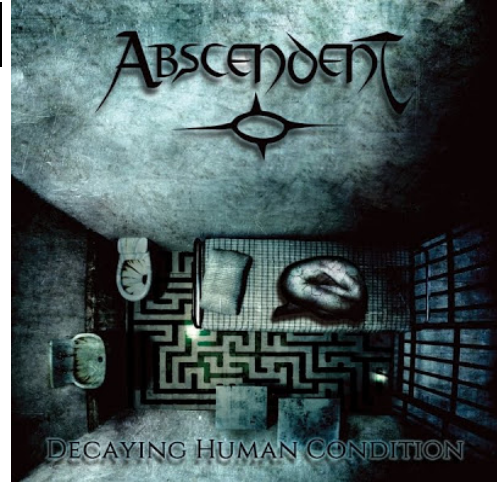
ABDUCTION - "UN OMBRE RÉGIT LES OMBRES" - FINISTERIAN DEAD END 8.6/10

Álbum de estreia da banda francesa de black metal Abduction. "Un Ombre Régit Les Ombres" é um álbum intenso e épico. E também desconcertante. Algo irregular (o que se calhar também podemos chamar de dinâmico, duma perspectiva diferente), com melodias sem distorção que se intrometem pelo meio e que fazem com que o som seja sentido como algo único. No entanto, não é o que temos uma paixão à primeira vista. Este é o tipo de música que se vai instalando aos poucos. Sem pedir autorização, pela calada. Como se não estivesse lá. Claro que nos momentos de maior violência damos conta que estão lá, só se estivessemos mortos é que não repararíamos, mas mesmo quando os blastbeats surgem, há um sentido de melodia épica e pagã que faz com que fiquemos irremediavelmente fascinados. Uma estreia prometedora.

RED CAIN - "RED CAIN" - EDIÇÃO DE AUTOR 8.3/10

Mais uma boa banda vinda do Canadá que se apresenta perante o mundo do metal. Os Red Cain estreiam-se com este EP e demonstram logo à partida algo que valorizamos muito: a capacidade de nos surpreender e deixar perplexos. Algures pela internet é possível encontrar o rótulo progressivo e por vezes é impossível não sentir-se que o mesmo só surge quando não existe imaginação (ou discernimento) para encontrar um melhor termo. Não nos entendam mal, não estamos propriamente a colocar-nos acima de todos os outros, até porque nós próprios vivemos esse dilema. Efectivamente, o progressivo é algo que se salienta no entanto não sentimos que seja algo que defina por completo estes quatro temas. E não interessa. O que interessa é mesmo a forma como estes quatro temas têm um efeito positivo no ouvinte principalmente se este for apreciador de música desafiadora e complexa.

VPAAHSALBROX - "14 SOVEREIGN" - PALE HORSE RECORDINGS 7/10

Sinceramente não sabemos como pronunciar o nome desta banda norte-americano mas o maior mistério não é saber dizer Vpaahsalbrox . O maior mistério é mesmo perceber o porquê deste trabalho ter sido reeditado. Apesar de "14 Sovereign" ser uma interessante peça de black metal bruto e cru, não conseguimos perceber a razão de reeditar agora esta demo originalmente editada em 2005 e constituindo o único lançamento dos Vpaahsalbrox até aos dias de hoje. Não se pense que estamos a questionar a qualidade do que se pode ouvir, essa é inquestionável, já que estas três faixas são viciantes, principalmente pelo ambiente necro e lo-fi, que desperta encantos aos quais somos bastante falíveis. Reeditado em vinil, esta é uma oportunidade de enriquecer a vossa colecção de material de underground black metal, mesmo que seja com uma entidade que não tem/teve grande expressão no mesmo.

REVIEWS

BEN BLUTZUKKER - "ANALOG BLOOD" - EDIÇÃO DE AUTOR 6/10

Ben Blutzukker é um músico multi-instrumentista, conhecido por ter participado nos Jormundgard, e este EP editado em 2015 é o seu primeiro trabalho a solo. Temos um heavy metal com pitadas aqui e ali de groove e outras de metal mais extremo mas o que impera é mesmo o midtempo. É um trabalho que aqui e ali revela potencial para conseguir vôos mais altos mas não consegue materializá-los. A produção caseira não ajuda também, soando algo abafada e sem vida. Sendo um primeiro trabalho, e por aquilo apresentado, vemos espaço para progressão, mas por enquanto, infelizmente, não temos mais do que uma promessa.

ABYSMAL GRIEF - "REVEAL NOTHING" - TERROR FROM HELL RECORDS 7.5/10

Os Abysmal Grief são um dos nomes clássicos do doom metal italiano, com uma carreira com mais de vinte anos. Seis álbuns de originais, uma série de splits, EPs e demo. Para comemorar precisamente o vigésimo aniversário da sua carreira, a banda lançou uma caixa para esse efeito, caixa essa que contém uma cassete com a demo "Mors Te Audit", uma t-shirt, um poster, um pin, um certificado de veracidade, um saco de veludo com solo de cemitério (!) para a Europa e para o resto do mundo com incenso e claro, este "Reveal Nothing", repleto de raridades. É precisamente este trabalho que vamos aqui focar. Temos faixas inéditas, outras retiradas de singles, splits e EPs. É um bom brinde para os fãs da banda e também uma boa forma de ficar introduzido à forma de fazer doom soturno bastante característica dos Abysmal Grie.

SECTASYS - "BROTHERHOOD OF CHAOS" - SATANATH RECORDS 6.5/10

Álbum de estreia dos venezuelanos Sectasys, banda de black metal bruto que se apresenta de forma energética. "Brotherhood Of Chaos" é um álbum potente de black metal onde o death metal também tem uma palavra muito importante a dizer. Para quem gosta e/ou procura uma proposta violenta e unidimensional, então definitivamente terá de conferir este álbum. Na nossa opinião, e apreciando metal extremo unidimensional como qualquer um, sentimos que falta por aqui alguma dinâmica. Juntando ao facto de que se tem quase uma hora de música, não é preciso chegar até muito depois da metade para se ficar algo cansaço. Fosse um pouco mais dinâmico ou tivesse menos músicas, a efectividade deste álbum seria muito mais forte.

BLACK OATH - "LITANIES IN THE DARK" - TERROR FROM HELL RECORDS 8.9/10

E que grande som têm estes italianos Black Oath! Doom metal clássico mas que o é também por juntar muitas pitadas de heavy metal nas suas composições e na sua identidade. Com três álbuns editados, "Litanies In The Dark" surge como uma forma de apresentação ao trabalho da banda e no que nos diz respeito, resulta na perfeição. Temos quatro temas que mostram não só devoção ao estilo (e devoção com qualidade) mas também uma dinâmica inesperada e que faz com que se fique com curiosidade redobrada em relação aos álbuns de originais dos Black Oath. Só peca mesmo por ser curtíssimo.

VILES VITAE - "IV" - CAVERNA ABISMAL PRODUCTIONS 8.8/10

Temos um underground riquíssimo em termos de valores, quer seja no death metal, quer seja no grindcore, quer seja no black metal. Os Viles Vitae insere-se neste último grupo, sendo que o seu black metal tanto tem um cariz de clássico (ouvir a "Source Life Extinction" que nos mostra o melhor que o black metal da segunda vaga nos trouxe e ainda assim ainda mete lá pelo meio umas cavalgadas potentes à heavy metal) como a abordagem mais atmosférica e até ritualista. Esta mistura resulta num trabalho muitíssimo interessante e que nos faz ouvir muitas mais vezes no futuro. Não só "IV" como qualquer trabalho por parte dos Viles Vitae.

AS IT IS - "OKAY." - FEARLESS RECORDS 5/10

Os As It Is são tudo aquilo que nos fizeram fartar do chamado punkeka (punk rock altamente melódico). Todos os seus elementos remetem-nos para aqueles filmes de adolecesntes norte-americanos que tiveram enorme sucesso na passagem do milénio, "American Pie" incluído. Sim, sabemos, é puro preconceito. Como já sabem, e estamos fartos de referir, o preconceito é um bicho que tentamos sempre superar. Apesar disso, não podemos dizer que "Okay." seja um álbum que nos surpreenda. A nós e ao nosso preconceito. Não sendo horrível, longe disso, é um trabalho que se enquadra perfeitamente no estima de rock leve, com um certo espírito rebelde e com ganchos pop que se instalam facilmente e desaparecem ainda mais depressa. Não nos entusiasma, sinceramente, mas acreditamos que quem goste deste tipo de coisa, tenha aqui um álbum para consumir sem receios.

HELHEIM - "LANDAWARIJAR" - DARK ESSENCE RECORDS 8.8/10

1. Ymr
2. Baklengs mot intet
3. Rista blodörn
4. landawarijaR
5. Ouroboros
6. Synir af heidindomr
7. Enda-dagr

Duração 57:03

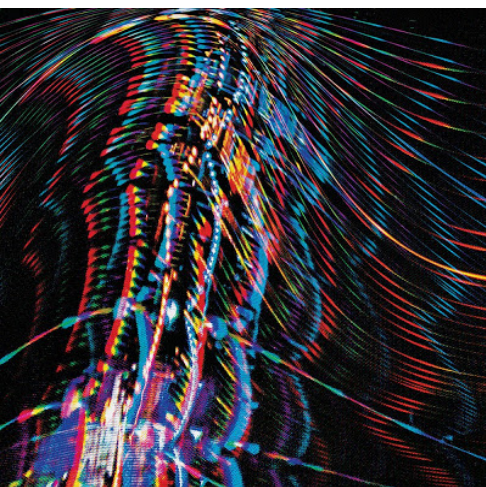
Não sendo um dos nomes mais famosos da cena de black metal norueguesa, os Helheim são sem dúvida um dos mais persistentes. E sólidos no que diz respeito à qualidade do seu trabalho. "landawarijaR" é o seu nono trabalho numa carreira com vinte e cinco anos de idade. É também um trabalho que evidencia, para todos aqueles que têm andado a dormir desde 1992, a qualidade única do seu black metal pagão e viking. Temos sete temas que embora nos remetam para os inevitáveis Enslaved ou Windir, também provam que o facto de passarem criminosamente despercebidos não faz com que sejam propriamente seguidores de quem quer que seja.

O feeling black metal, na vertente pagã, está presente mas há por aqui muito mais do que isso. Há um feeling épico, quase progressivo (senão mesmo assumidamente progressivo) que faz com que músicas como o tema título se sintam com uma intensidade ainda mais acentuada. A forma também como usam a guitarra solo, cheia de feeling, também faz com que o factor "gelo nórdico" normalmente associado a este tipo de proposta seja algo contornado. É um trabalho portanto bastante mais roqueiro do que aquilo que se espera mas esse facto não faz com que se perca nenhum poder.

Ainda assim podemos perceber que quem goste de coisas mais extremas não fique muito atraído com este tipo de coisas. Para quem tem acompanhado a banda ou para quem gosta de Enslaved e de parte da sua evolução, poderá encontrar aqui uma proposta igualmente boa (não necessariamente igual). Um grande regresso por parte dos Helheim que devem subir mais uns degraus na divisão de metal extremo nórdico com um álbum que mais do que ficar à primeira, obriga sem hipóteses a novas e repetidas audições. 2017 começa em grande.

REVIEWS

HORDES OF THE APOCALYPSE - "NOW THEY ARE EVERYWHERE! THERE IS NO ESCAPE!" - SYMBOL OF DOMINATION 5/10

Reedição do primeiro álbum deste peculiar projecto sueco. O som dos Hordes Of The Apocalypse tem tanto em comum com as propostas típicas de goregrind como de thrash metal retro. Poderá ser uma mistura estranha e talvez levante dúvidas em relação à sua eficácia, com alguma razão. A produção também não ajuda a que se tenha outro sentimento para além deste. Há sentimento de produção caseira que infelizmente impede que se leve isto muito a sério. O facto de termos este como o primeiro álbum de uma discografia que foi iniciada em 2015 e que hoje quando estamos a escrever estas palavras já conta com seis álbuns, onze EPs, um álbum ao vivo e duas colaborações, também demonstra que provavelmente este projecto deita música cá para fora sem grande censura.

NOYADES - "GO FAST" - ATYPEEK MUSIC / S.K. RECORDS 8/10

Nada como um som psicadélico para começar bem o dia. É o que os franceses Noyades nos trazem com este "Go Fast". Este power-trio levado da breca traz-nos uma sonoridade ainda que não seja fácil de identificar (psicadélico, noise rock e até pós-rock acabam por aparecer aqui), é sem dúvida viciante. Dá-nos a ideia dos três numa garagem qualquer a "jammar" como se não houvesse amanhã. Todas as músicas fluem naturalmente e é impossível pararmos de ouvir assim que começarmos. Para quem julga que o rock instrumental é música para outros músicos ouvirem, então precisa de ouvir este "Go Fast" para ficar com outra ideia.

BORN AGAIN - "STRIKE WITH POWER" - MASSACRE RECORDS 7/10

Álbum de estreia dos franceses Born Again que o lançam pouco tempo depois de se juntarem. O seu foco é o hard'n'heavy poderoso que tem a particularidade de terem um vocalista com uma voz de bagaço que mete respeito a São Lemmy Kilmister (da qual não será alheia a cover "No Class"). Não é a primeira vez que vemos ou ouvimos este tipo de som e não podemos dizer que encontramos algum traço de originalidade naquilo que é apresentado aqui, no entanto, o entusiasmo com que estas músicas são debitadas é apreciável. O único problema que podemos encontrar (não para nós mas para os ouvintes) é o facto de se encontrar num limiar. Nem é extremo - em termos instrumentais é bastante clássico até - nem é suave o suficiente para corresponder ao instrumental. O que poderá fazer a diferença é mesmo a forma como as suas músicas se enquadram no género mais sujo, algo próximo do rock sulista ou pelo menos desse feeling. Para se ter uma ideia peguem no álbum "I Hear Black" dos Overkill (o riff da "Wings Of Hate" tem um riff inicial muito semelhante ao da "Spiritual Void") ou em muito coisa por Black Sabbath antigo. Uma boa estreia, vamos ver o que o futuro nos traz.

THE RETICENT - "ON THE EVE OF A GOODBYE" - HEAVEN & HELL RECORDS 9/10

Os The Reticent (ou o projecto levado a cabo por Chris Hathcock, portanto uma one-man-band) poderiam ser uma nova forma de dizer Death Metal Tool. E isto poderia resumir muita coisa caso fossemos mauzinhos ou simplesmente preguiçosos. Não, há mais aqui, muito mais. É inegável que a voza de Maynard James Keenan é omnipresente (e de vez em quando Mariusz Duda dos Riverside) e também é inegável que os momentos mais pesados (guturais e gritos e tal) neste contexto, fazem com que pensemos obrigatoriamente em nomes como Between The Buried And Me, no entanto, existe muito espaço para a própria identidade de The Reticent, por muito que numa primeira abordagem não se sinta tal. Neste álbum conceptual que fala dos últimos momentos de um suicida, a parte lírica e o sentimento acabam por ser a grande arma e é a razão de termos grandes música de metal progressivo, ora visceral ora emocional. Pode não ser um álbum triunfante logo à primeira audição mas garantimos que não serão necessárias muitas para que se fique convencido.

ENDEMISE - "ANATHEMA" - EDIÇÃO DE AUTOR 8.3/10

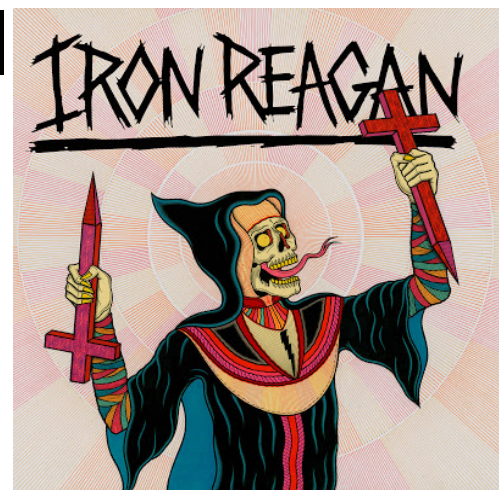
Os Endemise do Canadá já nos surgiu como uma banda a ter em consideração, embora sempre tivessemos sentido que a banda não tinha apresentado todo o seu potencial. Não foi necessário muito de "Anathema" para sentir que esse potencial finalmente estava ao nosso alcance. E ao deles.

Um álbum potente e intenso, o que não implica que se tenha de vez em quando a melodia a tomar conta das ocorrências. A melodia fica a cargo principalmente das linhas de teclados que dão aquele toque sinfónico mas que não permite que se entre em exageros. O resultado são oito temas potentes e que depressa provocam vício. Poderá não ser dos trabalhos mais memoráveis, mas sem dúvida que é música extrema para ninguém colocar defeito.

DEFIANT - "TIME ISN'T HEALING" - EDIÇÃO DE AUTOR 6/10

O leste está aí e está em força. "Time Isn't Healing" é o segundo álbum da banda ucraniana Defiant e apresenta-nos power metal que já nos habituámos a ouvir vindo de outros países europeus. O álbum começa a grande gás depois da intro orquestral da ordem ("Storm"), com uma frenética "Milestones Of Time", no entanto é depois disto que as coisas começam a tornar-se um pouco mais aborrecidas, com o álbum a assumir uma toada a meio tempo que faz com que o marasmo comece a falar mais alto. Não é que não exista talento individual ou as músicas em si não sejam boas, é o desequilíbrio que se sente conforme o álbum avança. Falta mais pêlo na venta e sangue na guelra que alguns ocasionais momentos não compensam. Não sendo um mau álbum, também não é muito memorável.

IRON REAGAN - "CROSSOVER MINISTRY" - RELAPSE 8.4/10

Sempre vimos os Iron Reagan como o lado sério dos Municipal Waste, se é que o conceito faz sentido, e a verdade é que a este projecto está a assumir-se cada vez mais como mais uma banda a sério. Tendo em conta que os Municipal Waste não lançam nada desde 2012 e que desde essa altura os Iron Reagan já lançaram três álbuns, podemos até supor que os primeiros se calhar até estão a ser deixados para trás. De qualquer forma, nos tempos de conturbação política e social que vivemos, até faz sentido que sejam os Iron Reagan a mostrar-se mais activos.

Aquilo que sempre gostámos neles foi o facto de usarem o crossover de forma acutilante. Existem poucos grupos que os consigam fazer, havendo a tendência para caírem um pouco numa fórmula que se esgota a si própria em pouco tempo. Este álbum mostra que é possível fazer um trabalho de crossover sem se encerrarem propriamente em becos sem saída, mesmo usando vários lugares comuns. Não sabemos bem como é que tal é feito mas desconfiamos que é pelo facto de termos a parte thrash metal bem presente - o que nos sempre nos chateou no crossover é pelo hardcore abafar quase tudo o resto.

Aqui existe um equilíbrio entre as duas vertentes mas mais do que isso, o que temos são temas potentes onde a crítica social está mais presente que nunca - e nem teriam o poder que têm se assim não fosse. No entanto também temos algumas excepções à regra e um pouco do espírito mais festivo dos Municipal Waste como a "Fuck The Neighbors" e que servem também para trazer mais dinâmica em termos de mensagem. Musicalmente falando, o que temos é a proposta unidimensional que esperávamos ter em menos de meia hora. Curto, intenso e bruto, este é um álbum que mostra que o crossover tipicamente da década de oitenta ainda tem muito para dar nos dias de hoje. Tanto em termos de música como de mensagem.

1. A Dying World
2. You Never Learn
3. Grim Business
4. Dead with My Friends
5. No Sell
6. Condition Evolution
7. Fuck the Neighbors
8. Power of the Skull
9. Crossover Ministry
10. More War
11. Blatant Violence
12. Parents of Tomorrow
13. Bleed the Fifth
14. Megachurch
15. Shame Spiral
16. Dogsnotgods
17. Eat or Be Eaten
18. Twist Your Fate

Duração 29:24

REVIEWS

ВЕЛИАР - "СКВОЗЬ ВЕКА"- SYMBOL OF DOMINATION PROD. 7.5/10

Não é uma questão de discriminação mas a verdade é que temos um pouco resistência a fazer análises a estas bandas russas devido à barreira linguística - mais do que não perceber o nome da banda e títulos das músicas, não conseguimos perceber os caracteres. No entanto, sendo nós uma zine portuguesa, escrita em português e com grande parte da sua audiência fora de Portugal, este tipo de pensamento não tem qualquer validade. "Сквозь века" é o terceiro álbum dos Велиар e traz-nos um black/death metal sinfónico de qualidade acima da média mas que tem um pouco de nostalgia agregada, remetendo-nos para uma sonoridade típica do final da década de noventa. Bons temas e um conjunto dinâmico que faz com que esta banda, apesar de não sabermos como se diz, seja válida para acompanhar de agora em diante.

CALLIDICE - "SCARLET" - INVERSE RECORDS 7.5/10

Segundo EP dos finlandeses Callidice que nos brindam com um death metal melódico de qualidade insuspeita. Agora há algumas coisas que temos que esclarecer. Quando falamos em death metal melódico podemos pensar em duas vertentes. Temos a clássica do início de carreira de bandas como Arch Enemy, In Flames e Dark Tranquillity ou temos a mais moderna que os, novamente, Dark Tranquillity têm feito nos últimos anos. É sobre esta segunda categoria que os Callicide se inserem e o nome da banda sueca não surge aqui por acaso, mas não podemos dizer que temos uma simples cópia até porque o feeling que resulta das vozes limpas de Jarkko Liimatainen é totalmente diferente. Temas fortes e viciantes e no geral um bom EP que nos faz querer ouvir mais por parte da banda finlandesa.

SEVEN SINS - "DUE DIABOLI ET APOCALYPSE"- SATANATH RECORDS 7.3/10

Do Cazaquistão chegam-nos os SevenSins, mais uma banda que começou como deathcore e depois passou para algo mais tradicional. Só o facto de termos o deathcore a ser porta de entrada para novas bandas compensa o género em si (ou pelo menos as suas limitações), no entanto algumas destas transições parecem-nos misteriosas. Pelo menos no caso dos SevenSins. O seu som é tão tradicional dentro do que é expectável que nos parece fantasia que a banda alguma vez tivesse tocado deathcore. "Due Diaboli Et Apocalypse é um álbum de metal sinfónico, dentro dos parâmetros estabelecidos por bandas como Dimmu Borgir - este é uma das grandes e principais referências que no surge na cabeça - mas que consegue cativar, fazendo esquecer a quase ausência de identidade. Podemos verificar rapidamente que este álbum será engolido no meio de centenas de lançamentos no género e que dificilmente daqui a uns anos será lembrando, mas a sua qualidade (independentemente da originalidade) é tão evidente que será impossível não se apreciar o que se ouve aqui.

MARK SULTAN - "BBQ"- IN THE RED 6/10

Já aqui falámos muitas vezes de one-man-bands e normalmente é sempre numa perspectiva de metal extremo, principalmente nos meandros do black metal mas é a primeira vez que o fazemos no contexto do garage rock. Já conhecíamos Mark Sultan do seu trabalho com os King Khan & BBQ portanto não será completamente de estranhar o que podemos ouvir aqui: garage rock que tem tanto de indie como de gravações obscuras da década de sessenta, lo-fi incluído e tudo. Não é um trabalho fácil de apreciar - a não ser que se tenha uma grande apreciação pelo artista em si - já que é cru, é minimalista e bastante cru (não sei se já tinha dito que era cru). Fazendo uma comparação, o que temos aqui poderá ser similar em termos de proposta com o trabalho a solo de Syd Barrett dos Pink Floyd, menos experimental e com mais pés nas raízes do rock'n'roll.

HAAN - "SING PRAISES" - KAOS KONTROL 8/10

Peso com fartura é algo que não falta a este primeiro EP dos Haan. São quatro temas que têm tanto de rock barulhento e visceral como daquela fórmula bem específica em que bandas como Mastodon e Red Fang operam e nos fazem falar em coisas como stoner, doom e sludge na mesma frase na esperança de chegar lá mas sabendo que vamos ficar sempre aquém do pretendido. Para os Haan, não temos algo diferente. Temos todos estes elementos bem conjugados e que resultam em quatro temas que vão para além do óbvio e até para (muito) além dos dois nomes citados atrás. Se resulta de forma tão perfeita num álbum, não temos bem a certeza, mas o que ouvimos aqui é daquelas coisas que não se consegue parar de ouvir.

TAIGA - "SKY" - SATANATH RECORDS 8/10

Não é de agora que o metal russo nos chamou a atenção e os Taiga são um dos bons nomes que depressa começaram a ganhar notariedade. Com um bom ritmo de um álbum por ano, aquilo que temos aqui neste "Sky", o seu terceiro álbum é a prova de que temos quantidade mas também temos qualidade. Black metal depressivo e contemplativo que consegue conciliar o peso com melodias que se entranham facilmente. Temos de confessar que o elemento que mais custou a entrar foi mesmo o da voz (não sabendo bem se é de Andrey Chernov ou de Nikolay Seredov já que ambos cantam) que nos faz lembrar um Chris Boltendahl dos Grave Digger em falseto - algo que é preciso alguma habituação. O resultado é um álbum ao qual nos vemos voltar no futuro próximo. Apesar da voz.

CORY HANSON - "THE UNBORN CAPITALIST FROM LIMBO" - DRAG CITY 7.6/10

Álbum de estreia de Cory Hanson, dos Wand, a solo. O vocalista surge num registo bem diferente que os Wand nos habituaram embora possamos encontrar muitos paralelos na música que "The Unborn Capitalist From Limbo" nos traz e aquela que conhecemos do rock barulhento e psicadélico dos Wand. Há por aqui um espírito tranquilo e quase bucólicopastoral, próprio de alguma da música mais folk da década de sessenta ou do rock alternativo da década de noventa que sofreu essa influência. Apesar de ser um trabalho algo minimal, há um elemento que destaca: o arranjo de cordas. E é esse elemento que faz com que esta estreia a solo seja realmente fantástica. Poderá ser o tipo de música que passa despercebido e que serve de ambiente, mas quando se presta atenção aos detalhes, não há volta a dar.

SIN OF GOD - "AENIGMATA" - SATANATH RECORDS 9/10

É muito bom podermos fazer este trabalho. Realmente gratificante principalmente quando temos uma banda como Sin Of God a apresentar-nos uma dose muito forte e concentrada de death metal bruto dos queixos. "Aenigmata" é, além um jogo bem conseguido de palavras, uma bujarda de death metal épica. E quando tempos bujardas épicas quer seja o estilo, é impossível ficarmos indiferentes ou questionar-nos se é original ou não. Acreditem que o pensamento não nos passou pela cabeça a não ser para escrevermos esta breve análise. São nove temas que nos podem remeter para aquilo que os Morbid Angel fizeram no seu "Gateways Of Annihilation", um álbum desvalorizado de maneira criminosa. Técnica e potência em algo que qualquer fã de death metal terá ansiedade para pôr o seu pescoço à prova.

REVIEWS

AEONLESS - "AEONLESS" - SATANATH RECORDS 5/10

Segundo álbum do projecto que junta Jori Hautala e Georgi Georgiev. Não são nomes sobejamente conhecidos do underground internacional (Hautala é finlandês e Georgieve é búlgaro), assim como Aeonless, a entidade que os reúne, não é passível de ter o mesmo futuro. Isto principalmente devido ao seu som que não nos traz nada de propriamente excitante. Começando na produção que apesar de não ser má, também não é propriamente boa. É algo que veríamos na década de noventa e que aceitaríamos se... a música fosse mesmo boa. Como a música que nos surge aqui não desperta esse tipo de paixão, não existe salvação. Difícil de catalogar - e não concordamos com o rótulo doom/black metal. É demasiado uptempo na sua maioria para ser doom e a voz remete-nos mais para um campo death metal - e demasiado genérico, infelizmente para o seu próprio bem.

BALANCE INTERRUPTION - "DOOR 218" - SATANATH RECORDS 8.4/10

Devemos dizer que apesar de não gostarmos muito do caminho escolhido pelos Deathspell Omega, que é inegável a sua importância no cruzar barreiras do black metal. Isto não quer dizer que o grupo francês seja obrigatoriamente uma influência dos ucranianos Balance Interruption que chega com este "Door 218" ao seu terceiro trabalho. Até porque pode muito bem não ser mas a verdade é que várias vezes ao longo deste álbum que pensamos neles. Temos aqui um black metal angular, industrializado e muito intenso nos ambientes que cria. Não são ambientes novos, são familiares e não só para os fãs de Deathspell Omega mas para muitas outras propostas, no entanto há uma eficácia que faz com que o peso das influências caia. Este é um álbum desagradável, tão difícil de ouvir quanto intrigante e é por isso, sem darmos muito conta, o ouvimos tantas vezes num curto espaço de tempo.

ABSENT IN BODY - "ABSENT IN BODY" - HYPERTENSION RECORDS 9.5/10

Absent In Body é um daqueles casos "o que aconteceria se?" Mais concretamente, o que aconteceria se tivessemos Scott Kelly dos Neurosis a juntar-se a Mathieu Vandekerckhove e a Colin H Van Eeckhout dos Amenra, sendo que Mathieu também tem os Syndrome enquanto Colin tem os Amenra. Pelos nomes citados, já dá para ter uma ideia que provavelmente vai chegar perto do que podemos ouvir mas nunca totalmente lá. Nada como comprovar realmente e no caso desta colaboração única entre os nomes envolvidos, não é uma obrigação, é puro prazer. Sendo a quinta e última parte da série limitada de colaborações exclusivas "The Abyss Stares Back" e composta por uma única faixa de quase vinte minutos, o que temos aqui é uma autêntica viagem, ora mais ritualista, ora mais etérea, mas sem dúvida que um trabalho que será obrigatório para todos os fãs de música desafiadora. Talvez isto seja muito vago mas até que ponto as palavras serão eficazes para descrever o que não tem descrição? Este é um trabalho que poderá passar despercebido (também tem uma tiragem limitada de quinhentas unidades) e que daqui a uns anos permanecerá obscuro entre a muita obra dos três músicos envolvidos mas essa será apenas mais uma razão para celebrar esta obra agora.

NOISE TRAIL IMMERSION - "WOMB" - MOMENT OF COLLAPSE 7/10

Ora aqui está daquelas bandas que tem tudo para nos deixar tão espantados como nos deixar na dúvida se queremos ouvir o seu trabalho duas vezes seguidas. Que fique já esclarecido que "Womb", o segundo trabalho dos italianos Noise Trail Immersion é uma espantosa e complexa obra de metal espásmico e matemático. Conseguimos admitir isso sem problemas. O que não conseguimos fazer é realmente ouvir esta álbum durante muito tempo. Para quem gosta de Deathspell Omega definitivamente conseguirá encaixar bem o que se passa mas como nós não apreciamos totalmente a evolução da mítica banda francesa, acabamos por acha que as dissonâncias e as constantes trocas e baldrocas de ritmos e tempos fazem com que o foco da música em sim se perca. Caótico, com muita coisa a acontecer ao mesmo e bastante feio, "Womb" é um álbum que vai exigir muito do seu ouvinte mas ainda assim, consegue cativá-lo aos poucos. Muito aos poucos. Portanto, é necessária paciência e dedicação. No final (muito lá para o final) vai compensar.

HAIR BALLS - "ATOMIC CUCUMBER"- DARK FRONT 8/10

Hair Balls é um nome para lá de parvo mas felizmente a música que podemos ouvir em "Atomic Cucumber" é proporcionalmente boa. Editado em 2015 como edição de autor e reeditado em 2016, este álbum de estreia dá-noss um thrash metal energético a beirar o crossover e que é frenético o suficiente para que esqueçamos o nome em três tempos. Podemos encontrar aqui muitas raízes do estilo típico da década oitenta, no entanto além de não cheirar a mofo, é potente o suficiente para que fiquemos imediatamente agarrados. O nosso problema com o crossover costuma ser o não uso de solos de guitarra mas felizmente aqui não temos, de todo, esse problema. Boas malhas, bons executantes e uma voz a lembrar Phil Vane dos Sacred Reich. Enough said.

HAZZARD'S CURE - "SMOKE IRON PLUNDER"- LUMMOX 7.8/10

Segunda proposta por parte dos norte-americanos Hazzard's Cure. "Smoke Iron Plunder" é um conjunto impressionante de temas sujos de sludge que demonstram bem o caos que é o mundo onde vive a banda, um mundo que acaba por nos atrair irremediavelmente. A única coisa menos positiva que notamos neste segundo álbum é que em termos de produção que acaba por reduzir o poderio que o caos sonoro aqui exposto tem potencial para atingir. Ainda assim é um álbum que demonstra o potencial, ainda não devidamente materializado, que esta banda tem para a chinfrineira de qualidade, onde o black metal também tem uma palavra a dizer. Boa surpresa, agora poupem uns trocos para fazer algo assim mas com algo que deite abaixo um prédio.

PESTIFER - "EXECRATION DIATRIBES"- LAVADOME PRODUCTIONS 9.2/10

Mais de quinze anos após a sua incepção, os Pestifer iniciam-se nos álbuns com este bruto "Execration Diatribes". A banda portuguesa é um power trio de meter respeito a muitos exércitos que por aí andam. Este álbum de estreia é um festim de death metal brutal e impiedoso, o que faz com que o amor seja logo à primeira audição, isto, claro, partindo do princípio que existe uma apetência natural para a coisa. Podemos salientar como influências nomes tão díspares como a cena norte-americana dos inícios da década de noventa, como alguns grupos que começaram a ficar populares na transição de milénio. Uma delas que nos surge algumas vezes em mente são os Krisiun.

Apesar do que a descrição atrás possa sugerir, estamos a falar de uma proposta que tem bastante dinâmica. A violência hiper-sónica fala mais alto na maior parte das vezes mas existe espaço para algumas variações em temros de tempo e em termos de ritmos o que torna o álbum bastante fresco durante a sua duração - que por acaso tem a adequada (quarenta minutos). Mais do que ser dinâmico, são as músicas que realmente cativam e podemos até ser um pouco suspeitos por dizer isto, mas nos últimos tempos, dentro deste género musical, não ouvimos nada que tivesse este impacto.

Impacto e longevidade, já que este álbum assume-se como um trabalho clássico do género - eu sei, eu sei, estamos a entusiasmar-nos em demasia, mas é a forma forte como este álbum soa que nos obriga a isso. Podemos dizer que não é original e que faz lembrar muitos outros nomes do death metal bruto, mas não lembra exactamente um em específico, não soa a cópia deslavada e acima de tudo... já dissemos que é potente?! "Marx Exult", "Enslavement God" ou "Confront Death" são boas formas de ficar a par da potência que está por aqui.

1. March of the Dead Orchestra
2. Mars Exult 04:36
3. Brutal Eruption of Chaos
4. Dark Dimensions
5. Enslavement of God
6. Awaken by Death
7. Nothing Remains
8. Riding the Storms of Hate MMXVI
9. Confront Death

Duração 40:01

REVIEWS

ETERNAL DEFORMITY - "NO WAY OUT" - TEMPLE OF TORTUROUS 9.3/10

Será mesmo possível nos dias de hoje termos uma banda como os polacos Eternal Deformity que existe há quase vinte e cinco anos e que nos tenha passado completamente ao lado? Com um sonzão destes?! Dá-nos vontade de nos espancar a nós próprios. Felizmente estes sentimentos de auto-flagelação passam depressa quando pensamos que mais vale tarde que nunca. "No Way Out" é o sexto álbum (!) da banda e foi lançado em 2015 em edição de autor e agora alguém (felizmente!) com visão e principalmente ouvidos decidiu que era um álbum que merece ser chegar ao máximo de pessoas possível. Esse alguém foi a editora sueca Temple of Torturous e graças a eles ficámos a conhecer esta poderosa obra de doom metal e dizemos que é doom porque é o rótulo que mais sentido faz no entanto há muito mais aqui do que simples doom. Há todo uma série de elementos de outros géneros que enriquecem este trabalho de uma forma única. Seja como for. É bom, é muito bom! Obrigatório conhecer.

HULDRE - "TUSMORKE" - GATEWAY MUSIC 8.5/10

Folk da Dinamarca é coisa que nunca nos tinha assistido, o que ainda só faz com que este "Tusmorke" seja mais atractivo para nós. Trata-se do segundo álbum dos Huldre que nos apresenta verdadeiramente folk metal, isto é, temos músicas com estruturas típicamente folk (e não apenas o uso de algumas melodias e/ou instrumentos tradicionais, ou samples de instrumentos tradicionais) acrescentando a distorção e até alguns riffs bem interessantes, alguns bem metal. O resultado é fantástico e não é preciso muito para ficarmos viciados, principalmente pela voz de Nanna Barslev que se adequa totalmente às músicas. Grande surpresa e um grande nome para juntar à colecção de entidades a seguir no espectro do folk metal.

WHEEL OF SMOKE - "MINDLESS MASS" - EDIÇÃO DE AUTOR 7/10

Os Wheel Of Smoke são mais uma banda que vão buscar o espírito primordial do rock. Começar uma análise com "são mais uma banda" poderá não ser bom indicativo. Podemos ter essa ideia ao início de ouvir este "Mindless Mass", em que os temas não parecem surgir efeito por muito que se insista. Podemos até nos sentir tentados a desistir mas é aí que se percebe que os Wheel Of Smoke fazem-na pela calada. As soluções pouco usuais da banda belga instalam-se e o efeito de estranheza entranha-se. Raízes psicadélicas misturadas com um rock que tem tanto de stoner como de alternativo fazem com que "Mindless Mass" se repita sucessivamente sem que se dê conta.

SHAARIMOTH - "TEMPLE OF THE ADVERSARIAL FIRE" - W.T.C 9/10

O death metal poderá não ser um género que se espere ouvir vindo da Noruega, mas quando acontece, vem cá com uma potência! É o caso do segundo álbum dos Shaarimoth, "Temple Of The Adversarial Fire" que surpreende para quem já não esperava nada deles, já que a estreia foi já no longínquo ano de 2005. O seu death metal enegrecido e exótico chega-nos como se nunca tivesse estado ausente. Com uma produção potente (onde os pormenores estão perfeitamente perceptíveis) e músicas que carregam tanto poder como um groove extraordinário, este álbum demonstra que 2017 será um grande ano para o metal caso a qualidade venha toda como a que temos aqui: certeira e inesperada. É um álbum que apesar de ser algo imediato, tem um certo crescimento dentro do ouvinte, conforme as posteriores audições vão-se sucedendo.

ATHOS - "NOHT LERAPOT" - SYMBOL OF DOMINATION PROD. 8/10

Para quem acha que da Grécia só nos chegam propostas sui generis de black metal, aqui está Athos, uma one-man-band que toca black metal tradicional (de acordo com os parâmetros estabelecidos pela segunda vaga de black metal). Kerveros é o mastermind por trás de tudo o que podemos ouvir aqui e este "Noth Lerapot" é o seu quarto álbum. Mesmo que a descrição atrás dada não seja propriamente entusiasmante para quem gosta de de coisas originais, basta ter um pouco de gosto por black metal para que se fique cativado por esta proposta. E isto deve-se à sua genuidade. É um álbum que se ouve muito bem, indo buscar aquele espírito inocente que havia em abundância vinte ou mais anos atrás. Quando anda tudo a tentar capturar à força a energia e ambiente do passado, Athos fá-lo sem qualquer dificuldade aparente. E conquista-nos por isso.

ABIGORUM / CRYOSTASIUM - "UNHOLY GHOST LITURGY" - ABSTRUSE EERIE RADIANCE / SATANATH 7/10

O conceito de colaboração é um que leva o conceito split mais além. E diga-se de passagem é bem mais interessante. Duas entidades unidades para um propósito comum. Claro que isso não quer necessariamente dizer que temos obrigatoriamente uma obra de arte. Em relação a "Unholy Ghost Liturgy" não podemos dizer que seja o caso. Não conhecíamos nenhum dos projectos, nem os Abigorum (da Rússia), nem os Cryostasium (dos E.U.A.) nem sabemos até que ponto o que temos aqui desvia do seu som tradicional. O que conseguimos dizer é que o resultado não é tão cativante quanto isso. Soa a qualquer proposta do underground que nos tivesse chegado dez ou quinze anos atrás, sem grandes pontos de atracção. Demasiado longo e disperso para o seu próprio bem, fazia falta aqui mais foco e menos tempo de duração para que o impacto fosse mais significativo.

HERETOIR - "THE CIRCLE" - SATANATH RECORDS 9/10

Os Heretoir regressam com o seu segundo álbum após seis anos sob a promissora estreia. Seis anos é muito tempo e talvez muitos se tenham esquecido da banda e outros provavelmente nem sequer tenham chegado a ouvir falar dela (infelizmente nos dias de hoje, aquilo que é dito agora, daqui a duas horas já são notícias velhas, quanto mais um álbum ou uma banda que lançou um álbum à seis anos) mas não choremos sobre a triste realidade da sociedade dita modernizada e civilizada. Vamos antes celebrar o facto que os Heretoir estão de volta com um grande álbum.

Sim, "The Circle" é um grande álbum mesmo inserindo-se na tendência que parece querer esticar os limites do black metal. Ou melhor, romper com eles. Por nós tudo bem, não somos tão facciosos assim que não consigamos reconhecer a qualidade quando a ouvimos. Temos aqui algumas lembranças de algum espírito black metal mas não podemos dizer que este trabalho não seja uma evolução natural da estreia auto-intitulada que já apresentava bastante em comum com bandas como Amesoeurs ou Alcest (cujo mastermind Neige dá aqui uma perninha na voz).

A agressividade continua presente e muito bem conjugada com o ambiente e sentimento melancólico que percorre todas estas onze músicas. Como a banda apresentou este tipo de proposta desde o início, não os podemos acusar de estarem a seguir uma tendência, até porque o seu black metal atmosférico e contemplativo soa bem genuíno e honesto. Podemos dizer sem qualquer tipo de receio que "The Circle" é um dos grandes trabalhos do género nesta primeira metade e que mesmmo que seja engolido pelo tempo e pelas muitas propostas dentro do estilo, o seu valor nunca irá desaparecer.

01. Alpha
02. The White
03. Inhale
04. Golden Dust
05. My Dreams are Lights in the Sky
06. XIX XXI XIV
07. Exhale
08. Eclipse
09. Laniakea Dances (Soleils Couchants)
10. Fading with the Grey
11. The Circle
Duração 65:42

REVIEWS

BETONTOD - "REVOLUTION" - ARISING EMPIRE 7/10

Parece que os Betontod estão a dar nas vista lá para os lados da Alemanha e não é difícil de perceber porquê. Com os pés bem assentes no punk rock mais acessível, o seu som é forte e poderoso e bem capaz de agradar todos os que gostam dos trabalhos mais tradicionais por parte de bandas como NOFX ou Green Day antigo. Tem a particularidade de ser cantado em alemão e não vou negar de que de certa forma constitui uma barreira, mas quem ouve em inglês americano também ouve em alemão. É um álbum interessante, imediato para os fãs de punk rock e é aí que reside a sua maior força e simultaneamente a sua maior fraqueza. Não oferece surpresas mas quem ouve também, provavelmente, não as espera encontrar. Nota positiva para temas energéticos como "Bambule & Randale".

NICOLE SABOUNÉ - "MIMAN" - CENTURY MEDIA 9/10

Este não é o típico album de metal. Talvez nem de rock. Todavia também não conseguimos dizer que seja um trabalho típico do quer que seja. Aquilo que podemos dizer, e esta foi a primeira impressão que tivemos conforme ouvimos "Miman" e que se mantem até agora, é que a voz de Nicole Sabouné é o centro das atenções aqui. A sua voz tem o quê de clássico, remetendo para a fazer post-punk do início da década de oitenta e a música acompanha essa viagem. À primeira audição podemos não encontrar traços de metal ou rock, mas existe sem dúvida um peso opressivo que acompanha todo o trabalho. Um desconforto que faz com que a cantora sueca acabe por ser o nosso apoio, a nossa única luz. Este segundo álbum revela ao mundo a diva que é Nicole Sabouné com um trabalho poderoso - com a cover da Madonna incluída.

PAGANLAND - "FROM CARPATHIAN LAND" - SVARGA MUSIC 8.7/10

E da Ucrânia chega-nos uma dose de excelente qualidade de black metal pagão através dos Paganland. É o seu terceiro álbum e deixa-nos a certeza que por vezes aquilo que é mais simples é também o que é mais eficaz. Melodias cativantes, agressividade constante, personificada principalmente pela voz de Dmytro Krutyholova, são um conjunto de elementos que nos fazem ficar rendidos a "From Carpathian Land". Não vamos dizer que temos por aqui uma abundância, talvez excessiva de lugares comuns, mas também não podemos dizer que tenhamos algo de verdadeiramente mau. Muito pelo contrário. Este é um trabalho que facilmente se instala para todos os que viveram o black metal mais melódico nos meados da década de noventa. Passando desses tempos para aqui não se vão sentir deslocados.

HATEURE - "ERASE THIS" - EDIÇÃO DE AUTOR 8/10

Hateure é uma banda das Filipinas que lançou "Erase This". Para quem não se lembrar deles, já os conhecemos desde os tempos da Metal Imperium onde tivemos contacto com o EP "Body & Soil". O que temos aqui é um EP de uma faixa apenas. O que temos é uma proposta bem intensa, desagradável (no bom sentido) e claustrofóbica de doom/sludge com algo de post-metal à mistura. É um tema promissor, que consegue mostrar evolução em relação ao trabalho anterior, e que nos faz pena que não surja devidamente acompanhado por outros. Por aquilo que já conhecemos da banda e pelo o que podemos ouvir aqui, ficamos convencidos de que a banda está pronta para lançar um álbum. Deixamos, para todos os que sentirem o mesmo que nós, a indicação de que a banda lançará o seu trabalho lá mais para o meio do ano. Vamos aguardar. So far so good. Good indeed.

STRIKER - "STAND IN THE FIRE" - EDIÇÃO DE AUTOR 8.5/10

Que boa maneira de começar o dia. "Stand In Fire" dos Striker deveria ser a forma oficial de iniciar qualquer dia. De certeza que o dia seria bem melhor. Não que seja uma proposta zen, capaz de anular todos os sentimentos agressivos, mas definitivamente que tem a capacidade para pôr todos bem dispostos, principalmente se houver apreciação pelo heavy metal com umas pitadas de power metal e de hard rock clássico. Não conseguimos dizer exactamente onde começa um e acaba outro, só sabemos que é bom. Muito bom. A banda canadiana já lançou outro álbum depois deste, mas mesmo assim não pudemos ignorar um som tão clássico e tão excelente como este. Sem dúvida um trabalho obrigatório para quem gosta do género.

CELLADOR - "OFF THE GRID" - SCARLET RECORDS 8/10

Apesar do nome estranho, os Cellador são uma grande banda de power metal vitaminado. À europeia. "Off The Grid" é um título irónico já que marca o retorno da banda desse estado (fora da rede) depois de uma ausência editorial de onze anos, ignorando o EP lançado 2011. Trata-se de um grande regresso com um power metal energético e contagiante. Dragonforce e Tyr são alguns dos nomes que nos surgem mas existem muitos mais, no entanto, não se trata propriamente de uma cópia descarada a quem quer que seja. Existe aqui espaço para uma identidade que, admitimos, parece estar ainda em formação. De qualquer forma, e até lá, o que se ouve é bem entusiasmante. Recomendado para os fãs do género, sem dúvida.

PAIN OF SALVATION - "IN THE PASSING LIGHT OF DAY" - INSIDEOUT 9.7/10

Os Pain Of Salvation são o caso típico em que as críticas e análises de discos é um pouco como quando o clube no topo da tabela já tem vinte pontos de avanço sobre o segundo classificado e o resto do campeonato é apenas cumprir calendário. Claro que este tipo de pensamento poderá levar a grandes tombos mas a culpa é do grupo sueco que já nos habituou à excelência com uma carreira bem acima da média no que diz respeito à qualidade (embora álbuns como "Scarsick" não tenham sido propriamente unânimes entre a crítica e fãs). E "In The Passing Light Of Day" não é nenhuma excepção.

Este é um álbum conceptual que retrata a experiência muito pessoal de Daniel Gildenlöw, eterno líder da banda, aquando esteve às portas da morte algures em 2014. Como o tema poderá supôr, este é um álbum cheio de emoções, onde as músicas assumem um peso quer lírico quer musical nunca antes atingido. E isto por si só é razão suficiente para que fiquemos completamente agarrados desde o primeiro épico que abre o álbum, "On A Tuesday". É um álbum, ou melhor, é uma viagem que inevitavelmente suga o ouvinte para dentro de si.

Tal como muitos álbuns conceptuais, este é um trabalho que demora, que exige, o seu tempo até que se consiga manifestar por completo. Confessamos que a este ponto ainda não estamos com ele devidamente... "crescido" dentro de nós. Reconhecemos a sua qualidade, tanto liricamente como musicalmente, conseguimos inteirá-la, conseguimos absorvê-la no entanto sabemos que há muito mais a digerir aqui. Principalmente o tema-título que encerra o trabalho, um tema de mais de quinze minutos que é a conclusão mais que adequada para uma história que de uma maneira ou outra, é-nos bastante familiar.

1. On A Tuesday
2. Tongue Of God
3. Meaningless
4. Silent Gold
5. Full Throttle Tribe
6. Reasons
7. Angels Of Broken Things
8. The Taming Of A Beast
9. If This Is The End
10. The Passing Light Of Day

Duração 71:50

REVIEWS

GRIM RAVINE - "THE LIGHT IS FROM BELOW"- BLACK BOW 7.5/10

Para quem já tinha saudades de bom e velho doom vindo da Inglaterra... não é com os Grim Ravine que vão matar saudades. "The Light Is From Below" é uma bujarda monolítica de sludge/doom mais próximo das raízes norte-americanas do que propriamente do que a referência clássica britânica estabeleceu no início da década de noventa. A banda estreou-se em 2015 com um EP auto-intitulado e demonstrou estar pronta para o primeiro trabalho. Ao ouvir esta estreia não nos sentimos defraudados já que o peso sufocante é uma constante. Ficamos no entanto com a sensação de que poderiam ter acrescentado mais uma faixa de forma a tornar este álbum ainda mais memorável. De qualquer forma, é uma introdução mais que boa para uma discografia que se prevê brilhante.

VENDETTA - "THE 5TH"- MASSACRE RECORDS 7.3/10

Thraaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaash!! Aaaah, como tínhamos saudades deste grito de guerra. Julgo ser o primeiro do ano, pelo que já se impunha, mesmo que seja numa banda que até nem reúne consensos como é o caso dos Vendetta. A banda esteve ausente por seis anos após um fraquinho "Feed The Extermination" mas na nossa humilde opinião, o silêncio até lhes fez bem, já que voltaram cheio de potência e sangue na guelra. "The 5th" é, como o nome indica, o quinto álbum da banda e mostra-nos que mesmo não seja propriamente um regresso aos bons e velhos tempos da sua primeira encarnação, definitivamente é um regresso aos bons trabalhos, sendo o seu melhor álbum desde que lançaram o excelente "Brain Damage" em 1988. Dinâmico e variado, este regresso mete os Vendetta no bom caminho.

NICK NORO - "VIETNAMM"- MERDUMGIRIZ RECORDS 4/10

Alguém conhece os Survival? Os norte-americanos Survival? Não? São uma banda de thrash metal relativamente recente mas já com quatro álbuns editados (três deles em 2015). Quais são as expectativas que temos para um álbum a solo do seu guitarrista e vocalista Nick Noro? Muito poucas na verdade. O multi-instrumentista apresenta-nos um EP onde a mistura entre o heavy metal e o rock sem chegar a ser propriamente algum deles. Este conjunto de temas não é muito memorável e não se prevê que voltemos a eles num futuro próximo.

MAJOR STARS - "MOTION SET"- DRAG CITY 8.8/10

Os Major Stars são uma das bandas mais injustamente ignoradas nos dias de hoje. Porquê? "Motion Set" é o seu nono álbum e a banda continua quase como uma desconhecida do grande público. Infelizmente é algo sintomático nos dias de hoje. Se houvesse alguma justiça, seria este álbum a inverter essas coisas, já que se trata de uma obra de qualidade inegável. Juntando no mesmo tacho rock psicadélico e stoner, é uma mistura que tanto nos remete para a década de sessenta, como para a de setenta ou ainda para as propostas alternativas de rock indie. Seja como for, o resultado é perfeito para quem gosta de viajar como quem gosta do lado mais tradicional do rock, tendo como guia orientadora a voz hipnótica de Hayley Thompson-King. Fantástico.

OMNIAVATAR - "EGO DEATH"- EDIÇÃO DE AUTOR 8.9/10

Mas que grande som! Os Omniavatar surgem da Finlândia com o seu segundo álbum e com uma sonoridade extremamente cativante e apaixonante. Pensem em Savatage nos seus momentos mais teatrais ou até mesmo na Trans-Siberian Orchestra, tirem-lhe o lado orquestral e acrescentem aquele feeling dos musicais clássicos do cinema ou da Broadway, juntando-lhe a exuberância e complexidade do metal progressivo e algum metal extremo à mistura e temos aqui "Ego Death", um álbum surpreendente pela forma que nos conseguem cativar. Talvez a descrição atrás seja demasiado limitadora. Afinal, Savatage, Trans-Siberian Orchestra e musicais clássicos do cinema não são propriamente algo que o comum metaleiro goste de ouvir. Mas a intensidade e a força das composições definitivamente não impedirão fãs de bandas como Diablo Swing Orchestra ficarem agarrados. Experimentem.

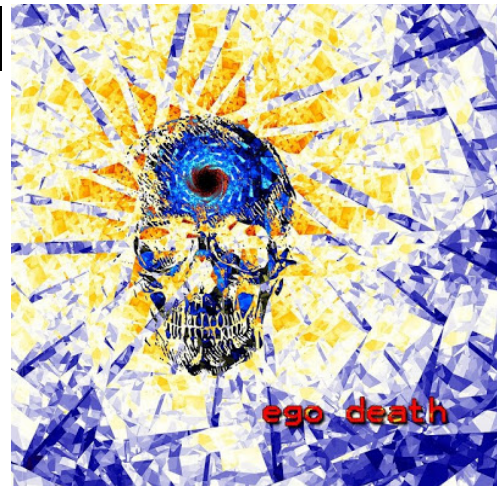
A CUNNING MAN - "PRACTICAL APPLICATION OF THEURGY"- ED. DE AUTOR 6/10

A Cunning Man é uma one-man-band que tem como centro Ged Cartwright e tal até se revela apropriado embora a designação seja algo estranha. "Practical Application Of Theurgy" é também um título estranho pelo que aquilo que podemos esperar daqui será música estranha. Efectivamente é, mas é um estranho bastante positivo, já que a qualidade é baste elevada. Não é possível definir o que podemos ouvir aqui, embora tenhamos um foco no progressivo, com toques de outros géneros de metal. O destaque vai sem dúvida para a parte instrumental e para a interpretação vocal de Ged, algo atípica mas que não deixa de cair bem no ambiente geral das músicas. Não sabemos bem o que pensar de "Practical Application Of Theurgy", só sabemos que queremos ouvir mais disto no futuro.

THE SILENCE - "NINE SUNS, ONE MORNING"- DRAG CITY 8/10

Para quem não sabe ao que vem com este álbum dos The Silence, a introdução com "Ritual Of The Sun" tem a subtileza de um martelo possuído numa loja de louças. Psicadelismo extravagante parece estar na ordem do dia, no entanto, conforme se vai avançado no alinhamento vamos verificando que há muito mais por aqui do que apenas som psicadélico. Há um lado menos exuberante e mais cool que podemos encontrar como no tema título ou na "Big Buddha Eyes Opening Ceremony" onde o jazz e até um lado folk acabam por fazer uma mistura pouco usual mas muito interessante. Os The Silence poderão não ser a proposta mais comum que ouvimos nos últimos tempos e sabemos que não será abrangente e unânime mas todos os que gostam de som experimental, está aqui uma excelente proposta.

END MY SORROW - "OF GHOSTLY ECHOES"- ART GATES 9/10

Já tínhamos saudades de ouvir um trabalho como este "Of Ghostly Echoes". Claro que se o forem ouvir poderão achar banal, afinal trata-se daquele metal gótico com tiques de doom aqui e ali que tantas vezes ouvimos no final da década de noventa. A questão é que não só tem um impacto nostálgico como, e principalmente, as músicas são excelentes. Todas elas. Nesta estreia dos dinamarqueses End My Sorrow não temos fillers de qualquer tipo. Todos os onze temas têm o punch que fariam que a banda, caso tivesse surgido duas décadas antes (curiosamente quando iniciaram a sua carreira), tivesse um sucesso fenomenal. No entanto, não se pense que é uma viagem nostálgica, unicamente isso. Temos poder metálico e melodia combinadas que resultam em músicas contagiantes, principalmente pelo poder da voz de Anne-Mette Nielsen. Para um género que raramente nos surpreende, os End My Sorrow acabam por ter efeito exactamente por não fugir aos lugares comuns. Grande futuro que esta banda tem pela frente.

REVIEWS

NORDWITCH - "MØRK PROFETI" - SATANATH 8.6/10

A Ucrânia tem sido uma boa caixinha de surpresas. Mais um exemplo são os Nordwitch, que nos trazem "Mørk Profeti", uma estreia discográfica de valor onde o death metal enegrecido pelo black metal (passe-se a redundância) é o grande foco. Temos que admitir que o tema título (a intro) conquistou-nos logo. Sempre gostámos de músicas instrumentais, e uma das melhores formas de a usar é como a intro de qualquer coisa. Neste caso específico, resultou perfeitamente. Em termos de influências, parece-nos óbvio a referência a Behemoth mas não podemos falar numa cópia barata, até porque este tipo de mistura nem é propriamente exclusiva do grupo polaco. Um álbum curto mas bastante coeso e sobretudo bastante dinâmico onde a guitarra solo tem uma importância primordial. Mais uma boa banda para se ter em conta vinda da Ucrânia, sem dúvida.

HYPERION - "SERAPHICAL EUPHONY" - BLACK LION PRODUCTIONS 9/10

Álbum de estreia dos suecos Hyperion que apesar de estar a fazer um ano desde que foi lançado, não deixa de ter importância para lhe darmos destaque. "Seraphical Euphony" começa da melhor forma, com uma intro majestosa e épica, de acordo com os lugares comuns do black metal melódico/sinfónico, mas mesmo assim soar muito bem. Não demora muito a que a porrada comece a bombar com "Novus Ordo Seclorum" e é aqui que o argumento dos lugares comuns cai por terra. É quando dizemos, que se lixe, isto é excelente. E é. Realmente é. Dinâmico, melódico, pesado e com uma apetência para melodias vencedoras são as principais características que fazem que tenhamos ficado fãs deles.

THE DOWNSPIRAL TO HELL - "UNUSUAL METHODS TO DISMEMBER THE SPIRITUAL HALO" - ED. DE AUTOR 5.5/10

O ritmo de edições do duo espanhol conhecido como The Downspiral to Hell é longe de ser elevado. Em quase vinte e cinco anos de carreira, a banda editou três álbuns, sendo este "Unusual Methods To Dismember The Spiritual Halo" o mais recente. Lançado oito anos depois do anterior, o que temos aqui tem uma óbvia base de black/death metal com pouco espaço para elementos orgânicos. A bateria soa digital e a voz tem demasiados efeitos, provocando um efeito bem estranho na mistura final. No entanto, essa estranheza ajuda a que nos vamos deixando envolver pelas músicas em si. Pode demorar algum tempo até o ouvinte ficar convencido, se é que chega a ficar, mas existem boas ideias ao longo desde quase quarenta minutos de música.

GREYWIND - "AFTERTHOUGHTS"- EDIÇÃO DE AUTOR 7/10

Ok, esta será um pouco complicada. Já muitas vezes falámos aqui de preconceito. Não tentamos ser moralisas, até porque muitas vezes somos postos à prova. E esta é a introdução apropriada para o duo Greywind, composto por dois irmãos Paul O'Sullivan e Steph O'Sullivan embora obviamente deverá existir toda uma banda por trás principalmente para as apresentações ao vivo. O primeiro ponto que somos obrigados a focar é o da voz de Steph. O seu timbre faz-nos pensar em estrelas de pop. Literalmente. Não fosse a distorção por trás e pensaríamos que estávamos a ouvir a Rádio Comercial. Instrumentalmente a coisa vai cair no rock alternativo com pitadas de gótico mas nada tão genérico como Evanescence. Em certos momentos, como na faixa-título (ou a "Stitch On My Wings") que abre o álbum, até parece pós-rock, sendo um dos momentos em que a voz resulta por contraste. Confessamos que apesar da voz ser boa, acaba por cansar por não passar daquilo registo fazendo com que os temas fiquem reféns daquela imagem de banda-sonora para filmes de adolescente. É uma boa estreia, todavia, que evidencia os talentos do duo e deixa-nos realmente com curiosidade em relação ao futuro, mas é preciso que não se fique preso a este estigma de "coisa-pop-para-adolescentes" que acaba por ser o que mais temos, infelizmente, por esse mundo fora.

WRATH FROM ABOVE - "BEYOND RUTHLESS COLD" - APATHIA 8.5/10

Já vimos coisas mais estranhas que uma banda francesa de black metal que tem como temática a guerra no geral e a União Soviética no particular. Aliás, essa é a única característica pouco usual dos Wrath From Above. O seu black metal é ríspido e cru mas de acordo com o que vemos no underground desde o final da década de noventa. Sempre a abrir, blastbeats a torto e direito e unidimensional. Parece algo genérico e aborrecido mas a vantagem dos Wrath From Above é que as melodias e os ambientes que conseguem criar são fantásticos. Do mais viciante que há. Um álbum que passa como um furacão mas que nos dá vonta de repetir a dose. Várias vezes.

INIRE - "CAUCHEMAR" - EDIÇÃO DE AUTOR 7.3/10

Os canadianos Inire continuam na sua luta por trazer às pessoas o seu metal alternativo e levemente hardcorizado e "Cauchemar" é o segundo álbum que surge sete anos após a estreia. A descrição é bem simples e não há muito mais que possamos dizer além do metal alternativo, misturado com hardcore. Não é metalcore, é mesmo a junção daquele metal bem groove que tentava escapar ao nu metal mas não sabia bem como e o hardcore é o seu maior aliado. Apesar do que este rótulo possa parecer, o que interessa é mesmo a qualidade das músicas que conseguem ficar presentes na memória mesmo que isso não aconteça por muito tempo. Bons pormenores de guitarras e boas canções (a "Next Of Kin" até faz lembrar a "Burning" dos Manowar no "Triumph Of Steel") fazem com que este seja um álbum que se ouve bem, sem dificuldade, principalmente se não tivermos preconceitos.

AXXIS - "RETROLUTION"- PHONOTRAXX PUBLISHING 9.7/10

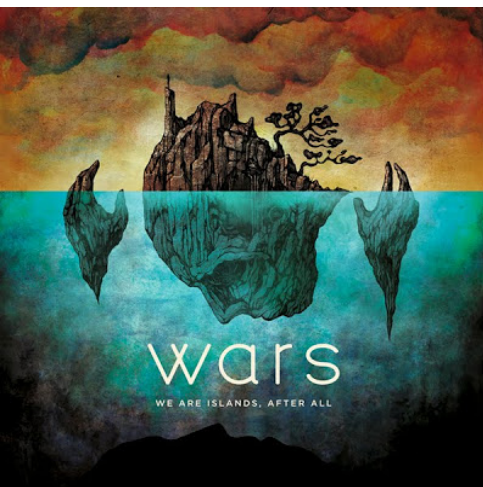
Um dos grandes nomes do heavy/ power metal melódico e dos mais históricos do cenário alemão, Axxis, está de volta. "Retrolution" é o décimo quarto álbum da banda e apresenta-nos a sua dose bastante característica de heavy metal, sendo exactamente aquilo que estavámos à espera. Claro que isto pode soar extremamente aborrecido, afinal temos uma banda clássica que nos traz mais um álbum com a sonoridade clássica que lhe é característica... onde está a aventura, onde está a experimentação, onde está a surpresa?

Esta poderá ser a linha de pensamento de muitos daqueles que procuram constantemente por algo diferente, por algo arrojado. Será que esta causa será a razão para considerar "Retrolution" um mau álbum? Nem de perto nem de longe. Temos um excelente álbum de heavy metal melódico com algumas malhas que se instalam rapidamente e com outras que não demoram muitas audições a atingirem esse nível. "Burn! Burn! Burn!" abre o álbum cheio de groove, "Dream Chaser" é contagiante e "Rock The Night" e "Heavy Metal Brother" apresenta-nos sangue na guelra com fartura.

São bons exemplos da qualidade e claro que neste tipo de proposta também temos as belas das baladas na forma de "Burn Down Your House" e "Queen Of The Wind" que neste caso até nem são muito azeiteiras. Ainda que não seja um álbum propriamente vistoso, é forte e tem qualidade suficiente para estar entre os melhores trabalhos da banda, Um excelente regresso, recomendado para quem gosta de propostas mais tradicionais de heavy metal melódico.

1. Burn! Burn! Burn!
2. All My Friends Are Liars
3. Dream Chaser
4. Burn Down Your House
5. Rock the Night
6. The World Is Mine
7. Do It Better
8. Queen of the Wind
9. Seven Devils
10. This Is My Day
11. Somebody Died at the Party
12. Heavy Metal Brother
13. Welcome to My Nightmare

Duração 44:57

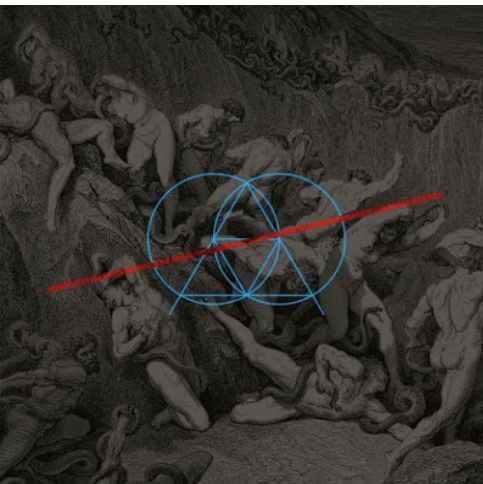
REVIEWS

WARS - "WE ARE ISLANDS AFTER ALL" - SPINEFARM RECORDS 6.5/10

O hardcore continua a estar na ordem do dia e isso é algo que não parece que vá mudar nos próximos tempos. Prova disso é as novas bandas que continua a chegar-nos todos os dias. Os britânicos wars são uma delas que se estreiam com "We Are Islands After All" e a sua proposta é bem energética não dispensando também a melodia. Não é, no entanto, algo que possamos de chamar de metalcore. Por um lado temos aquele hardcore espásmico do início do milénio, por outro temos melodias que tornam tudo bem mais acessível. O resultado final não é nada de muito surpreendente ou que não tenhamos ouvido antes mas com qualidade o suficiente para que fiquemos na expectativa por um segundo trabalho.

ENTRAPMENT - "THROUGH REALMS UNSEEN" - PULVERISED RECORDS 7.5/10

E dá-lhe death metal com força. Esse é o compromisso dos holandeses Entrapment que chegam ao terceiro álbum como um relógio suiço, mantendo a regularidade de editar um trabalho de originais de dois em dois anos. O seu propósito é o death metal, simples como isso. É essa simplicidade que faz com que tenhamos logo à partida uma grande afinidade para com estas onze malhas. O unico problema é mesmo não termos propriamente temas marcantes mas queremos crer que quem gosta dos Entrapment dá-se por contente por ter combustível para abanar o carolo e isso temos aqui com fartura.

VELDRAVETH - "MALFORMATIONS OF GOD" - SYMBOL OF DOMINATION PROD. 5.5/10

O sul do continente americano continua a surpreender-nos pela qualidade das suas propostas, algumas já tendo história no underground. Os venezuelanos Veldraveth são uma dessas bandas, com já mais de quinze anos de história e que nos apresentaram no ano passado, um álbum de qualidade inquestionável dentro do espectro do black metal, embora o death metal seja uma componente bastante importante. Potência a rodos e quase unidimensional (com algumas excepções) como se espera neste tipo de coisa mas que não chega a cansar - ou seja, a dinâmica também tem um papel preponderante. Behemoth de uns tempos atrás é um dos nomes que nos surge e que servirá de indicação do que podemos encontrar ao longo desta quase hora de brutalidade musical.

VIPASSI - "ŚŪNYATĀ" - SEASON OF MIST 9/10

Ao primeiro lançamento, uma bomba. Resumidamente é isto que temos com "Śūnyatā", a estreia da banda australiana Vipassi. Descrever o que se passa aqui é provavelmente passear à beira do abismo dos lugares comuns e tentar para não cair lá para baixo. Som (quase exclusivamente) instrumental, bruto mas ainda assim melódico e complexo o suficiente para se arriscar um progressivo, embora sabendo que se todas as bandas melódicas e complexas que nos aparecem fossem progressivas, o estilo teria mais população que o Pingo Doce em dia de descontos. Uma estreia em edição de autor em Fevereiro do ano passado e que nos é reapresentado pela sempre atenta Season Of Mist agora em 2017. É de aproveitar.

ALTHEA - "MEMORIES HAVE NO NAME" - ED. AUTOR 8.5/10

Para quem não sabe, os Althea são um dos bons (excelentes) nomes da música progressiva italiana. Imaginem uma mistura entre os ambientes dos Fates Warning na fase com Ray Alder com algum prog rock típico dos inícios da década de oitenta assim como outras propostas mais recentes como os Porcupine Tree. Temos groove mas acima de tudo temos uma grande ambiência e uma fluidez impressionante. Conseguem ter peso mas ao mesmo tempo transmitir uma sensibilidade única onde uma balada como a "Last Overwhelming Velvet Emotion (L.O.V.E)" tem um poder impressionante sem soar demasiado lamechas. É um álbum para ouvir de seguida e mesmo que no final das primeiras audições fique pouca coisa registada, este é um trabalho que convida a posteriores audições, convite esse que aceitamos sem problema. E vai crescendo dentro de nós. Um grande álbum, o segundo da banda, que se afirma como uma das grandes bandas de rock progressivo vindas de Itália.

SRD - "SMRTI SEL" - ON PAROLE PRODUCTIONS 8.3/10

Ele é bandas novas a torto e direito que nos chegam. Os Srd (como é que será que isto se diz?) são eslovenos e "Smrti Sel" é o seu álbum de estreia que apresenta um black metal clássico e bem cativante. A banda demonstra não ser novata - para isso deverá ter contribuído a anterior encarnação sob a designação de Terrorfront - e este trabalho apresenta argumentos que poderão não só fascinar os fãs de black metal. O espectro do seu alcance é algo mais largo (que o diga a bem conseguida cover de GG Allin) pelo que estas sete músicas são interessantes o suficientes para que fiquemos agarrados e atentos ao futuro dos Srd. Principalmente para aqueles que são apreciadores da vertente norueguesa - os riffs de "Deathreign 40-45" são apresentação suficiente para este efeito.

LANCER - "MASTERY" - NUCLEAR BLAST 8/10

O que é bom em editoras como a Nuclear Blast é que, devido ao seu estatuto, de vez em quando mostram-nos bandas que não conhecíamos e para a qual ficamos intrigados como é que não tínhamos ouvido falar das mesmas antes. Tanto no bom como no mau sentido. No caso dos suecos Lancer, é definitivamente no bom sentido. "Mastery" é o terceiro álbum da banda e o primeiro pela independente alemã e mostra-nos um power metal que nos vai remeter directamente para a fase "Keepers" dos Helloween, o topo de forma de um senhor chamado Michael Kiske.

Somos remetidos para esta época em específico principalmente pela forma como a voz de Isak Stenvall soa, com um timbre bastante similar. No entanto, e a adicionar a isso, temos um timbre também mais próprio da cena norte-americana de heavy metal da década de oitenta. Tudo junto, faz com que tenhamos a voz quase perfeita para um power metal cativante. Claro que a voz não é tudo e que a parte instrumental e de composição também tem uma palavra a dizer. Nem de propósito o título do álbum. Ao longo de onze temas e em quase uma hora de duração o género em que se inserem é muito bem tratado.

Heavy/power metal bem clássico que até vai beber mais à fonte norte-americana do que propriamente à alemã - ou outra forma de dizer que em termos de músicas em si, os Helloween não são a primeira banda na qual passamos. Esse exercício fica confinado apenas à voz. O único grande defeito é mesmo não termos nenhuma música que se cole à primeira. A boa notícia é que no final, mesmo que não fiquemos com nenhuma delas fixa, ficamos com vontade de voltar a ouvir. Uma e outra e outra vez. Uma excelente surpresa estes Lancer.

1. Dead Raising Towers
2. Future Millennia
3. Mastery
4. Victims of the Nile
5. Iscariot
6. Follow Azrael
7. Freedom Eaters
8. World Unknown
9. Widowmaker
10. Envy of the Gods
11. The Wolf and the Kraken

Duração 52:01

REVIEWS

LECHEROUS GAZE - "ONE FIFTEEN" - TEEPEE RECORDS 8/10

Os Lecherous Gaze é um bom exemplo de como as fronteiras são feitaas para serem deitadas abaixo. Com um som rock clássico bem presente, também temos uma costela punk que não passa despercebida. Tudo junto resulta num álbum de hard rock estranho mas bem cativante. Peso, bom gosto nos arranjos e com uma voz de bagaço que faz São Lemmy ficar orgulhoso, "One Fifteen" é a prova de que os Lecherous Gaze deverão ser levados a sério e de que este é um dos seus melhores trabalhos. "Cosmos Redshift 7", "Dark Nebula" e "Blind Swordsman" são bons exemplos do seu poder. Recomendado.

TERAMOBIL - "MAGNITUDE OF THOUGHTS" - NEWCORE MUSIC 9/10

Se calhar já é um lugar comum mas nas ocasiões em que tem de ser dito... temos que dizer: o que é que o pessoal põe nas águas do Canadá que só nos aparecem de lá bandas monstruosas? Principalmente no campo do death metal. Os Teramobil são um nome talvez desconhecido mas acreditamos que este álbum, "Magnitude Of Thoughts", o seu segundo, tenha a capacidade para mudar as coisas. A banda toca death metal para lá de técnico e instrumental. Já sei, já sei. Estão já a pensar "boa, música para outros músicos ouvirem". Admito que não temos aqui o típico álbum instrumental com passagens memoráveis e fáceis de assimilar mas é quase isso. "Magnitude Of Thoughts" é um álbum atípico com passagens bem complexas mas ainda assim memoráveis. É um daqueles trabalhos que faz com que nos percamos por completo. Não fixamos nome de músicas, as horas e até o dia, mas que dá um gozo desgraçado, dá. Grande álbum, grande banda!

METAL WITCH - "TALES FROM THE UNDERGROUND" -IRON SHIELD RECORDS 8.7/10

Que grande som! Metal Witch tem, logo à partida, um nome que deixa qualquer fã da velha guarda à vontade, uma expectativa que o som não abala. Talvez a voz de Kay Rogowski seja um pouco agreste demais para quem procura propostas mais melódicas. No entanto para quem gostar do timbre de Udo Dirkschneider e de Chris Boltendahl, definitivamente não encontrará dificuldades em apreciar o segundo álbum da banda alemã. "Tales From The Underground" apresenta um heavy metal poderoso e cheio de feeling, onde muitas vezes passa pelo hard rock mais slezy (mais perto de uns AC/DC, do que propriamente uns Mötley Crüe) com uma simplicidade desarmante para nos agarrar com grandes malhas. Para quem gosta de hard rock, de heavy metal, e de tudo no meio.

DIAPSIQUIR - "180º" - NECROCOSM PRODUCTIONS 2/10

DIAPSIQUIR

Ok, isto é estranho. Muito estranho. Tão estranho que quase que apetece colocar-lhe o rótulo do experimental/avantgarde e passar à frente. Por vezes encontramos propostas como os Diapsiquir que nos fazem duvidar se algo é mesmo mau ou apenas tão à frente que se torna incompreensível. Apesar do rótulo rock industrial experimental soar algo desajustado acaba por ser o que melhor se coaduna com estas treze faixas de difícil audição. Pensem nuns Carnival In Coal sem a componente metal, amigos da música electrónica e do hip-hop cantado em francês tendo apenas umas ocasionais incursões num rock inofensivo que na maior parte das vezes anda perto do funk. É o melhor que conseguimos e vamos dar o benefício da dúvida. Vamos dizer que este trabalho é muito avançado para nós e que não o conseguimos compreender. E que não o queremos ouvir mais. Por favor.

DIABOŁ BORUTA - "WIDZIADŁA" - PURE UNDERGROUND 7.2/10

Segundo álbum da banda de folk metal Diaboł Boruta que tem um som que segue à risca aquilo que o género se propõe. Temos as melodias e alguns instrumentos típicos (ou pelo menos samples de instrumentos típicos) que resultam em temas que se tornam imediatamente interessantes para que aprecia a mistura de folk e distorção. Claro que com uma audição mais cuidada e calma poderá sentir-se que temos uma produção demasiado digital e que não salienta aquele elemento ogânico e mais tradicional que tão fundamental ao género é. Temos algo próximo de uns Ancient Rites - nada de errado com isso - em vez de uns Korpiklaani. Interessante álbum e enorme potencial que sentimos que ainda não se materializou.

FROWNING - "EXTINCT" - BLACK LION PRODUCTIONS 8/10

As one-man-bands são um tipo de coisa que não nos cansamos. Não sabendo bem porquê, há para estes lados uma admiração por esta gente louca que decide fazer tudo. Claro que nem sempre este tipo de projectos é garantia de qualidade, mas ainda assim o saldo é positivo. E esse saldo não é abalado pelo segundo álbum dos Frowning, uma one-man-band alemã, a cargo de Val Atra Niteris. São cinco faixas de funeral doom letárgico e paquidérmico que têm como grande aliado a melodia melancólica. O funeral doom é um género fácil de assimilar podendo o genial estar muitas vezes perto do aborrecido e neste caso, o que salva mesmo a coisa é a tal melodia, fazendo-nos lembrar um pouco aquilo que os nossos Desire faziam. Com o tempo e alguma (muita) paciência, este trabalho pode tornar-se viciante, mas duvidamos que sejam muitos ouvintes que fiquem com esta opinião. Mesmo aqueles que gostam de doom. É tão funeral doom que até sentimos a vida a passar mais devagar. Mas isso, de certa forma, é bom.

EMPTINESS - "NOT FOR MUSIC"- SEASON OF MIST 7.5/10

Som estranho. Muito estranho. Normalmente este tipo de coisa seria o suficiente para ficarmos agarrados imediatamente. Não foi o caso. Ficámos curiosos, isso sim. E intrigados. Sobretudo intrigados. Os belgas Emptiness têm em "Not For Music" o seu quinto álbum o que nos deixa ainda mais intrigados. Porquê? Porque confessamos que nunca tínhamos ouvido falar deles antes. Vamos tentar aquelas comparações parvas para ver se conseguimos passar aquilo que sentimos logo após a audição da primeira faixa "Meat Heart". Post-punk ou new wave com a estranheza de uns Bethlehem e alguns ambientes à la Tiamat fase "Wildhoney" caso estes tocassem pós-rock.

Perceberam? Pois... só ouvindo né? Procurando mais informações sobre os Emptiness, descobrimos que a banda no Metal Archives está catalogada como Black/Death metal. Embora consigamos perceber o porquê desta classificação, a mesma não corresponde à verdade. Se esperam blastbeats, guitarradas valentes e guturais a urrar como se um urso tivesse levado com uma bigorna nos pés, então esqueçam. Não vão encontrar isso aqui de tudo. O que temos são sete faixas que são construídas como peças de tapeçaria e onde o ambiente é mesmo a personagem principal.

Ambiente desconfortável, desagradável - a voz também não ajuda em nada - onde a atmosfera é de tal forma densa que nos faz pensar que estamos mumificados. E só poderia ser perfeito não fosse a abordagem vocal que é cansativa e muito pouco eficaz. Mais valia termos músicas instrumentais. Aquilo que resulta em "Meat Heart" em termos de voz, já estamos fartos na terceira faixa, "Circle Girl". É um álbum surpreendente e que nos apanhou desprevenidos. Ficamos curiosos para ver qual será a evolução a partir daqui mas a haver alguma... comecem pela voz.

1. Meat Heart
2. It Might Be
3. Circle Girl
4. Your Skin Won't Hide You
5. Digging the Sky
6. Ever
7. Let It Fall

Duração 41:42

REVIEWS

FOUR STAR REVIVAL - "THE UNDERDOG"- BLACK BOW 7.5/10

Para quem já tinha saudades de bom e velho doom vindo da Inglaterra... não é com os Grim Ravine que vão matar saudades. "The Light Is From Below" é uma bujarda monolítica de sludge/doom mais próximo das raízes norte-americanas do que propriamente do que a referência clássica britânica estabeleceu no início da década de noventa. A banda estreou-se em 2015 com um EP auto-intitulado e demonstrou estar pronta para o primeiro trabalho. Ao ouvir esta estreia não nos sentimos defraudados já que o peso sufocante é uma constante. Ficamos no entanto com a sensação de que poderiam ter acrescentado mais uma faixa de forma a tornar este álbum ainda mais memorável. De qualquer forma, é uma introdução mais que boa para uma discografia que se prevê brilhante.

FOUR STAR REVIVAL - "THE UNDERDOG"- HEADSTONE 7/10

O hard'n'heavy dos Four Star Revival é mais complicado de classificar do que aquilo que parece à primeira. Com uma guitarra irrequieta que nos remete para o heavy metal mais musculado e técnico mas ao mesmo tempo também para o som mais alternativo e uma voz que bem tradicional (no que ao heavy metal norte-americano diz respeito) temos um resultado muito bem conseguido neste EP que poderá deixar ficar divididos (talvez até confusos) os ouvintes com as diferentes sonoridades apresentadas. É certo que a voz nem sempre resulta neste contexto mas também é certo que passadas algumas audições, a mesma vai sendo melhor aceite e até deixando alguns rastos, algumas melodias e refrães que acabam por permanecer na memória. A ver vamos como se safam no álbum.

KING HISS - "MASTOSAURUS" - EDIÇÃO DE AUTOR 8.6/10

Os belgas King Hiss apresentam com o seu segundo álbum, "Mastosaurus", uma excelente fórmula de misturar stoner com doom tradicional e ainda a força do metal mais energético. Bem sabemos que este tipo de coisa não é novo. É até bastante comum, daí a nossa apreciação por um resultado que nos prende desde o primeiro instante. Teremos que apontar o resultado disto principalmente para a prestação do vocalista Jan Coudron que tem uma emocionalidade que faz com que a música ganhe muito mais vida. Mais músculo. Este é um álbum que depressa se instala e se torna viciante. Os apreciadores tanto de rock como de metal vão-se sentir em casa.

AORNOS - "MORS SOLA" - SYMBOL OF DOMINATION 7.8/10

One-man-band. Sim, de black metal. Aornos, um projecto hungaro, idealizado por Algras, o talentoso multi-instrumentista que tem em "Mors Sola", o seu segundo álbum. Apesar destes nove temas se poderem inserir facilmente na segunda vaga de black metal escandinavo, temos elementos técnicos que acabam por surpreender, como bons solos e melodias de guitarra pouco usuaus. Bastante diverso e dinâmico, é um álbum que flui bastante bem, mesmo que algumas das músicas não sejam totalmente bem conseguidas. Ainda assim, um projecto a ter em conta no espectro do black metal a puxar ao melódico.

BARBARIAN SWORDS - "WORMS" - SATANATH RECORDS 7.5/10

Black/Sludge/Doom Metal parece-nos ser um rótulo que tem tanto de intrigante como de curioso. Barbarian Swords é uma banda espanhola que tem sem dúvida os pés assentes no black metal. Por outro lado, a maior parte dos seus temas acabam por cair no midtempo ou até em algo mais lento, fazendo juz ao doom. Agora... sludge... não nos parece. Rótulos aparte, este segundo álbum é uma prova de maturidade. A proposta é bem interessante e mais dinâmica do que se parecia supor ao início. Potente e bastante dinâmico embora no final se fique com a sensação de que se trata de um trabalho mais ambicioso do que devia. São mais de setenta minutos composto por faixas de longa duração - chegamos a ter até um tema com quase vinte minutos. Encontramos, todavia, boa matéria para ficarmos com eles debaixo de olho.

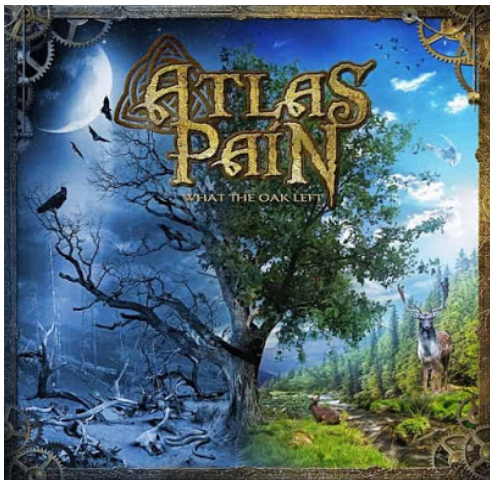
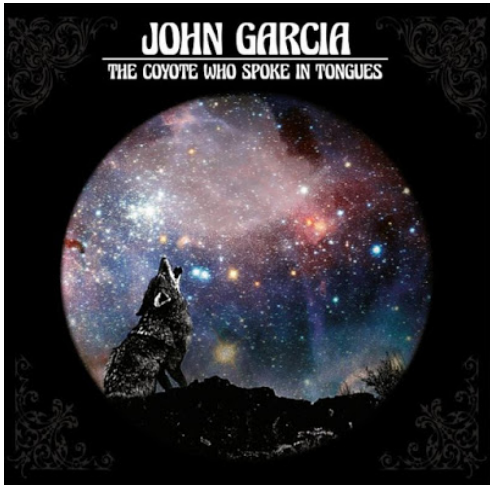
PINK PUSSYCATS FROM HELL - "HELL-P"- RAGING PLANET 8.5/10

Gatinhos cor-de-rosa do inferno é um nome que chama atenção sem dúvida. Primeiro ponto bem conseguido. O segundo é manter a atenção e é aí que entra a música em acção. "Hell-P" é a estreia do duo composto por Danger Rabbit e Mighty Hunter e o que nos traz é um rock cru mas altamente viciante. Os Pink Pussycats From Hell são uma banda nacional que mostram que o rock está mesmo nos nossos genes. Temos treze temas que nos remetem para aquele feeling puro do rock'n'roll (e nem para isso era preciso a cover da clássica "Money (That's What I Want)" que encerra o álbum) que tanto nos impactou em bandas como White Stripes ou Royal Blood. A diferença é que estes gatinhos são mesmo do inferno, com uma voz que nos faz pensar que mesmo da campa, o São Lemmy olha por todos nós. Cru e intenso como se estivessemos num qualquer bar esquecido na fronteira dos Estados Unidos com o México. Sem muro. Ouçam só "Hellmet" para ficar com uma ideia do que estamos a falar. E depois tentem parar.

JOHN GARCIA - "THE COYOTE WHO SPOKE IN TONGUES" - NAPALM RECORDS 8.4/10

A cena dos unpluggeds foi uma praga que gostamos. De vez em quando lá admitimos estes guilty pleasures. Sem problemas. Gostamos de cenas acústicas. No entanto, quando temos cenas acústicas a cargo de John Garcia, assumimos o nosso gosto com orgulho. O homem é uma lenda mas não é por aí que gostámos logo desta proposta. A verdadeira razão é porque ele um verdadeiro dom de tornar ouro tudo o que toca. Ou canta. Temos aqui três temas novos, uma versão de um tema a solo e, claro, versões dos Kyuss. Se inicialmente podemos ter tentação para procurar logo as versões de Kyuss, todos os temas têm o mesmo nível de qualidade. Crus, com a guitarra acúsica e voz de John Garcia a preencher todo o som, esta colecção de temas é essencial para quem gosta do seu rock descontraído.

ATLAS PAIN - "WHAT THE OAK LEFT"- SCARLET RECORDS 8.7/10

Os Atlas Pain são uma banda relativamente recente que se estreia agora nos álbuns com este excelente "What The Oak Left". A banda insere-se no campo do folk metal mas aquilo que as distingue das demais é a sua componente sinfónica e que aqui resulta na perfeição. O segredo, no entanto, não é tanto a fórmula e sim as músicas em si. Depois de uma intro sinfónica, a apresentação ao som da banda é feito da melhor forma com uma energética e grandiosa "To The Moon". Um álbum dinâmico que assenta tanto na potência dos riffs como nas melodias, mais que muitas. O melhor fica para o fim, com o tema instrumental épico com mais de dez minutos que fecha com chave de ouro uma estreia que promete que tenhamos nos Atlas Pain uma banda que vai dar que falar.

REVIEWS

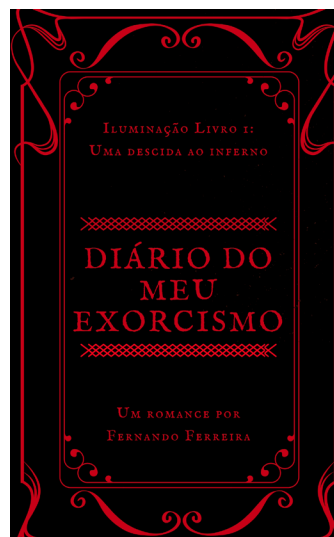
LITURGY OF DECAY - "FIRST PSALMS (PSALMS OF AGONY AND REVOLT - FIRST AND EARLY SHAPE)" - D-MONIC 7/10

Apesar do gótico ser um mercado bem forte, o que nos chega é sobretudo propostas onde o metal acaba por ter um papel bem preponderante. Raramente temos uma proposta onde o elemento mais forte é mesmo o gótico. Não que exista propriamente um preconceito da nossa parte... isto tudo para dizer que os franceses Liturgy Of Decay são uma proposta de música gótica sem o elemento do metal à espreita. Aquilo que podemos dizer é que fazem jus ao seu nome. Com um orgão de igreja quase omni-presente, parece realmente uma celebração religiosa embora não fiquemos com muita certeza a quem. É um álbum de estreia peculiar de uma banda com mais de vinte anos de história. Intrigante o suficiente para que fiquemos curiosos em relação à sua música. Mesmo que não seja um disco a que nos vejamos pôr a tocar constantemente, é sem dúvida uma obra de qualidade e indicada para os amantes dos sons mais soturnos dentro do gótico.

BRAIN DAMAGED - "NACIÓN INFECTA" - SYMBOL OF DOMINATION 7/10

Thraaaaaaaaaaaaaash!! Impiedoso e sem contemplações. "Nación Infecta" é a estreia dos colombianos Brain Damaged e é bastante simples. Thrash. Pronto, é isto. Obrigado por terem vindo até à próxima. O quê? Não chega? Hum... mas a verdade é que não muito mais a dizer. A proposta, como o título poderá indicar, é cantado em castelhano (excepção feita para uma versão alucinada para "Mess Around" de Ray Charles, aqui rebaptizada como "Thrash Around") e este power-trio vai buscar inspiração não só aos seus pares sul-americanos como também se nota uma costela bem sodomiana. Qualquer fã de thrash metal não terá problemas em mergulhar neste trabalho embora admitamos que dificilmente perdurá nas nossas memórias - a não ser pela tenebrosa capa. É thrash, só isso é positivo. O resto é história.

CHROMB! - "1000" - ATYPEEK MUSIC / DUR ET DOUX 7/10

Ok, isto é estranho. Muito estranho! Já temos algumas marcas registradas e quando dizemos que é "estranho, é muito estranho", é o tipo de coisa para fazer afugentar os que gostam pouco de surpresas ou de partir a cabeça a tentar decifrar a música como se fosse um cubo mágico. Basicamente é a melhor descrição que podemos fazer para o som dos Chromb! mas podemos tentar outra. Que tal esta? Jazz como se fosse feito pelo Frank Zappa caso ele quisesse fazer um álbum rock, com baladas (misturadas no meio das faixas mais agitadas) e tudo, onde temos música electrónica, arranjo de cordas e coros, juntando uma série de coisas no mesmo tacho como se fosse tudo resultar. E resulta. É isso que irrita. "1000" é um álbum estranho, provocante e que cresce a cada audição. É daqueles casos em que ouvimos, não sabemos porquê, não conseguimos explicar porquê mas também não conseguimos parar. A não ser quando pára por si próprio.

XANDRIA - "THEATER OF DIMENSIONS" - NAPALM RECORDS 9/10

Numa altura em que se sente que todas as grandes bandas de metal gótico/sinfónico passaram a ser outra coisa qualquer (Within Temptation é um dos nomes que nos surgem inevitavelmente quando o assunto é este), Xandria é um dos nomes que se mantém fiel ao género e à sua identide desde a sua génese. Não nos queremos alongar na questão de identidade versus evolução, até porque normalmente somos bastante compreensivos da evolução, no entanto, o resultado da mesma neste género leva irremediavelmente para caminhos mais pop.

Quanto a isso podem ficar descansados que os Xandria estão iguais a si próprios em 2017 apresentando o seu metal sinfónico de contornos góticos bastante sólido. "Theater Of Dimensions" é o sétimo álbum da banda que tem como grande destaque a voz operática de Dianne van Giersbergen. No entanto, para quem gosta de peso não tem que ficar preocupado que a banda não adocicou o seu som. O termo metal ainda faz todo o sentido neste contexto. Ouçam verdadeiras malhas como a abertura com "Where The Heart Is Home", "Call of Destiny" e "When the Walls Came Down (Heartache Was Born)", apenas para citar alguns exemplos.

No final ficamos com a sensação de que não é um trabalho perfeito por pouco. Falta-lhe um toque mais orgânico, algo que se nota especialmente no som da bateria. Depois é algo longo mas esse não chega a ser um verdadeiro problema já que é dinâmico e variado o suficiente para que não se chegue a tornar aborrecido. Para os que gostam de metal sinfónico e para os fãs de longa data da banda, este é um trabalho que os mostra como uma força ainda válida dentro do género. Caso ainda subsistam dúvidas, ouçam o épico tema-título que fecha o álbum. Excelente regresso.

1. Where the Heart Is Home
2. Death to the Holy
3. Forsaken Love
4. Call of Destiny
5. We Are Murderers (We All)
6. Dark Night of the Soul
7. When the Walls Came Down (Heartache Was Born)
8. Ship of Doom
9. Ceilí
10. Song for Sorrow and Woe
11. Burn Me
12. Queen of Hearts Reborn
13. A Theater of Dimensions

Duração 74:33

MEMORIAM - "THE HELLFIRE DEMOS II" - NUCLEAR BLAST 7.5/10

E que tal um bom death metal à moda antiga? Lembram-se da tradição antiga de death metal britânica, cujos expoentes máximos foram (ainda são?) os Benediction e Bolt Thrower? É algo que nos assalta constantemente a memória quando ouvimos estes dois temas da "The Hellfire Demos II", editado exclusivamente em vinil. E não é de estranhar já que este é um projecto que conta com Karl Willetts e Andrew Whale (o ex-vocalista e o ex-baterista dos Bolt Thrower respectivamente), Frank Healy e Scott Fairfax (baixista e guitarrista ao vivo dos Benediction respectivamente). Este projecto/banda nasceu o ano passado tendo como objectivo prestar a devida homenagem a Martin Kearns, o falecido baterista dos Bolt Thrower que acabaram oficialmente em 2016.

Feitas as apresentações, vamos ao som. Memoriam apresentam dois temas que nos fazem salivar pelo álbum de estreia. Não há nada de transcendente aqui, apenas, e pedindo desculpa pela repetição, bom e velho death metal. A produção é forte e os temas, apesar de não serem propriamente catchy, capturam o efeito old school e, principalmente, o seu ambiente. É um pouco ingrato estabelecer uma avaliação em apenas dois temas espalhados por oito minutos de música, mas para esse fim, só temos a dizer que ficámos muito bem impressionados e ansiosos por ouvir o álbum "For The Fallen", com data apontada para o final de Março.

1. Drone Strike
2. Surrounded (By Death)

REVIEWS

TOMCAT - "SOMETHING'S COMING ON WRONG"- ON PAROLE 7/10

Grande som. E a prova viva de que para se ter grande som não é preciso mais que alma. Os Tomcat chegam-nos da Eslovénia e apresentam um hard rock cheio de feeling. Não é o seu primeiro álbum (é o segundo) mas apresentam uma banda sólida, apesar da profunda reformulação que teve no seu alinhamento. Não é revolucionário nem se pretende a ser isso. É apenas hard rock descomprometido e é assim que deve ser visto e sentido. Não tem, todavia, impacto o suficiente para ser memorável. Não é crível que se pegue nele daqui a uns anos, mas por agora cumpre o seu propósito. Rocka como tudo.

JUPITER HOLLOW - "ODYSSEY"- MILAGRO RECORDS 7/10

Ora está aqui algo estranho. Muito estranho. Sem julgamentos, mas estranho. Poderá parecer contraditório dizer sem julgamentos, afinal estamos aqui para isso mesmo. Para julgar. Apenas não queremos que se julgue que estamos a ceder aos preconceitos e a analisar este EP de estreia de forma leviana. Um duo canadiano com o amor ao prog é por quem é composto os Jupiter Hollow. Por falar em Canadá e prog, teremos que pensar obrigatoriamente em Rush. Ao verificarmos a voz de Kenny Parry (que também lhe dá nas teclas e nabateria), vêmos que não é só o género e a nacionalidade que compartilham. A voz remete-nos para Geddy Lee. E é aqui onde as semelhanças acabam. Em termos de voz também temos ocasionais guturais e em termos instrumentais temos espasmos instrumentais que nos fazem lembrar nomes como The Dillinger Escape Plan (bem mais moderados) e Tesseract. Um EP surpreendente, ainda que algo inconstante. Consta que estão a trabalhar no alvo. Veremos como sai..

VOODOO TERROR TRIBE - "THE SUN SHINING COLD" - ED. AUTOR 8.2/10

Terceiro álbum dos norte-americanos Voodoo Terror Tribe. Segundo o Metal Archives (a nossa bíblia) os Voodoo Terror Tribe tocam uma mistura de thrash com rock/metal progressivo. Não podemos dizer que concordamos. A componente thrash raramente faz sentido exceptuando por faixas como "Night Wolf". Por outro lado, não sentimos que exista por aqui uma verdadeira alma progressiva. Há sim uma constante troca fusão entre o heavy metal e o rock mais energético mais moderno. É daqueles tipos de som em que o melhor é mesmo não tentar dissecar e apenas desfrutar. E resulta. É um bom álbum que flui muito bem, onde até a cover da "Pussy" dos Rammstein resulta sem grande esforço.

DESOLATE PATHWAY - "OF GODS AND HEROES" - ED. AUTOR 5/10

Gostamos de doom. Mesmo aquele que é considerado pela maioria das pessoas como aborrecido - como o Funeral Doom. No entanto, sabemos bem a dificuldade de fazer doom de qualidade. Que não basta ter músicas longas e lentas. Que isso nem é uma obrigatoriedade. Que o mais importante é mesmo termos músicas de qualidade. Não podemos dizer que os Desolate Pathway e este "Of Gods And Heroes" não tenha qualidade no entanto não é memorável. E chega a roçar o aborrecido por vezes. A produção é baça, o que não ajuda e junta-se assim à falta de brilho que todo este álbum apresenta. Entre o heavy metal e o doom, este álbum não nos deixa impressionados e é difícil de manter a nossa concentração ou atenção durante o tempo que dura.

EMBER FALLS - "WELCOME TO EMBER FALLS" - SPINEFARM 7.5/10

Álbum de estreia desta jovem banda finlandesa que tem um som vistoso e moderno. "Welcome To Ember Falls" é o cartão de apresentação para os Ember Falls que agradará sobretudo aos que gostam de bom som forte e moderno. Poderemos ter a tentação de incluir a banda na corrente de metalcore que por aí anda mas a verdade é que os Ember Falls apresentam-se numa toada mais rock e comercial. Curiosamente é precisamente essa toada que os difere da concorrência. Conseguem fazer música acessível e orelhuda sem soar propriamente descartável - um dos grandes problemas da música dita moderna. Não vamos esconder que existe aqui um feeling pop que se nota nas melodias e nos refrães apelativos, mas resulta. Resulta de forma perfeita. Talvez não seja o álbum que vamos ouvir durante muito tempo que que voltemos a pegar daqui a uns tempos, mas enquanto está nas nossas mãos, não temos nenhuma razão para que não seja apreciado.

OVNEV - "CYCLE OF SURVIVAL"- NATURMACHT PRODUCTIONS 7.9/10

O black metal atmosférico é mesmo um dos nossos subgéneros preferidos. O ambiente e as emoções que consegue passar, sem falar nas dinamicas que possui são as principais razões. Fortes o suficiente até para suportar algumas produções menos vistodas. É precisamente o que temos aqui. "Cycle Of Survival" é o álbum de estreia da one-man-band chamada Ovnev. Este projecto norte-americano apresenta-se com um trabalho forte na sua essência mas que sofre um pouco na forma. Gostamos de encontrar álbuns podres que nos conseguem transmitir algo... ambientes, atmosferas e sem dúvida que aqui isso é atingido, mas não deixamos de sentir que com uma produção mais cuidada, estaria aqui um dos grandes álbuns de 2016. Não deixa de ser um grande álbum, até porque a produção acaba por se enquadrar no espírito do mesmo. Boas indicações e expectativas para o futuro.

OMNIZIDE - "NEKROREGIME" - CARNAL RECORDS 8/10

Apesar de não ser um nome sobejamente conhecido do underground do black metal, os Omnizide têm um som bastante clássico. E dinâmico. Juntando às melodias típicas da segunda vaga de black metal escandinavo um certo cadenciamento doom é o suficiente para que fiquemos agradavelmente surpreendidos com este "NekroRegime", o segundo álbuns de originais da banda sueca. Colectivo experiente com membros e ex-membros de entidades como Craft, Dark Funeral, Nidhöggr, Faustus e Avsky, o resultado é uma colecção de temas crus e bem odiosos, tal como se quer no black metal. Apesar dessa crueza, o som é bom e claro, o que só faz com que as músicas surjam com mais impacto. Recomendado.

CONCEIVED BY HATE - "DEATH & BEYOND" SATANATH 8.8/10

Já por estas páginas falámos da qualidade crescente que o sul-americano tem vindo a apresentar nos últimos tempos e "Death & Beyond" é apenas mais uma confirmação. O segundo álbum da banda de El Salvador Conceived By Hate é uma autêntica bujarda death/thrash que até dá gosto. É daqueles álbuns à antiga que até faz crescer pêlos no peito, independentemente do sexo. Produção potente e grandes malhas são a receita certeira para um grande álbum e é precisamente isso que temos aqui, conciliando bem a vertente moderna da produção com as composições com tiques old school sem esquecer as belas dinâmicas. Não sendo o El Salvador propriamente um país bem sucedido na exportação de metal, os Conceived By Hate afirmam-se como uma das suas mais excitantes propostas.

ÁLBUM DO MÊS

SEPULTURA

MACHINE MESSIAH

Nuclear Blast 9.7/10

1. Machine Messiah
2. I Am the Enemy
3. Phantom Self
4. Alethea
5. Iceberg Dances
6. Sworn Oath
7. Resistant Parasites
8. Silent Violence
9. Vandals Nest
10. Cyber God

Duração 46:05

Wow! É o que temos a dizer compulsivamente conforme ouvimos "Machine Messiah" mais uma vez, após umas boas doses cavalares do novo álbum dos Sepultura. Já fomos muito críticos dos trabalhos da banda com Derrick Green, não apontando responsabilidades directamente ao vocalista mas principalmente pela lacuna de uma segunda guitarra no que diz respeito às actuações ao vivo e principalmente por não conseguirem apresentar um álbum forte e/ou músicas memoráveis. "Against" consegue suster-se mas a partir daí foi um cair sem fim em tendências que nunca iriam perdurar e músicas sem impacto digno da história da banda brasileira. Globalmente existiram bons breves momentos. "Roorback" foi um trabalho que recuperou parte do que se tinha perdido com "Nation". "Dante XXI" e "A-Lex" oferecem conceitos interessantes que infelizmente a música não acompanha, mas é com "Kairos" e "The Mediator Between Head And Hands Must Be The Heart" que se começa a recuperar esperança.

Os dois álbuns conseguiram apresentar a banda com um espírito renovado e apostada em recuperar o tempo perdido. Não foram álbuns perfeitos mas foram sem dúvida dos trabalhos mais fortes que a banda lançou desde "Against", ou ainda superior, já que "Against" veio muito com a carga de "Roots" e da saída de Max. Essa carga aqui não existe mais e "Machine Messiah" é um grande álbum, um dos melhores da carreira da banda (sim, fase com Max Cavalera incluída) precisamente por não se parecer nada com aquilo que a banda já fez antes. Nada tão desafiador, tão complexo, tão... bom. Mesmo bom. E, como já devem ter reparado por aquilo que disse no início desta iniciativa, não é propriamente um impacto. É o impacto de ouvir muitas vezes, e de saber que vou ouvir muitas mais vezes no futuro.

Desde o espantoso tema-título que abre o álbum, passando pela impressionante "Phantom Self" e a forma como usam elementos estranhos ao metal mas que resultam de forma perfeita até à desfecho com a intensa "Cyber God". E é por esta altura que verificamos que a banda está bem mais progressiva do que alguma vez teve, sem medo de ir por caminhos novos e não propriamente pelos caminhos da World Music que é o que já todos esperam desde "Roots" e que a banda de vez em quando entrega, não deixando de ter aqui e ali as pitadas de sonoridades mais exóticas como na já citada "Phantom Self" ou na instrumental "Iceberg Dances" que é outro dos grandes temas do álbum.

Não é um trabalho perfeito (poucos são mas este anda lá perto) mas sem dúvida que é um dos álbuns mais fortes da banda, onde consegue juntar finalmente um conceito sólido com música de igual qualidade. Embora toda a banda seja de creditar pelo excelente trabalho, teremos que destacar a obra de Andreas Kisser nas guitarras, que está finalmente a materializar todo o seu potencial demonstrado em mais de trinta anos de carreira. Um grande álbum e sem dúvida um dos melhores anos. Considerando que estamos em Janeiro, é dizer muito acerca de "Machine Messiah".

"Não é um trabalho perfeito (poucos são mas este anda lá perto) mas sem dúvida que é um dos álbuns mais fortes da banda, onde consegue juntar finalmente um conceito sólido com música de igual qualidade."

TOP 20 JANEIRO 2017

MÁQUINA DO TEMPO

METALLICA - "LIVE SHIT: BINGE & PURGE"-ELEKTRA RECORDS 9.5/10

O primeiro álbum ao vivo oficial dos Metallica que durante uns bons anos permaneceu como uma edição limitada, em formato caixa (literalmente caixa) com um triplo CD e três cassetes VHS, além de uma série de outros pequenos brindes, tal como um livreto com setenta e duas páginas. Sei que na altura em que foi lançado, 1993, este pacote era caro para caraças (cerca de vinte contos, o que equivale hoje a uns cem euros - engraçado como na altura nos custava tanto a dar vinte contos e hoje os cem euros são completamente banais) e daí a sua raridade.

Quase dez anos depois tivemos direito a reedição, num formato mais discreto (a caixa tipo cofre deu lugar a uma imitação de papel/cartão para guardar um caixa que alberga os cinco discos, dois DVDs e os dois CDs. Vamos então por partes. No suporte visual, temos dois importantes registos. Se ver Metallica se tornou algo banal hoje em dia, naquela altura, tirando os registos piratas ou o VHS "Cliff'Em All" (que também tem aspecto de pirata), não havia nenhum suporte visual onde se pudesse ver a banda em todo o seu esplendor. E não poderia haver melhor momentos que os registados em Seattle em 1989 (na digressão do "...And Justice For All") e em San Diego (na digressão do Black Album).

Vemos a banda em topo de forma e temos a nítida sensação de que eles estão realmente a divertir-se, além de a fazer o que bem entendem. Claro que cinco anos disso levou a que houvesse a necessidade de ir para outros caminhos mas esses já são outros tantos. Nos CDs não temos propriamente o mesmo que o espectáculo de San Diego, até porque é registado mais de um ano depois e o mesmo foi registado ao longo de cinco dias (as mais de três horas de concerto certamente não corresponde ao alinhamento real e deverá ter sido incluído o maior e melhor número de temas possível.

Não há muito mais a dizer, para quem gosta de Metallica e para quem gosta do Black Album, obviamente que isto é algo que deverão possuir. Para quem acha que a decadência dos quatro cavaleiros já estava aqui bem instalada, provavelmente não encontrará grande apelo. De qualquer forma, é sem dúvida um importante pedaço da história dos Metallica. Uma peça de colecção que recentemente até foi reeditada pela recém fundada editora da banda, Blackened Recordings. Resta apenas dizer que o livreto de setenta e duas páginas foi digitalizado e colocado como extra num dos DVDs. A qualidade não é grande coisa e alguns detalhes perdem-se um pouco mas é o que se pode arranjar.

DVD 1
1. MetalliMovie
2. Enter Sandman
3. Creeping Death
4. Harvester of Sorrow
5. Welcome Home (Sanitarium)
6. Sad but True
7. Wherever I May Roam
8. Bass Solo
9. Through the Never
10. The Unforgiven
11. Justice Medley: Eye of the Beholder / Blackened / The Frayed Ends of Sanity / ...and Justice for All / Blackened
12. Drum Solo
13. The Four Horsemen
14. Guitar Solo
15. For Whom the Bell Tolls
16. Fade to Black
17. Whiplash
18. Master of Puppets
19. Seek & Destroy
20. One
21. Last Caress (Cover dos Misfits)
22. Am I Evil? (Cover dos Diamond Head)
23. Battery
24. Stone Cold Crazy (Cover dos Queen) / End Credits

DVD 2
1. Intro / The Ecstasy of Gold / Blackened
2. For Whom the Bell Tolls
3. Welcome Home (Sanitarium)
4. Harvester of Sorrow
5. The Four Horsemen
6. The Thing That Should Not Be
7. Bass Solo
8. Master of Puppets
9. Fade to Black
10. Seek & Destroy
11. ...And Justice for All
12. One
13. Creeping Death
14. Guitar Solo
15. Battery
16. Last Caress (Cover dos Misfits)
17. Am I Evil? (Cover dos Diamond Head)
18. Whiplash
19. Breadfan (Cover dos Budgie) / End Credits

CD 1
1. Enter Sandman
2. Creeping Death
3. Harvester of Sorrow
4. Welcome Home (Sanitarium)
5. Sad but True
6. Of Wolf and Man
7. The Unforgiven
8. Justice Medley: Eye of the Beholder / Blackened / The Frayed Ends of Sanity / ...and Justice For All / Blackened
9. Solos (Bass/Guitar)
Duração 76:35

CD 2
1. Through the Never
2. For Whom the Bell Tolls
3. Fade to Black
4. Master of Puppets
5. Seek & Destroy
6. Whiplash
Duração 45:02

CD 3
1. Nothing Else Matters
2. Wherever I May Roam
3. Am I Evil? (Cover dos Diamond Head)
4. Last Caress (Cover dos Misfits)
5. One
6. Battery
7. The Four Horsemen
8. Motorbreath
9. Stone Cold Crazy (Cover dos Queen)
Duração 55:22

GOREFEST - "THE ULTIMATE COLLECTION PART 1 - MINDLOSS & DEMOS" - NUCLEAR BLAST 8.5/10

Como que a preparar o regresso da mítica banda holandesa Gorefest há (já!) onze anos atrás, a sua editora de (quase) sempre resolveu, em boa hora disponibilizar nuns pacotes simpáticos, toda a sua discografia. Como o título poderá revelar, esta é a primeira, onde temos o álbum de estreia de 1991 e as demos "Tangled In Gore" e "Horrors In A Retarded Mind" de 1989 e 1990 respectivamente. No início da sua carreira os Gorefest faziam jus ao seu nome com um death metal que o era instrumentalmente falando mas bem gore no seu conceito lírico.

Apesar de não ter sido com estes trabalhos que fui introduzido ao mundo dos Gorefest (essa honra coube a "The Eindhoven Insanity" e ao álbum de originais "Erase"), a banda holandesa sem dúvida que é uma das grandes referências no "meu" mundo do metal, no que à música extrema diz respeito. A voz característica de Jan-Chris de Koeijer sempre foi aquela que se destacou quanto a mim e embora seja nos posteriores trabalhos onde ela sobressai mais (devido o contraste com a música ser maior). "Mindloss" é um trabalho que apesar de ter surgido numa altura em que o death metal já começava a entrar em piloto automático, soava fresco e diferente.

O que este pacote tem de fantástico, além de disponibilizar as demos (algo não muito comum em editoras como Nuclear Blast) com muitos detalhes acerca desses tempos, é permitir-nos verificar a evolução da banda das demos para o álbum onde as músicas são praticamente as mesmas. Para quem gosta de death metal, este é um pedaço de história que é obrigatório possuir. Do melhor que o death metal holandês ofereceu ao mundo.

CD 1 - "Mindloss"
1. Intro
2. Mental Misery
3. Putrid Stench of Human Remains
4. Foetal Carnage
5. Tangled in Gore
6. Confessions of a Serial Killer
7. Horrors in a Retarded Mind
8. Loss of Flesh
9. Decomposed
10. Gorefest
Duração 43:11

CD 2 - "Tangled in Gore / Horrors in a Retarded Mind"
1. Decomposed
2. Putrid Stench of Human Remains
3. Gorefest
4. Tangled in Gore
5. Confessions of a Serial Killer
6. Loss of Flesh
7. Horrors in a Retarded Mind
8. Foetal Carnage
Duração 36:44

AVANTASIA -"LOST IN SPACE - PART 1" - NUCLEAR BLAST 6/10

Avantasia seria apenas uma daqueles projectos que aparece e desaparece, tendo como seu mastermind Tobias Sammet, dos Edguy. Depois dos dois álbuns lançados no início do milénio, a coisa tinha ficado por aí, mas entretanto surgiu a indicação de que o regresso se daria com "The Sacrecrow" em 2008. Como preparativo e aquecimento, foram lançados dois EPs, sendo este a sua primeira parte. Aquilo que podemos reparar logo à partida é que tendo sido o foco da antevisão este tema, "Lost In Space", as coisas estão bem mais acessíveis.

Apesar de não ser mau, "Lost In Space", o tema, é bem mais próximo do pop do que propriamente do heavy/power metal que esperaríamos ver associados ao projecto. E isso poderá ser efectivamente um problema. A questão é que as expectativas também não são muito altas. O primeiro álbum deste projecto teve um impacto tão grande que o segundo simplesmente não conseguiu acompanhar. O que fez com que as expectativas para "The Scarecrow" não fossem tão altas quanto isso. Se fossem, talvez baixassem com esta antecipação.

Temos uma cover de Abba e dos Lucifer's Friend mas o que é surpreendente é que todas estas seis faixas surgem curiosamente bastante homogéneas, o que se calhar não é tão positivo quanto isso. Apesar da orientação assumidamente mais pop, este é um EP que se ouve bem e temos a vantagem das participações de Amanda Somerville, Bob Catley, Eric Singer e Jorn Lande. Verdade seja dita, o raio do tema instala-se mesmo na cabeça e essa é uma das suas características mais irritantes. Não foi o momento mais inspirado nem do projecto nem do amigo Tobias, mas também não é um crime contra a humanidade.

1. Lost in Space
2. Lay All Your Love on Me (Cover dos ABBA)
3. Another Angel Down
4. The Story Ain't Over
5. Return to Avantasia
6. Ride the Sky (Cover dos Lucifer's Friend)
Duração 22:47

MÁQUINA DO TEMPO

SAXON - "SAXON"- EMI 8.5/10

Visto como o primeiro álbum da NWOBHM mesmo antes de haver uma NWOBHM, o álbum de estreia dos Saxon sempre foi um pouco o patinho feio não só de toda a cena mas como também da discografia do próprio grupo britânico. Patinho feio talvez não seja o termo adequado mas definitivamente não é o primeiro trabalho quando se pensa na banda ou no movimento em si. "Wheels Of Steel" e "Denim And Leather" são bem representativos daquilo que a banda viria a fazer e da sua importância para o heavy metal. Ainda assim, é um primeiro álbum que serve perfeitamente para demonstrar a identidade da banda, ainda quem fase embrionária.

Começar o álbum com uma faixa instrumental e uma balada talvez não fosse comum, nem para os parâmetros de hoje mas considerando que estamos no tempo de vinil e que as rádios para passar música teriam sempre que recorrer, por uma questão de conveniência, às primeiras e/ou últimas faixas de cada lado do vinil, não é difícil percebermos a escolha (esta também é a razão das baladas aparecerem invariavelmente na quarta posição, normalmente a última música do lado A. Ainda assim, os dois primeiros temas são provavelmente os melhores. "Big Teaser" é memorável mas o seu refrão simples acaba por se esgotar rapidamente. "Stallions Of The Highway" e "Still Fit To Boogie" também são bons temas mas a verdade é que nenhum destes acaba por sobreviver à passagem do tempo.

No entanto, é inegável a importância história deste álbum e mais desta edição remasterizada a abarrotar de extras. Um pacote muito atractivo não sóp para os fãs de Saxon mas principalmente para quem gosta de heavy metal e para quem quer aprender um pouco mais acerca de uma das suas bandas mais importantes. São quase oitenta minutos onde temos um álbum histórica, uma demo da encarnação anterior da banda (Son Of A Bitch), uma sessão registada no clássico programa da BBC, Friday Rock Show de Tommy Vance (R.I.P.) e ainda temas registados ao vivo no Festival Monsters Of Rock de 1980). Um clássico que é apresentado num pacote que o torna obrigatório.

1. Rainbow Theme
2. Frozen Rainbow
3. Big Teaser
4. Judgement Day
5. Stallions of the Highway
6. Backs to the Wall
7. Still Fit to Boogie
8. Militia Guard
9. Big Teaser (Son of a Bitch Demo, 1978)
10. Stallions of the Highway (Son of a Bitch Demo, 1978)
11. Backs to the Wall (Son of a Bitch Demo, 1978)
12. Rainbow Theme (Son of a Bitch Demo, 1978)
13. Frozen Rainbow (Son of a Bitch Demo, 1978)
14. Backs to the Wall (Tommy Vance's Friday Rock Show BBC Session, 1980)
15. Stallions of the Highway (Tommy Vance's Friday Rock Show BBC Session, 1980)
16. Motorcycle Man (Tommy Vance's Friday Rock Show BBC Session, 1980)
17. Still Fit to Boogie (Tommy Vance's Friday Rock Show BBC Session, 1980)
18. 747 (Strangers in the Night) (Tommy Vance's Friday Rock Show BBC Session, 1980)
19. Judgement Day (Live B-Side)
20. Still Fit to Boogie (Live at the Monsters of Rock Festival, 1980)
21. Backs to the Wall (Live at the Monsters of Rock Festival, 1980)
22. Stallions of the Highway (Live at the Monsters of Rock Festival, 1980)

Duração 79:11

DEICIDE - "LEGION"- ROADRUNNER 5/10

Depois da "revelação" de 1990, saí este albúm em 1992 e que adianta muito pouco em relação ao primeiro. Temos o Glenn Benton (Bento para os amigos) já marcadinho na testa como manda a lei e é por aqui que começa e acaba a imagem de Deicide, passando sempre pelas polémicas do amigo Bento, que coleccionou ódios por toda a parte principalmente de associações extremistas de protectores de animais. Polémicas à parte, Legion para já decepciounou-me a nível lírico. Esperava que explorasse mais o conceito do demónio Legião. Em termos de som, é o tipico som Flórida, o tipico som Morrisound (que vai dar ao mesmo) e o tipico som Deicide, que não teve muitas mudanças do primeiro e para os outros seguintes (excepção feita com os últimos). É Death Metal Satânico (ou Bentânico, como preferirem) que ou se ama ou se detesta. Pessoalmente sou um pouco indiferente e apenas uma faixa se destaca depois de ouvir estes 29 minutos (tem essa vantagem, é rápido de se ouvir). Produzido por Scott Burns, o produtor guru do Death Metal americano e masterizado por Mike Fuller.

GRAVELAND - "CARPATHIAN WOLVES" - ETERNAL DEVILS 6/10

Eu pensava que ia detestar isto. Graveland. Quer dizer detestar é muito forte. Que não me iria dizer nada. A primeira impressão não me trouxe nada que mudasse isto, mas quando resolvi fazer esta critica resolvi ouvir mais uma vez. E fiquei viciado. E não sei explicar porquê. Provavelmente um dos nomes mais conhecidos e polémicos da maldita NSBM (haverá algo mais idiota?), Graveland consegue o perfeito equilíbrio entre ambiente e crueza e com que tudo funcione como um todo. Embora a agressão seja algo limitada, ela é compensada pela ambiência, que nos leva sem dúvida para outro lugar. Álbum ideal para ouvir descontraidamente a fazer uma outra coisa qualquer.

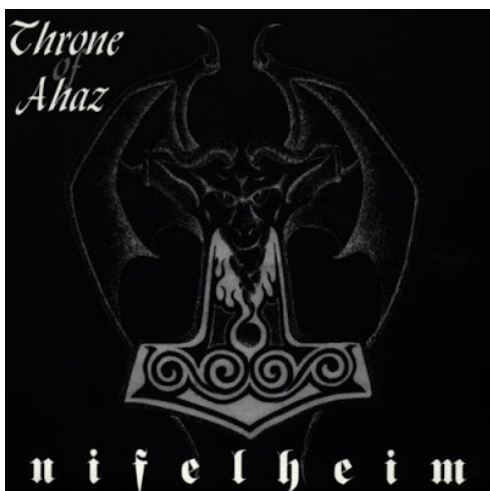
THRONE OF AHAZ - "NIFELHEIM" - NO FASHION 8.3/10

Ora aqui está uma banda de culto dentro do black metal sem ter chegado ao reconhecimento que merecia: Throne Of Ahaz. Este álbum que para mim é do que melhor se fez na segunda vaga de Black Metal. Não temos nada de revolucionário para a altura mas o facto é que com a produção límpida mas mesmo assim raw onde todos os instrumentos são perceptíveis, as composições que trazem ora velocidade ora peso balanceado com algum groove (sim, groove, BLASFÉMIA) constroem um ambiente perfeito, ajudando para isso também a qualidade de riffs que utilizam e as variações nas músicas. Numa altura em que se fala tanto do que é trve ou não (que debate mais idiota também) é engraçado ver como um álbum com mais de 10 anos não envelheceu nem um bocadinho. Possivelmente pelo o estilo ser um pouco imutável, embora hajam bandas que não se conformam com as regras e ousam (na opinião de alguns, claro) a quebrá-las. Este é o caso dum álbum que segue as regras [fotos da banda em corpse paint com cara de maus; as letras do norte e do frio e até referências a mitologia nórdica como o próprio título indica; a voz gritada (e que grande voz o bacano tem); e os riffs gélidos] mas acaba por ultrapassar essas mesmas regras por fazer bastante uso de composições a meio tempo (o maldito groove outra vez) e pela produção impecável. E é tão bom ouvir black metal e perceber o que se está a tocar…

VENOM - "BLACK METAL" - NEAT RECORDS 8/10

O disco dos Venom que iniciou (oficialmente) uma era e que mudou a face do metal extremo para sempre. E é curiosa a maneira como surgiu o título deste albúm. Fartos de serem rotulados como heavy metal, juntamente com bandas como Journey, Cronos muito frequentemente dizia que não eram heavy metal, eram black metal. E na altura conseguiram introduzir no metal uma imagem extremista que nenhuma banda tinha (e que influenciou toda uma vaga de músicos/projectos nos anos seguintes). Embora muitas das declarações prestadas à imprensa tenham sido empoladas sobre o facto de eles serem satânicos ou não (declarações essas que mudavam de hora para hora e de membro para membro, respondendo eles às perguntas com o que lhes vinha à cabeça), Cronos queria realmente quebrar fronteiras e chegar aonde ninguém tinha chegado. Se era tudo por amor ao rock n' roll e vivido em um espirito quase Spinal Tap, a marca que deixaram foi muito levada a sério.

O extremismo na imagem e letras, influenciou directamente bandas como Slayer (que entraram juntos com Exodus, no vídeo da Combat Records Combat Tour Live: The Ultimate Revenge), Metallica (que abriram para eles na tour deste álbum), Bathory, Sodom, Hellhammer/Celtic Frost. Som cru, básico mas poderoso que nos traz faixas inesquecíveis como a faixa título, Acid Queen, Blood Lust, Teacher's Pet (que foi inspirada numa história da adolescência de Mantas e na sua professora que o excitava), Countess Bathory, Die Hard.

Nunca tinha percebido a maneira como este álbum acabava. Com a introdução de At War With Satan, o mega épico que nunca seria esperado por parte do trio de Newcastle. E esta música tem uma história engraçada, foi a maneira que Cronos quis para homenagear um dos seus álbuns preferidos de sempre, o conceptual 2112 dos canadianos Rush (uma das melhores bandas progressivas dos anos 70). Andando a escrever o conceito da história durante muito tempo, acabou por apresentá-lo no álbum seguinte com o mesmo nome. As duas faixas conjugadas (a intro aqui, e a primeira do seguinte) fazem a totalidade de 21 minutos e 12 segundos.

1. Black Metal (3:40)
2. To Hell And Back (3:00)
3. Buried Alive (4:16)
4. Raise The Dead (2:43)
5. Acid Queen (2:28)
6. Blood Lust (2:59)
7. Teacher's Pet (4:41)
8. Leave Me In Hell (3:33)
9. Sacrifice (4:27)
10. Heaven's On Fire (3:40)
11. Countess Bathory (3:44)
12. Die Hard (3:02)
13. Don't Burn The Witch (3:20)
14. At War With Satan (Introduction) (2:14)

Duração: 48:04

Sabaton, Accept, Twilight Force
Coliseu, Porto 20/01/2017

Quem viveu o heavy metal na década de oitenta e noventa, bem pode sentir que não há melhores tempos como os actuais. Porquê? Por podermos viver tempos em que temos concertos com este pacote de bandas sem estarmos propriamente num festival. Tirando raras excepções, o power metal também não é um estilo que tenha muito tempo de antena fora desse contexto festivaleiro. O que só torna ainda mais apetecível este cartaz. Os Twilight Force que tiveram um boost na sua carreira com o seu segundo álbum ("Heroes of Mighty Magic" cuja crítica fizemos nestas mesmas páginas) que teve edição pela Nuclear Blast visitavam o nosso país pela primeira vez; os Accept são um dos nomes mais clássicos do heavy metal, uma das bandas históricas que ainda mantém o seu nome vivo com excelentes trabalhos de estúdio, mesmo sem Udo; e claro, os Sabaton, o regresso depois de uma longa e incompreensível ausência dos nossos palcos.

A noite começou a hora certa com os Twilight Force a espalharem o seu power metal de cariz sinfónico que faz lembrar um pouco Rhapsody (com "Fire" ou do "Turilli"). Se em disco não ficámos particularmente impressionados, principalmente por essa semelhança, a verdade é que o seu som revelou-se mais que apropriado para o início das hostilidades. Apesar da sala ainda estar a receber espectadores, o entusiasmo era mais que evidente e a banda não foi imune ao mesmo, dando de volta toda essa energia. Dividindo a sua actuação praticamente em dois, onde tivemos os quatro primeiros temas retirados do já mencionado último trabalho de originais e as duas últimas músicas no álbum de estreia, "Tales of Ancient Prophecies", foi uma actuação comum que apenas encontrámos um potencial problema. O mesmo que encontrámos nos álbuns de estúdio como já foi mencionado atrás.

Talvez os lugares comuns sejam demasiado... comuns para quem procura algo mais original. Afinal o impacto dos Rhapsody foi muito grande e o beco sem saída onde eles se enfiaram também, pelo que essas fragilidades facilmente são reconhecidas também nos Twilight Force. Adicionalmente e infelizmente o som da banda, pelo menos da posição onde estávamos, fez com que se perdesse muitos detalhes da sua música, mas o seu entusiasmo energético e a sua entrega foi suficiente para contornar esta questão e para conquistar aqueles que eram mais cépticos, como nós próprios. No final ficámos com vontade de os ver em melhores condições, apesar de não termos mudado a opinião em relação ao seu som - algo que também estaremos abertos a tal no próximo álbum de estúdio.

A mudança do palco foi relativamente rápida, estando já grande parte dos elementos cénicos presentes e a antecipação crescia para ver um dos grandes nomes do heavy metal, não só da Alemanha, ou até da Europa, mas do mundo. Poderá parecer uma posição algo ingrata para uma banda com este estatuto histórico estar a abrir para os (mais ou menos) "novatos" Sabaton - tal como se sentiu provavelmente o mesmo com os Testament com os Amon Amarth - mas antes ter uma hora de Accept e ver temas imortais como "Princess Of The Dawn", "Fast As A Shark" e "Balls To The Wall" do que nada. E a banda demonstrou grande profissionalismo e genuinamente grata pela oportunidade de estarem a tocar para o público português.

O mais recente lançamento da banda alemã é o trabalho ao vivo "Restless & Live", registado originalmente em 2015 (e ao qual em breve nos vamos debruçar) e o alinhamento é uma versão resumida desse registo. Tivemos assim o início com temas mais recentes como "Stampede" de "Blind Rage" - o último álbum de originais - e "Stalingrad", tema-título do álbum de 2012. Ao contrário do que acontece com muitas bandas em estatutos semelhantes, as músicas da nova fase foram muito bem recebidas, demonstrando que a banda não anda propriamente a passear e a viver às custas do seu passado. Ainda tocaram da fase mais recente os temas "Final Journey" (com o seu inesquecível trecho da "Aurora" da peça Peer Gynt do compositor Grieg) e "Teutonic Terror" que foram igualmente bem recebidos.

No entanto, isso não invalida que os momentos mais altos tenham sido mesmo aqueles em que o passado foi revisitado. O clássico "Restless And Wild" foi o primeiro a dar o mote e o entusiasmo foi generalizado. Do mesmo álbum foram retirados os temas "Princess Of The Dawn" e "Fast As A Shark". Se o primeiro é uma lição como interagir com o público, o segundo é heavy metal a mostrar o caminho de como o thrash metal se deve portar, e onde Wolf Hoffmann e Uwe Lulis brilharam. E claro que "Metal Heart" e "Balls To The Wall" também seriam indespensáveis numa actuação histórica que torna obrigatório esta banda voltar cá em nome próprio com mais tempo de antena.

Destaque para a actuação do guitarrista Wolf Hoffmann, que é um verdadeiro animal de palco, tocando com um feeling próprio de quem nasceu com uma guitarra na mão. Mark Tornillo também esteve bem na sua difícil tarefa de suceder o monstro de palco que é Udo, no entanto a sua voz demonstrou algumas fragilidades em alguns momentos. O que importa reter é que tanto a banda, como o som, como o público estiveram no seu melhor nível, sendo mais que um aquecimento para Sabaton. Foi um verdadeiro desafio que os Accept deixaram para a banda cabeça-de-cartaz.

Não sabemos bem se houve propriamente um vencedor, já que as duas bandas são bastante diferentes pelo que qualquer comparação seria logo à partida inútil. O que podemos dizer é que apesar da reacção extremamente positiva por parte do público aos Accept, grande parte do mesmo estava lá por serem fãs dos Sabaton, pelo que a espera a que todos os preparativos obrigaram fizeram com que a antecipação fosse crescendo até níveis insuportáveis. Primeiro, teve-se direito a uma intro orquestral longa que preparou o público para o espectáculo que estava prestes a começar. Depois foi a vez da versão que a banda fez de "In The Army Now", clássico single do duo sul-africano Bolland & Bolland e popularizado pelos Status Quo. Enquanto a gravação se fazia ouvir no Coliseu, tínhamos dois soldados com detectores de minas a colocar o aviso de perigo. Um dos muitos excemplos de como a parte cénica pode resultar de forma simples.

"The Ghost Division" deu o mote para o início da actuação. Assim que o pano foi aberto e o palco ficou revelado por completo, pudemos ver o belo do tanque em todo o seu esplendor, um nível de componente cénica que não é muito comum ver no Coliseu do Porto. Algo a que apenas nos ficámos habituados a ver em bandas como Iron Maiden e que mostra que os Sabaton são seus mais que dignos sucessores. "Sparta" foi outro dos casos onde vimos a componente

cénica a brilhar, com uma série de figurantes vestidos de soldades espartanos a marcar o ritmo da música com as suas lanças e escudos.

O último álbum de originais "The Last Stand" foi o centro das atenções, demonstrando a confiança no mesmo, apesar de, na nossa opinião, como falámos nestes mesmas páginas, este álbum é inferior aos últimos trabalhos dos Sabaton. Ainda assim, pudemos constantar que os temas escolhidos resultam muito bem cima do palco, melhor do que em disco. O impacto pelo menos é bem mais forte e a reacção do público a temas como "The Last Stand" e "The Blood Of Bannockburn" foi equiparável à reacção a outros clássicos.

Por falar em clássicos, "Swedish Pagans", "Carolus Rex" e a inevitável "Primo Victoria" não poderiam deixar de aparecer, temas que são dos favoritos dos fãs e que mostram bem o estatuto que a banda já atingiu. Não só das suas músicas mais orelhudas dependeu a banda, espalhando a sua simpatia em diversas intervenções onde normalmente pontuava a boa disposição principalmente entre o frontman Joakim Brodén e o guitarrista Chris Rörland. Num desses momentos, Brodén relembrou a primeira vez em que os Sabaton estiveram em Portugal, numa digressão com Edguy. Nessa época ele tocava teclados e cantava. Com um teclado no centro do palco, gerou-se uma brincadeira em que se insinuou que ele já não sabia tocar e que caberia ao novo guitarrista Tommy Johansson assumir esse papel. O resultado foi uma bem conseguida versão acústica da "The Final Solution".

Temas sucedendo-se rapidamente (e podemos apontar duas razões para este factor. Primeiro, as músicas da banda são curtas e segundo, o público estava mesmo absorvido pela actuação da banda sueca) e em pouco tempo chegou-se à recta final do espectáculo, terminando com um tema que já se tornou um verdadeiro clássico: "To Hell And Back" do anterior trabalho, "Heroes." Apesar das dúvidas com que o último trabalho nos deixou (e sobre o qual também não mudámos a opinião), é inegável que em cima do palco os Sabaton são uma máquina bem oleada e que estabelece uma forte ligação com o seu público, sabendo perfeitamente dar um espectáculo memorável. E foi precisamente isso que se viveu na gelada noite de vinte de Janeiro de 2017, onde cá fora a temperatura poderia estar muito baixa (a roçar os negativos) mas lá dentro o calor era mais que muito. Uma grande noite de heavy metal, para todas as gerações e gostos.